



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

**RONALD TAVARES LEÃO MORET**

**A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO EM INSTITUTOS FEDERAIS DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA: sentidos, práticas e desafios a  
partir das Bibliotecas Multiníveis**

**VITÓRIA (ES)**

**2022**

**RONALD TAVARES LEÃO MORET**

**A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO EM INSTITUTOS FEDERAIS DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA: sentidos, práticas e desafios a  
partir das Bibliotecas Multiníveis**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Ciência da Informação

**Área de concentração:** Informação, Sociedade e Cultura

**Linha de pesquisa:** Cultura, Mediação e Uso da Informação.

**Orientadora:** Dr<sup>a</sup> Marta Leandro da Mata.

**VITÓRIA (ES)**

**2022**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

M844c Moret, Ronald Tavares Leão, 1989-  
A Competência em Informação em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia : sentidos, práticas e desafios a partir das Bibliotecas Multiníveis / Ronald Tavares Leão Moret. - 2022.  
185 f. : il.

Orientadora: Marta Leandro da Mata.  
Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.

1. Letramento Informacional. 2. Ensino profissional. 3. Institutos federais de educação, ciência e tecnologia. I. Mata, Marta Leandro da. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 001

---

**RONALD TAVARES LEÃO MORET**

**A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO EM INSTITUTOS FEDERAIS DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA: sentidos, práticas e desafios a  
partir das Bibliotecas Multiníveis**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação

Aprovado em: 02/09/2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Dra. Marta Leandro da Mata  
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

---

Títular: Dra. Meri Nadia Marques Gerlin  
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

---

Títular: Dra. Adriana Rosecler Alcará  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

*À Deus, à família e aos amigos!*

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço aos meus familiares em geral, mas especialmente aos meus avós, Sebastião Luiz Moret (in memorian), Anizia Leão Moret e Júlia Tavares. Aos meus pais Ronaldo Leão Moret e Rosalina Tavares, pelo exemplo de vida e superação, pelo amor dispensado em forma de correções, instruções, autonomia e cuidado, mesmo com poucos estudos e não integrados à cultura letrada. Aos meus irmãos Juliano (in memorian), Nicolás (in memorian), Raiellen, Kaylane pelo apoio e paciência.*

*À minha orientadora Marta Leandro da Mata, por todos os ensinamentos, a atenção e a orientação nesses dois anos de trabalho em meio a uma pandemia e, principalmente, por ter contribuído para minha a formação acadêmica a partir de um viés humano e solidário, sem com isso abrir mão da disciplina e rigidez necessárias ao meu desenvolvimento.*

*Às Prof. Dra. Adriana Rosecler Alcará e Prof. Dra. Meri Nadia Marques Gerlin, por fazerem parte de minha banca de qualificação e de defesa da dissertação com preciosíssimas e significativas contribuições ao desenvolvimento desta pesquisa.*

*Às Profa. Dra. Gleice Pereira e a Prof. Dra. Camila Araújo dos Santos, por aceitarem participar como suplentes da banca de defesa de mestrado.*

*Aos bibliotecários de bibliotecas multiníveis e aos gestores das coordenadorias, diretorias, departamentos, sistemas e redes de bibliotecas de Institutos Federais e Colégio Pedro II por colaborarem prontamente com a presente pesquisa.*

*Aos professores do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, em especial as Profa. Dra. Eliane Bezerra Paiva; Profa. Dra. Marynice Medeiros de Matos Autran, Profa. Dra. Rosa Zuleide Lima de Brito e Profa. Ma. Maria Amélia Teixeira da Silva por me possibilitarem uma formação sólida com contribuições teórica, prática e ética que me permitiram progredir nos*

*estudos, viabilizando a minha chegada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Espírito Santo.*

*Às bibliotecárias Ma. Marília Mesquita Guedes Pereira, Bacharela Daiana Basílio da Silva e Ma. Ediane Souza de Lima, pela competência e comprometimento ético e profissional. Por sempre incentivarem, subsidiarem e apoiarem o meu progresso com relevantes contribuições práticas mediante viés humanitário, respectivamente, enquanto, orientadoras de projeto de extensão na Universidade Federal da Paraíba e de estágios na biblioteca do Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU - João Pessoa) e no arquivo e na biblioteca da Unidade de Marketing e Comunicação do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas da Paraíba (Sebrae - PB).*

*Aos membros dos grupos de pesquisa “Competência em Informação e processos Inter-relacionados” (UFES) e “Informação e Cognição” (UEL) pelos agradáveis e enriquecedores momentos de compartilhamento de informação, conhecimentos e experiências.*

*Aos meus colegas da segunda turma de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFES que contribuíram, apoiaram e incentivaram o meu progresso com ideias, palavras de ânimo, força e incentivo. Vocês foram fundamentais nos diversos itinerários que passei nessa trajetória formativa.*

*À minha querida amiga, advogada, pedagoga e companheira de leitura, reflexões e debates Maria Valquiria Barbosa Santana que sempre me apoiou, incentivou e contribuiu para que eu chegasse a reta final. Da fase de concepção e escrita do pré projeto a fase da defesa, sempre lendo, sugerido e questionando caminhos escolhidas com vistas a uma construção dialógica de saberes e conhecimentos, pautada pela visão ética, crítica, política e acima de tudo solidária.*

## RESUMO

A Competência em Informação tem a sua gênese na década de 1970 nos Estados Unidos da América em um contexto de grandes transformações sociotécnicas. Inicialmente ligada à indústria da informação norte-americana, o tema expandiu-se e alcançou outros setores da sociedade. No Brasil, sua chegada tardia nos anos 2000 foi inaugurada a partir de reflexões que a inter relacionava ao papel das bibliotecas no contexto educacional. Passados pouco mais de vinte anos desde as pesquisas iniciais em solo brasileiro, esta investigação analisou as ações das bibliotecas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia quanto à oferta de recursos/produtos/serviços orientados ao desenvolvimento da Competência em Informação. Tratou-se de uma pesquisa exploratória de abordagem quanti-qualitativa, tendo o questionário como instrumento de coleta de dados e a análise de conteúdo de Bardin com método analítico. Como resultado aponta-se que as bibliotecas multiníveis que trabalham em prol do desenvolvimento da Competência em Informação a fazem predominantemente sob a dimensão técnica, sendo secundário o enfoque nas dimensões ética, estética e política. As iniciativas são majoritariamente pontuais, sendo incipiente a adoção de projetos e programas. Majoritariamente as ações refletem confusão conceitual que impactam na plena promoção da Competência em Informação. Por fim, evidencia-se que, embora promovam ações que desenvolvem certas habilidades, atitudes e conhecimentos relacionadas à Competência em Informação, isso não ocorre de forma homogênea, consolidada e em níveis satisfatórios, indicando a necessidade de investir em recursos financeiros, tecnológicos e na ampliação dos talentos humanos dessas bibliotecas, além de promover a formação continuada de seus profissionais, com vista ao aprimoramento de sua prática pedagógica a partir de concepções teórico conceituais coerentes com o desenvolvimento da Competência em Informação no âmbito da educação profissional e tecnológica.

**Palavras-chave:** Competência em Informação. Educação Profissional e Tecnológica. Institutos Federais. Bibliotecas Multiníveis.

## ABSTRACT

Information Literacy has its genesis in the 1970s in the United States of America in a context of major sociotechnical transformations. Initially linked to the North American information industry, the theme expanded and reached other sectors of society. In Brazil, its late arrival in the 2000s was inaugurated from reflections that interrelated it with the role of libraries in the educational context. A little over twenty years after the initial research on Brazilian soil, this investigation analyzed the actions of the libraries of the Federal Institutes of Education, Science and Technology regarding the provision of resources/products/services aimed at the development of Information Literacy. It was an exploratory research with a quantitative and qualitative approach, using the questionnaire as a data collection instrument and Bardin's content analysis as an analytical method. As a result, it is pointed out that the multilevel libraries that work towards the development of Information Literacy do so predominantly under the technical dimension, with a secondary focus on the ethical, aesthetic and political dimensions. The initiatives are mostly one-off, with the adoption of projects and programs being incipient. Most of the actions reflect conceptual confusion that impact on the full promotion of Information Literacy. Finally, it is evident that, although they promote actions that develop certain skills, attitudes and knowledge related to Information Literacy, this does not occur in a homogeneous, consolidated and satisfactory manner, indicating the need to invest in financial, technological and technological resources. expansion of the human talents of these libraries, in addition to promoting the continuing education of its professionals, with a view to improving their pedagogical practice based on conceptual theoretical conceptions consistent with the development of Information Competence in the scope of professional and technological education.

**Keywords:** Information Literacy. Professional and Technological Education. Federal Institutes. Multilevel Libraries.

## LISTA DE FIGURA

<b>Figura 1 -</b>	Elementos de divergência entre a competência em informação e a educação de usuários .....	48
-------------------	---	----

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> -	Frequência que leem, ouvem ou assistem a algum conteúdo sobre Colnfo - bibliotecários .....	86
<b>Gráfico 2</b> -	Frequência que leem, ouvem ou assistem a algum conteúdo sobre Colnfo - Gestores .....	86
<b>Gráfico 3</b> -	Competência em <i>versus</i> Educação de Usuários - Gestores .....	89
<b>Gráfico 4</b> -	Concepções acerca do que é necessário para que o desenvolvimento da Colnfo seja contínuo na comunidade escolar e acadêmica - Gestores .....	92
<b>Gráfico 5</b> -	Importância em promover a Colnfo por meio das Bibliotecas Multiníveis - Bibliotecários .....	95
<b>Gráfico 6</b> -	Frequência que bibliotecas dos Institutos Federais realizavam ações para o desenvolvimento da Colnfo segundo os bibliotecários .....	103
<b>Gráfico 7</b> -	Frequência que a Colnfo era objeto de no âmbito dos Sistemas / Redes / Coordenadorias e ou Diretorias .....	104
<b>Gráfico 8</b> -	Ações voltadas à Colnfo nos últimos três anos .....	104
<b>Gráfico 9</b> -	Frequência que ações de Colnfo recebem apoio pedagógico e institucional .....	111
<b>Gráfico 10</b> -	Formato das ações de Colnfo .....	113
<b>Gráfico 11</b> -	Frequência que as ações de Colnfo é contextual a realidade do aprendiz .....	114
<b>Gráfico 12</b> -	Frequência que ações de Colnfo identificam o escopo, os objetivos, as metas, métodos e diretrizes .....	115
<b>Gráfico 13</b> -	Frequência que as ações de Colnfo são integradas ao currículo .....	117
<b>Gráfico 14</b> -	Frequência que as ações de Colnfo promovem o pensamento crítico, a reflexão e a aprendizagem recursiva .....	122
<b>Gráfico 15</b> -	Frequência que os estudos de usuários são realizados para embasamento das ações de Colnfo .....	124
<b>Gráfico 16</b> -	Frequência que as ações de Colnfo alinham-se a missão institucional .....	126

<b>Gráfico 17</b> - Frequência que ações de ColInfo são avaliadas pela equipe executora e os usuários .....	128
<b>Gráfico 18</b> - Frequência que as ações de ColInfo utilizam recursos de mídia e tecnologia da informação relevante e apropriada ao aprendizado .....	130
<b>Gráfico 19</b> - Recursos de comunicação utilizados pela biblioteca para promover as ações de ColInfo .....	131
<b>Gráfico 20</b> - Desafios, dificuldades e limitações a promoção da ColInfo nos Institutos Federais - Bibliotecários .....	134
<b>Gráfico 21</b> - Ações para que o desenvolvimento da ColInfo seja “realidade” na comunidade escolar e acadêmica - Gestores .....	137

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Framework para desenvolvimento da Colnfo na Educação Superior .....	41
<b>Quadro 2</b> - Características de programas de Colnfo que ilustram melhores práticas .....	42
<b>Quadro 3</b> - Síntese das dimensões da Competência em Informação .....	54
<b>Quadro 4</b> - Tipologias de bibliotecas quanto à finalidade .....	63
<b>Quadro 5</b> - Instituições de origem dos participantes da pesquisa .....	70
<b>Quadro 6</b> - Estratégias de Busca .....	72
<b>Quadro 7</b> - Objetivos Específicos <i>versus</i> procedimentos metodológicos .....	73
<b>Quadro 8</b> - Categorias Análíticas - Questionário Bibliotecários .....	81
<b>Quadro 9</b> - Categorias Análíticas - Questionário Gestores .....	83
<b>Quadro 10</b> - Compreensões de gestores em torno da Educação de Usuários e da Colnfo .....	90

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 -</b>	Percepções conceituais dos bibliotecários em torno da Competência em Informação .....	87
<b>Tabela 2 -</b>	Concepção dos serviços e produtos que contribuem especificamente para o desenvolvimento da ColInfo na visão dos gestores .....	93
<b>Tabela 3 -</b>	Papel dos bibliotecários no desenvolvimento da ColInfo sob o ponto de vista de gestores de sistemas / rede / diretoria / coordenação de bibliotecas .....	96
<b>Tabela 4 -</b>	Compreensão dos gestores de sistemas / rede / diretoria / coordenação de bibliotecas quanto ao seu papel no desenvolvimento da ColInfo .....	98
<b>Tabela 5 -</b>	Ações realizadas no âmbito das bibliotecas Multiníveis que contribuem especificamente para o desenvolvimento da ColInfo segundo seus bibliotecários .....	107
<b>Tabela 6 -</b>	Habilidades, conhecimentos e atitudes desenvolvidas com as ações de ColInfo das Bibliotecas Multiníveis .....	119
<b>Tabela 7 -</b>	Subcategorias de Desafios, dificuldades e limitações .....	135
<b>Tabela 8 -</b>	Necessidades para o desenvolvimento da ColInfo em todas as bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional Tecnológica segundo os gestores .....	136
<b>Tabela 9 -</b>	Limitações e dificuldades para o desenvolvimento da ColInfo sob o ponto de vista dos gestores .....	139

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AASL	American Association of School Librarians
ACRL	Association of College & Research Libraries
AECT	Association for Educational Communications and technology
ALA	American Library Association
ALV	Aprendizado ao longo da vida
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBBB	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação
CBBI	Comissão Brasileira de Bibliotecas das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica
CEFETs	Centros Federais de Educação Tecnológica
CEFET-RJ	Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca
CEFET-MG	Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
ColInfo	Competência em Informação
CONIF	Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica
CI	Ciência da Informação
EAFs	Escolas Agrotécnicas Federais
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
EUA	Estados Unidos da América
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
ETFs	Escolas Técnicas Federais
FIC	Formação Inicial e Continuada
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições
IF Baiano	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
IFs	Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia
IL	Information Literacy
UNEDs	Unidades Descentralizadas de Ensino

ONU	Organização das Nações Unidas
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PPPI	Projeto Político-Pedagógico Institucional
RFEPT	Rede Federal de Educação Profissional, Técnica e Tecnológica
SNBU	Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>18</b>
<b>2 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: ASPECTOS CONTEXTUAIS, HISTÓRICOS E CONCEITUAIS</b>	<b>27</b>
2.1 A Sociedade da Informação	27
2.2 A Competência em Informação e sua evolução histórica e conceitual	30
2.3 A Competência em Informação e a Educação de Usuários: aproximações e distanciamentos	44
2.4 A Competência em Informação no contexto brasileiro: questões terminológicas e conceituais	49
<b>3 REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO TÉCNICA, PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA</b>	<b>57</b>
3.1 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia	59
3.2 Bibliotecas dos Institutos Federais: origem, características e finalidades	61
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	<b>65</b>
4.1 Caracterização da pesquisa	65
4.2 Universo de pesquisa	66
4.2.1 Participantes da pesquisa	69
4.3 Procedimentos e instrumentos para a coleta de dados	71
4.4 Forma de análise dos dados	78
<b>5 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>85</b>
5.1 Compreensões acerca da ColInfo	85
5.2 Serviços e Produtos de Coinfo	103
5.3 Desafios, limitações e dificuldades	133
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>142</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>148</b>
<b>APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido</b>	<b>163</b>
<b>APÊNDICE B - Questionário encaminhado aos bibliotecários de bibliotecas multiníveis</b>	<b>164</b>
<b>APÊNDICE C - Questionário encaminhado aos gestores de coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas de Institutos de Federais</b>	<b>176</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As céleres transformações promovidas no contexto da “sociedade pós industrial”, principalmente as relacionadas à evolução das tecnologias de informação e comunicação (TICs), vêm provocando alterações significativas no comportamento informacional dos indivíduos, nos modos de aprendizagem e, conseqüentemente, na produção de conhecimento.

Ao desenvolverem-se com extrema rapidez, as TICs aumentam exponencialmente a geração de dados e criam “[...] um ambiente cada vez mais complexo, no qual as múltiplas facetas da informação se manifestam em distintos níveis.” (DUDZIAK, 2013, p. 209). A cibercultura caracteriza o paradigma vigente, moldando os processos de produção, comunicação, circulação e apropriação da informação pelos indivíduos. Por esse ângulo, os ciberespaços desvelam-se como o *locus* de praticamente todas as relações sociais (LÉVY, 2010), porquanto a constituição, contestação e ressignificação de poder nas sociedades moldam-se também sob os ditames e influências advindas das redes.

Perante esse *modus operandi*, novos regimes de informação ascendem com lemas aparentemente democratizantes, todavia, impregnados de condutas essencialmente imperialistas e monopolizadoras. Sob esses regimes, o nível, o tipo e a qualidade de acesso a dados e a informações que determinados grupos, países e/ou etnias podem ter, são pré-definidos a partir de interesses políticos e econômicos de grupos hegemônicos. Por efeito, um contingente crescente de sujeitos seguem desinformados, manipuláveis e envoltos em um universo limitado e limitante que minimiza as possibilidades de mobilidade e mobilização social dos indivíduos em vulnerabilidade permitindo que a concentração de poder seja cristalizada nos setores tecnológicos e midiáticos.

Ante essa conjuntura, exige-se dos sujeitos a capacidade de adaptabilidade para sobrepujar os desafios do avanço tecnológico e das multiformes configurações sociais emergentes, de modo que novas habilidades, conhecimentos e atitudes possam ser empregados para compreender, questionar e superar os rumos da civilização pós moderna, fortemente moldada por um regime de pós-verdade (BRISOLA; ROMEIRO 2018).

A educação, a informação e o conhecimento são preponderantes para esses novos arranjos sociais, especialmente no que tange à manutenção, à contestação e

à reconfiguração dessas relações de poder. Em um cenário de mudança global, a informação é, portanto, percebida como um produto de valor agregado necessário ao desenvolvimento socioeconômico e cultural de uma nação e/ou organização (TAKAHASHI, 2000), o que a coloca no epicentro de toda e qualquer atividade humana. Assim, a informação e o conhecimento constituem-se em insumos imprescindíveis para a vantagem competitiva, o desenvolvimento tecnológico, cultural e socioeconômico de uma nação e/ou organização, como ao pleno exercício da cidadania no contexto das Sociedades da Informação e do Conhecimento (SANTOS, 2017).

Imersos em um ambiente cada vez mais digital, globalizado e complexo, os indivíduos necessitam ser competentes em informação, a fim de que tenham condições de aprender a aprender, mediante o uso técnico, ético, político e criativo da informação. Essa exigência do “ser competente” não deve ser compreendida como uma necessidade imanente aos interesses do capital, mas como instrumentalização do indivíduo a fim de que tenha condições de transcendê-lo.

Ao conhecer os processos implícitos e explícitos que envolvem a produção, organização, disseminação em massa e uso da informação na sociedade, potencializa-se as capacidades dos sujeitos em distinguir o que é fruto da racionalidade e o que é da racionalização.

Para tanto, a educação do presente e do futuro deve ser comprometida com a autonomia, a formação do pensamento crítico e o empoderamento dos indivíduos, que são ao mesmo tempo: físicos, biológicos, psíquicos, culturais, sociais e históricos (MORIN, 2018). Nessa perspectiva, o desenvolvimento de aptidões gerais da mente permitem o melhor desenvolvimento das competências particulares ou especializadas, levando os sujeitos a refletirem sobre sua condição humana, enquanto seres interdependentes, situados no universo e não desconexo dele (MORIN, 2018). Desta feita, é imprescindível que práticas educacionais transdisciplinares que valorizem os conhecimentos pertinentes, que considerem as relações entre os objetos geradores e estabeleça mútua relação entre as partes sejam implementadas pelos sistemas de ensino em todos os níveis educacionais.

As bibliotecas, nas mais distintas configurações ou tipologias, são instrumentos estratégicos para criação de um ambiente favorável à formação crítica e autônoma dos sujeitos. Ao se posicionarem em favor da democratização do acesso físico e intelectual à informação, elas se tornam fonte real e vívida de

transformação cultural e social (DUDZIAK, 2001). Logo, as bibliotecas potencializam o aprendizado de habilidades, atitudes e valores que propiciam os indivíduos atuarem sobre a realidade, a partir do uso reflexivo, político, criativo e ético da informação (MATA; CASSARO; CASARIN 2014), pois embora a ColInfo se cristalice mediante vivências informacionais em distintos ambientes, é nas bibliotecas e instituições educacionais que ela possui as melhores condições de desenvolvimento por meio de programas (ACRL, 2016).

A partir desse enquadramento, as bibliotecas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) também se constituem em organismos relevantes para o desenvolvimento da ColInfo no Brasil, principalmente por conta de suas especificidades. Ao surgirem, a partir das transformações decorrentes da reestruturação da Rede Federal de Educação Profissional, Técnica e Tecnológica (RFEPT), promovidas principalmente pela Lei 11.892/2008 que também criou os IFs no Brasil, essas unidades de informação deixaram de ser estritamente bibliotecas escolares para serem transformadas em organizações que simultaneamente desenvolvem ações típicas de bibliotecas públicas, escolares, universitárias e especializadas.

Essa nova configuração surgida em um ambiente político, econômico e social de grande mudanças advindas de influências do capitalismo neoliberal exigiu também a ressignificação dessas bibliotecas. Os serviços e produtos agora precisam dar conta das dimensões pedagógica, cultural, científica, social e política, com o objetivo de atender as necessidades informacionais de um público muito diversificado, o que reforça a sua potencialidade e responsabilidade na formação de sujeitos competentes em informação.

Atentos a essas questões, bibliotecários e cientistas da informação brasileiros, influenciados pelos diversos movimentos internacionais de *information literacy* (IL) intensificaram no início de 2000, o aprofundamento das reflexões acerca da dimensão social e educativa das bibliotecas perante o paradigma em ascensão. Tal cenário propiciou avançar na formação de usuários, voltada simplesmente ao uso das coleções de bibliotecas, museus, arquivos e centros de documentação em direção à formação de sujeitos competentes em informação.

Essa nova visão, redirecionou os debates acadêmicos concernentes ao papel dos sistemas de informação frente aos desafios políticos, educacionais, sociais e

econômicos emergentes na chamada Sociedade da Informação. Nesse ínterim, a ColInfo progressivamente foi alçada à subárea da Ciência da Informação (CI) e considerada imprescindível para a garantia de direitos fundamentais e minimização dos *gaps* de desenvolvimento social e humano relacionados ao acesso, ao uso e à produção de informação e conhecimento.

Ainda assim, os estudos e as ações referentes à ColInfo necessitam ser amplificadas em diversos eixos temáticos, conforme apontou pesquisa de Mata (2021) que analisou a produção científica dos últimos cinco anos do Encontro Nacional de Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB) relacionada a sua contribuição para o campo da CI no Brasil. Ao identificar lacunas investigativas a partir do indicador “ColInfo e políticas e estratégias”, proposto por Belluzzo (2017) para mapeamento de pesquisas sobre o tema, Mata (2021) apontou ser ainda incipiente e/ou introdutório à publicação de trabalhos científicos sobre a ColInfo no âmbito das bibliotecas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs). Não obstante, nos últimos sete anos, progressivamente os bibliotecários que atuam em bibliotecas multiníveis passaram a demonstrar maior interesse a respeito do desenvolvimento da ColInfo a partir destes espaços.

As atividades dos Programas de Pós-graduação em CI no Brasil, principalmente em nível de mestrado, vêm contribuindo para minimizar essas lacunas investigativas. Estudos de casos como os realizados por Almeida, J. (2015) que propõe olhar para as bibliotecas dos Institutos Federais como organizações aprendentes, a partir da ColInfo; Santos (2017) que propôs um framework para o seu desenvolvimento na Educação Profissional e Tecnológica; Dupin (2018) que a colocou como subsídio às atividades de pesquisa em cursos de matriz tecnológica e Jacobsen (2019) que trabalhou a pesquisa científica na pós-graduação correlacionado-a a ColInfo como uma proposta tecnológica, são evidências de que sua inserção no contexto da Educação Profissional Tecnológica (EPT) vem ganhando espaço nos últimos cinco anos. Todavia, por serem unidades de informação resultantes de reconfigurações do sistema educacional brasileiro, promovidas principalmente pela Lei 11.892/2008, torna-se imprescindível ampliar esse debate, tendo como recorte a biblioteca multinível para que a disseminação de conhecimentos a respeito da ColInfo nestes espaços seja investigada de modo pragmático, conforme já ocorre nos ambientes exclusivamente escolares e

universitários, colaborando deste modo com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Esse conjunto de variáveis concorreram para que no exercício das atividades de bibliotecário no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano) aflorasse inquietações pessoais e profissionais quanto aos novos desafios para a adoção de saberes e fazeres que culminassem em ações, projetos e/ou programas orientados à Colnfo que estivessem concatenados aos objetivos, à missão e às finalidades do IFs.

No bojo dessas reflexões indagava-se se a Colnfo fazia parte da rotina das bibliotecas dos IFs; se ela se constitui por meio de ações isoladas, de projetos ou de programas; se as iniciativas eram institucionalizadas ou apenas localizadas no âmbito das bibliotecas; se os desafios para construção e implementação de iniciativas dessa natureza apresentavam mais similitudes ou disparidades; se adotavam os princípios da interdisciplinaridade e verticalização dos saberes; se as práticas eram contextualizadas e experienciais e que pressupostos teóricos, conceituais, dimensionais e metodológicos fundamentam as práticas.

A motivação para pesquisar o tema no âmbito das bibliotecas dessas instituições emergiu a partir do compromisso pessoal e profissional de desenvolver ações de informação que contribuíssem para uma formação omnilateral dos sujeitos que constituem a comunidade escolar e acadêmica dessas organizações, mediante a oferta de produtos ou serviços de informação que aumentasse a relevância da biblioteca e dos serviços bibliotecários frente aos desafios educacionais impostos pelo modelo social vigente.

A partir disso, definiu-se como questão problema desta dissertação as seguintes perguntas: As bibliotecas dos Institutos Federais trabalham com ações, projetos ou programas orientados ao desenvolvimento da Colnfo em seus usuários? Em que formatos ou configurações essas iniciativas se consolidam? Quais bases conceituais são utilizadas?

Justifica-se essa questão de pesquisa, a partir da potencialidade social e científica que seus resultados podem proporcionar. A Competência em Informação (Colnfo), enquanto uma subárea da CI vem sendo pesquisada desde a década de 1970 nos Estados Unidos da América (EUA), e sua aplicação tem sido avaliada nos mais diversos contextos. No Brasil, os primeiros estudos datam dos anos 2000 e

desde então diversas iniciativas voltadas ao ensino, à pesquisa e à extensão em torno do tema são desenvolvidas. A ColInfo vem se consolidando em solo brasileiro, de modo que as investigações multiplicam-se agregando novos olhares, pressupostos e práticas ao movimento, permitindo que diversas dimensões sejam consideradas como imprescindíveis à sua efetivação.

Em uma conjuntura envolta em constantes transformações, perpassadas por fenômenos informacionais, considera-se fundamental a ampliação de pesquisas que ambicionam investigar a ColInfo nos mais diversos ambientes. Esses aspectos tornam-se ainda mais relevantes, ao passo que o objeto desse estudo tem como premissa a identificação de práticas pedagógicas em bibliotecas dos IFs.

Com este estudo preocupa-se em verificar como as bibliotecas têm atuado na preparação de indivíduos para aprenderem ao longo da vida, de modo que tenham condições de acompanhar, intervir e adaptar-se a essas dinâmicas do mundo globalizado e globalizante com autonomia e criticidade. A esse respeito, acrescenta-se que esta investigação parte do pressuposto “[...] que o desenvolvimento de competências que permitam o uso consciente, criativo e benéfico da informação tornou-se essencial para a atuação do indivíduo no contexto social contemporâneo” (OTTONICAR; SILVA; BELLUZZO; 2018. p. 26).

Assim, sob esta perspectiva social, esta pesquisa poderá auxiliar a comunidade bibliotecária e demais gestores educacionais a refletirem a respeito do papel que a ColInfo pode exercer na melhoria dos processos formativos dos sujeitos que fazem parte da EPT. Especificamente no âmbito dos Institutos Federais e de suas bibliotecas, a contribuição se dará na geração de dados e informações que poderão subsidiar as tomadas de decisões quanto à concepção, ao planejamento e à implementação de propostas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento de habilidades e competências, em especial, da ColInfo, de forma articulada aos currículos. Propiciará ainda, uma panorama geral a respeito do tema, que permitirá às organizações e instituições profissionais, educacionais e de pesquisa identificarem nichos que precisam de investimentos e intervenções a fim de que o desenvolvimento da ColInfo torne-se realidade em todos os segmentos da sociedade brasileira.

No tocante ao prisma científico, a geração de novos conhecimentos acerca do universo pesquisado contribuirá diretamente para as áreas da Biblioteconomia,

da Ciência da Informação e da Educação, uma vez que essa tipologia de unidade de informação se constitui em um fenômeno específico, relativamente recente, no qual não dispomos de pesquisas suficientes para obter um panorama geral em relação à sua atuação na promoção da ColInfo. Não obstante, a relevância científica poderá ser também observada de forma indireta para as demais áreas do conhecimento, graças ao caráter transdisciplinar da ColInfo que decorre da sua natureza teórica e prática que está intimamente relacionada com as formas de acesso, uso, mediação, produção e disseminação da informação e do conhecimento de maneira ética, crítica e criativa.

Portanto, com a expectativa de contribuir com a expansão de conhecimento no campo da Ciência da informação essa investigação, inseriu-se na linha de pesquisa: Cultura, Mediação e Uso da Informação do Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Espírito Santo, dado as suas características e finalidades.

Considerando toda esta conjuntura, em um movimento de aprofundamento no universo do estudo, delimitou-se como objetivos:

**Objetivo geral:**

- Analisar as ações das bibliotecas do Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia quanto à oferta de recursos/produtos/serviços orientados ao desenvolvimento da Competência em Informação.

**Objetivos específicos:**

1. Investigar as concepções teórico-práticas corrente nas Bibliotecas Multiníveis sobre a Competência em Informação;
2. Mapear os serviços, produtos, ações e/ou programas voltados ao desenvolvimento da Competência em Informação oferecidos por essas bibliotecas;

3. Compreender como as bibliotecas multiníveis promovem serviços, produtos, ações e/ou programas voltados ao desenvolvimento da Competência em Informação;
4. Sistematizar as principais barreiras, dificuldades e desafios que os bibliotecários e os gestores dos sistemas/coordenadorias/ diretorias de bibliotecas dos Institutos Federais enfrentam para a concepção e execução de serviços, produtos, ações e/ou programas voltados ao desenvolvimento da Competência em Informação em âmbito institucional;

Os procedimentos metodológicos adotados contaram primariamente com um levantamento da literatura científica da biblioteconomia e Ciência da Informação para subsidiar a composição do estado da arte sobre o tema e a elaboração de dois questionários baseados nas “Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente” (LAU, 2007), no “Framework para desenvolvimento da ColInfo na Educação Superior” (ACRL, 2016) e nas “Características de Programas de ColInfo que ilustram melhores práticas” (ACRL, 2019).

O universo da pesquisa foi constituído de bibliotecas multiníveis e de coordenadorias, diretorias, redes e sistemas de bibliotecas dos IFs, tendo como população 70 bibliotecários atuantes nesses espaços dos 199 previstos e 17 gestores dos 38 IFs existentes. Por se tratar de uma quantidade de participantes relativamente ampla, utilizou-se a técnica *survey*, operacionalizada através do *google forms*, ferramenta eletrônica, disponibilizada gratuitamente pelo *Google* que permite um acesso prático e rápido aos participantes e também a tabulação dos dados. O questionário foi adotado como instrumento de coleta de dados e a análise de conteúdo de Bardin (2021) como técnica fundamental para o exame, a interpretação e a apresentação dos resultados.

A dissertação foi estruturada em seis seções. A primeira, corresponde a presente seção, em que são apresentados o contexto da discussão, a temática, a justificativa, o problema, os objetivos e os procedimentos metodológicos.

Na seção dois, apresenta-se uma breve exposição dos aspectos contextuais, históricos e conceituais da ColInfo, de modo que discorre-se brevemente a respeito

da sociedade da informação, da evolução histórico-conceitual da ColInfo e a sua introdução no Brasil. Aborda-se ainda as questões terminológicas e paradigmáticas que atravessam o seu desenvolvimento conceitual e prático.

Na seção três, é apresentado um breve histórico da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, demonstrando ao longo dos últimos 100 anos as principais transformações ocorridas até que essa rede fosse oficialmente organizada e os Institutos Federais criados pelo governo brasileiro. Apontou-se ainda elementos relevantes para compreender a origem, as características e as finalidades das bibliotecas destas novas instituições, denominadas nesta dissertação de Biblioteca multinível, em busca de fazer coro junto a outros que a defendem como uma tipologia emergente de unidade de informação, resultante das transformações socioeconômicas que impactaram a educação brasileiras nas últimas duas décadas.

A seção quatro descreve minuciosamente os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

A seção de número cinco constitui-se da apresentação, da análise e da discussão dos dados à luz do referencial teórico adotado para fundamentar esta dissertação e da literatura científica sobre o tema.

Por fim, apresenta-se na seção seis as considerações finais a respeito dos resultados obtidos e sua relação com a problemática e os objetivos desta pesquisa.

## **2 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: ASPECTOS CONTEXTUAIS, HISTÓRICOS E CONCEITUAIS**

Aborda-se nesta seção a apresentação da Sociedade da Informação como enquadramento social que influenciou a gênese do movimento da ColInfo, discorre-se sobre sua evolução histórica e conceitual, a inter relação com a Educação de Usuários, sua chegada ao Brasil e os desdobramentos terminológicos e conceituais de sua contextualização à realidade nacional.

### **2.1 A Sociedade da Informação**

As céleres mutações econômicas, sociais e culturais que ocorreram a nível global no pós guerra e, mais especificamente, nas últimas cinco décadas, ressignificaram o papel da informação na sociedade, principalmente, a partir da introdução das TICs no sistema de produção e acumulação de capital.

As relações de poder, dantes, assentadas na propriedade privada de terras e, posteriormente, na produção de bens industriais, agora encontram seu vórtice na informação, de modo que esta passou a ser insumo estratégico para a formatação de cenários políticos, econômicos e sociais. Por esse ângulo, tal “novo” modelo de sociedade

[...] refere-se a um modo de desenvolvimento social e econômico em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição e disseminação de informação conducente à criação de conhecimento e à satisfação das necessidades dos cidadãos e das empresas, desempenham um papel central na atividade econômica, na criação de riqueza, na definição da qualidade de vida dos cidadãos e das suas práticas culturais (PORTUGAL, 1997, p. 9).

Tanto na esfera local e/ou regional como em âmbito global, “na medida em que o conhecimento e a tecnologia se transformaram no recurso central da sociedade, tornam-se inevitáveis certas decisões políticas” (BELL, 1974, p. 299), que “[...] conduzem a uma modificação também substancial das formas sociais de espaço e tempo e ao aparecimento de uma nova cultura” (BELLUZZO, 2014, p. 52).

O surgimento desse novo paradigma social não resulta da ruptura com os antigos monopólios de poder que sustentavam as relações sociais hegemônicas anteriores, mas da “simbiose” de múltiplas forças e elementos que eclodiram do tecido social e que mediante as TICs extrapolaram suas próprias zonas de divergências e convergências para exercerem influência, a partir do monopólio da

informação e do conhecimento, e que a ciência e a técnica ganharam proeminência no estabelecimento de um novo regime global de informação, que não se desenvolve do mesmo modo e intensidade em todos os lugares do globo terrestre.

Esse novo modelo de organização social, pós-industrial, que tem por tríade basilar a infraestrutura, a produção e o conhecimento (CASTELLS; HIMANEN, 2001; BELLUZZO, 2014), convencionou-se chamar de “Sociedade da Informação” e “Sociedade em Rede”, por serem expressões representativas das “[...] transformações técnicas, organizacionais e administrativas que tem como ‘*fator chave*’ não mais os insumos baratos de energia, [...] mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços da microeletrônica e Telecomunicações” (WERTHEIN, 2000, p. 71, grifo do autor). Tal modo de configuração social é marcadamente caracterizado pela:

- *Proeminência da lógica das redes*, que mediada pelas novas tecnologias podem ser materializadas e introduzidas em quaisquer tipos de procedimentos;
- *Flexibilidade* que permite a reconfiguração e a reversibilidade de processos;
- *Alta traspassação* dos efeitos dessas novas tecnologias no tecido social;
- *Crescentes convergências*, consubstanciadas ao entendimento de que a *informação é sua matéria-prima* e parte interveniente de todas as relações e ações humanas, quer na individualidade ou na coletividade (CASTELLS; WERTHEIN, 2000).

Nesse sentido, a sociedade da informação não se caracteriza apenas pela produção, circulação e apropriação exponencial de informações por meio do uso acentuado das TICs, mas sobretudo pela capacidade dos indivíduos de transformarem a informação e o conhecimento em forças produtivas e a urgência desses mesmos indivíduos envolverem-se em um processo complexo e contínuo de aprendizagem. Assim, "nesta óptica, os sistemas da sociedade, humanos ou organizacionais, são basicamente pensados como sistemas de informação" (PORTUGAL, 1997, p. 9).

Do ponto de vista pragmático, a Sociedade da Informação ou em Rede não opera a sua tríade basilar de forma hegemônica a nível global, de modo que permita a todos os países e povos participarem ativa e equitativamente dos processos decisórios que permeiam a estrutura social dominante, mas paradoxalmente, toda a humanidade está condicionada aos efeitos decorrentes desse modelo de

organização social dos meios de produção de riquezas, conhecimento e poder (CASTELLS, 2005).

Os diversos fenômenos que se desdobram nessa ambiência pós-industrial, marcadamente multifacetada, flexível, tecnológica e socialmente complexa, resulta no regime global de informação vigente, que reverbera em toda a estratificação que perpassa o processo de organização do tecido social, principalmente, no que tange às relações de trabalho. Por conseguinte, significa que principalmente a construção e reformulação das políticas educacionais, seja no macro ou micro contexto de sua produção, precisam ser repensadas pois

[...] com a convergência tecnológica abrangendo segmentos da atividade econômica os mais diversos, a diferenciação profissional no interior do mercado de trabalho está se tornando significativamente mais tênue e as fronteiras entre as qualificações básicas necessárias ao exercício de muitas (e antes diferentes) profissões, sendo diluídas como nunca (TAUJLE; FARIA, 1999, p. 186-187).

Nesta conjuntura, em que “[...] surgem novas formas de organização e de racionalização econômica dos processos de produção e das relações de trabalho” (BELLUZZO, 2014, p. 49) novas competências precisam ser desenvolvidas, uma vez que o tipo de sociedade industrial difere-se substancialmente das chamadas Sociedades da Informação e ou em Rede. Na primeira o *modus operandi* fundamenta-se essencialmente nas atividades de rotina e de controle do tempo destinado à obtenção dos resultados esperados. A segunda orienta-se a partir da lógica das redes, em que o controle do tempo é altamente relativizado e a cultura da gestão de informações, de conhecimentos, de criatividade e de inovação produz forte apelo à ação individual e empreendedora. (BELLUZZO, 2014; CASTELLS; HIMANEN, 2001).

Diante disso, “[...] não faltam exortações que insistem na urgência de se estimular ativamente a aquisição de conhecimentos e competências” com o objetivo de promover a transformação da “[...] sociedade da informação emergente em uma sociedade do Saber” (MATTELART, 2002, p. 137). Nesse aspecto, a ColInfo torna-se imprescindível, pois apesar da *Internet* ter ampliado as possibilidades de criação, transmissão, acesso, uso e transformação da informação, passou também a exigir dos sujeitos uma gama cada vez maior de novas habilidades e competências no trato com o universo informacional, que os coloque na posição de sujeitos aprendentes e cidadão que exercem a solidariedade.

Toda essa teia e conexões interdependentes entre informação, conhecimento, infraestrutura, política e produção de capital evocam constantemente do indivíduo, enquanto ser social e político, um “*devir*” cada vez mais multifacetado. Uma compreensão deficitária e acrítica dos fenômenos sociais inextricáveis a essa conjunção, pode impeli-los para a marginalização, já que na sociedade da informação é imprescindível “saber”, “ser” e “estar” conectado à dinâmica flutuante das redes que são “tecidas” e “destecidas” a todo instante.

Essa conjuntura requer mudanças também do paradigma educacional, de modo que o modelo tradicional de educação, oriundo de uma perspectiva taylorista, não atende mais às necessidades dos indivíduos para viverem na sociedade em rede. Por esse ângulo, a educação por competências torna-se o pilar para uma aprendizagem efetiva e integrada às demandas emergentes proporcionadas pelos regimes socioeconômicos dominantes. Nesse escopo os “[...] processos de ensino e aprendizagem orientados à geração do saber, do saber fazer e do saber ser, e de sua mobilização para enfrentar situações novas[...]” (VARGAS; CASANOVA; MONTANARO, 2001, p. 69) são essenciais para a emancipação e o exercício da cidadania em uma sociedade marcada pela revolução tecnológica, baseada na informação e no conhecimento.

## **2.2 A Competência em Informação e sua evolução histórica e conceitual**

Os estudos relacionados à ColInfo remontam à década de 1970, e sua evolução histórica-conceitual pode ser apresentada em pelo menos três fases fundamentais. Dudziak (2013) ao debruçar-se sobre o tema estabeleceu como marco temporal as décadas de 1970, classificada como o período dos “precursores”, de 1980, dos “exploradores” e a década de 1990 como a “busca por caminhos”. Semelhantemente, Bruce (2013) propôs uma divisão histórico-conceitual para tratar o movimento da ColInfo a nível global em três fases, porém englobando períodos diferentes. Para ela, a primeira fase do movimento correspondente às décadas de 1970 e 1980, que são marcadas pelo aparecimento da expressão *information Literacy*, pela publicação dos estudos de Patrícia Senn Breivik (1985) e Karol Kuhlthau (1987) e do primeiro conceito de ColInfo difundido pela *American Library Association* (ALA) em 1989.

A segunda fase, segundo a autora, corresponderia então, à década de 1990, marcada pela profusão de modelos de comportamento informacional que apresentavam íntima relação com os conceitos de Colnfo difundidos na época. Por último, a terceira fase do movimento, segundo Bruce (2013), corresponderia ao período pós anos 2000, caracterizado pela crescente crítica ao enfoque na capacitação para o uso das TICs, aos modelos behavioristas de busca, uso e disseminação da informação e por transformações que perpassam pela prevalência da noção de que a Colnfo é uma forma de aprendizado experiencial que vai muito além de padrões (BRUCE, 2013).

Essas divisões, embora apresentem algumas diferenças temporais e interpretativas quanto à evolução histórico-conceitual do movimento, na prática não comprometem a compreensão dos aspectos mais relevantes a respeito da Colnfo. Assim, nessa seção, optou-se por utilizar a divisão temporal apresentada por Dudziak (2003) como forma de melhor delimitar temporalmente os acontecimentos que de alguma modo modificaram substancialmente a área desde sua gênese.

**A primeira fase do movimento da Colnfo**, chamada por ela de período “**dos precursores**” tem seu marco inicial no surgimento da expressão *Information Literacy*, utilizada pelo bibliotecário norte-americano, Paul Zurkowski, em 1974 no relatório: *The information service environment relationships and priorities*. Tal documento elencou produtos e serviços de informação providos por instituições privadas e suas inter-relações ora harmônicas, ora conflituosas com as bibliotecas. Sugeriu ainda diversas medidas a serem tomadas pelo governo norte-americano para a adoção competitiva dos recursos informacionais nos ambientes laborativos, bem como a necessidade de expandir para toda a sociedade o aprendizado de técnicas para melhor uso dessas ferramentas de disseminação e acesso à informação (ZURKOWSKI, 1974).

Não obstante, estivesse preocupado com os desafios que o mercado informacional enfrentava, dada a sua relação de dependência do setor público e a necessidade de ações que proporcionasse uma maior abertura para a atuação competitiva da iniciativa privada, Zurkowski (1974), enquanto presidente da *Information Industry Association*, instituição que à época exercia grande influência na proposição de políticas de informação nos Estados Unidos da América, argumentou em seu relatório que a realização individual, a expansão do conhecimento, a procura pela verdade e a participação social dos cidadãos estavam

intimamente imbricados à liberdade de expressão, e esta, por sua vez, dependia da possibilidade de acesso às múltiplas fontes e canais de informação e comunicação (ZURKOWSKI, 1974).

Ao citar pela primeira vez a expressão *Information Literacy* relacionada aos elementos que tipificam facetas da participação social dos indivíduos, Zurkowski (1974) propôs uma aproximação entre os conceitos de alfabetização<sup>1</sup> e letramento<sup>2</sup> ao complexo universo informacional, com a finalidade de enfatizar a necessidade do governo norte-americano fazer investimentos na preparação dos indivíduos para lidarem tecnicamente com as fontes e canais de informação. Essa proposta de preparação de usuários hábeis no uso eficiente e eficaz dos sistemas informativos disponibilizados pela indústria da informação, na visão de Zurkowski (1974), criaria um "ecossistema" favorável à expansão do mercado informacional.

Tal tese, ancorada no avanço das transformações "info sociais" que resultaram em crescente oferta de produtos e serviços informacionais mais complexos e sofisticados para a época, sugeria que os programas tradicionais de educação de usuários das bibliotecas tornavam-se insuficientes e que mudanças deveriam ser implementadas para atender as necessidades emergentes da sociedade da informação. Ao propor a junção dos conceitos de alfabetização e letramento à noção de informação como elemento imprescindível para a vida em sociedade, Zurkowski, anteviu, a importância que a presença da Colnfo teria tanto para "libertar" quanto a sua ausência teria para "manipular e subjugar" sujeitos em sociedades onde predomina regimes de pós-verdade em que predomina-se o tecnopoder. Nessa direção, afirmou que "[...] em nossa era de superabundância de informação, ser **competente em informação** significa ser **capaz de encontrar** o que é conhecido e cognoscível **sobre qualquer assunto [...]**" (ZURKOWSKI, 1974, p. 26, tradução nossa, grifo nosso).

Os trabalhos que o sucederam na tratativa do tema focalizaram quase que exclusivamente nos aspectos técnicos e instrumentais de uso eficaz e eficiente das ferramentas informacionais, de modo que os aspectos relacionados à função social só ganharam amplitude na literatura a partir das últimas décadas, o que provocou, desde sua gênese, diversas críticas ao movimento, mesmo que indiretamente, Zurkowski (1974) em seu relatório já relacionasse a Colnfo ao exercício da

---

<sup>1</sup> Processo cognitivo e prático que envolve a apreensão de determinado código linguístico.

<sup>2</sup> Processo que envolve o uso social de determinado código linguístico.

cidadania, a emancipação política e a liberdade de pensamento. O pioneiro do movimento já apontava, mesmo que subjetivamente, para a necessidade de iniciar um processo de alfabetização em informação para que progressivamente chegasse ao letramento e que por fim fosse manifesto no cotidiano das pessoas em forma de competência.

No entanto, a primeira década do movimento da Coinfo foi construída sob a égide de preocupações relacionadas aos desafios para acessar fisicamente e organizar a abundante massa informacional decorrente da explosão informacional e do papel de destaque que a informação recebeu no advento do paradigma pós-industrial (DUDZIAK, 2003). Assim, mesmo que imbuído de uma visão mercadológica, fundamentada no liberalismo econômico e voltado a apontar medidas pragmáticas no campo da economia da informação, o relatório de Zurkowski (1974) produziu como resultado secundário, o “surgimento da ColInfo” como um movimento dinâmico, global e interconectado aos desafios e tendências da sociedade da informação e do conhecimento, que tanto pode ser tomado como instrumento para o atendimento dos interesses neoliberais como para superá-lo mediante uma postura crítica e ativa diante das intenções não manifestas objetivamente, mas presentes em dado contexto informacional.

A segunda metade da década de 1980, mesmo que ainda fortemente marcada pelo enfoque na capacitação em TICs, os estudos e práticas de ColInfo progressivamente receberam influências do viés cognitivista, oriundo de abordagens utilizadas nos campos da Psicologia e da Educação. Nesse período as bases da ColInfo foram se solidificando, ao passo que surgiam estudos como o de Breivik (1985) e Kuhlthau (1987) que buscavam discutir as suas implicações no contexto educacional e, também, da *American Library Association (ALA)* em 1989.

Patrícia Breivik, em 1985, a época diretora da Biblioteca da Universidade do Colorado, EUA, produziu um estudo de usuários com mais de 30.000 indivíduos que frequentavam a instituição e a partir de seus resultados, de forma pioneira, inseriu a Competência em Informação nas discussões educacionais ao considerá-la um conjunto complexo de **habilidades, conhecimentos e atitudes** que vão além do simples domínio de ferramentas de acesso à informação restrito às bibliotecas e a outros sistemas de informativos.

Semelhantemente, a pesquisadora Carol C. Kuhlthau ao publicar a monografia intitulada *information Skills for an information Society: a review of*

*research*, propôs que a ColInfo estivesse **integrada ao currículo**, de modo que o seu desenvolvimento pelos sujeitos estivesse **contextualizado as práticas pedagógicas**, a partir da experiência de amplo acesso a variadas fontes de informação, principalmente as mediadas por ferramentas tecnológicas. Kuhlthau (1987) também relacionou a ColInfo à habilidade de leitura, uma vez que o uso da informação depende essencialmente dela. A autora ainda destacou que o sujeito competente em informação é capaz de reconhecer suas necessidades informativas e, buscar a informação para a resolução de problemas e de continuar aprendendo ao longo da vida, mediante o uso da tecnologia.

Elemento marcante dessa fase histórico-conceitual da ColInfo é a introdução da perspectiva de que as TICs são ferramentas de aprendizado (KUHLETHAU, 1987), não possuindo fim em si mesmas. Nesse sentido, tanto a proposta de Kuhlthau como a de Breivik enfatizavam o relevante papel das bibliotecas nos processos de aprendizado em geral, mas principalmente o da ColInfo, mediante um trabalho colaborativo entre docentes, discentes e bibliotecários.

Em uma tendência semelhante, mas ampliando as noções conceituais, a ALA em 1989 propôs sua primeira definição de ColInfo ao asseverar que um indivíduo competente em informação é:

[...] capaz de reconhecer quando uma informação é necessária e deve ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação. Resumindo, as pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Elas sabem como aprender, pois sabem como o conhecimento é organizado, como encontrar a informação e como usá-la de modo que outras pessoas aprendam a partir dela. (ALA, 1989, p.1)

Ao assumir essa posição, a ALA abriu dois precedentes para a compreensão do alcance e da natureza da ColInfo. A primeira no campo da meta aprendizagem, ao afirmar que os indivíduos competentes em informação aprenderam a aprender. A segunda, da metacompetência, quando asseverou que esses mesmos indivíduos sabem como o conhecimento é organizado.

Esses aspectos, tomados conjuntamente, ampliam a compreensão de sua complexidade ao evidenciar que apenas o enfoque no aprendizado de técnicas instrumentais para lidar com a informação é insuficiente, exigindo a substituição do simples treinamento por ações de mediação em busca de estabelecer um processo de ensino-aprendizagem fundamentado em uma perspectiva construtivista, em que o sujeito é partícipe ativo e não passivo da ação de informação (CAMPELLO, 2003).

"Este posicionamento teórico rompia com as abordagens vigentes na época que tratavam esta prática como uma simples extensão das atividades instrucionais tradicionalmente desenvolvidas pelas bibliotecas" (MANHIQUE, 2020, p. 45). Denominadas em algumas situações como instrução bibliográfica, "orientação bibliográfica, [...] instrução/treinamento sobre o uso da biblioteca, treinamento e/ou instrução de usuários, formação de usuários e educação de usuários" essas ações precursoras da Colnfo tinham em comum o foco na internalização de um comportamento considerado adequado ao acesso e uso de recursos de informação oferecidos em determinada biblioteca (MATA, 2022, p. 45).

Outro marco importante dessa fase da Coinfo é a publicação do documento intitulado *Information Power* pela *American Association of School Librarians* (AASL) juntamente com a *Association for Educational Communications and technology* (AECT) que tinha por finalidade propor diretrizes para a criação e execução de programas educacionais em bibliotecas destinadas ao atendimento do ensino médio. A respeito desses, Dudziak (2003, p. 30) afirmou que o "*Information Power* foi um documento importante, pois pela primeira vez os bibliotecários foram chamados a assumir uma participação mais ativa nos processos de aprendizagem, em cooperação com os docentes".

Acompanhando esta tendência do movimento, destaca-se também a iniciativa de Michael Eisenberg e Bob Berkowitz, que em 1988 elaboraram o modelo chamado de *Big Six*. Baseado em seis pilares (**definição da tarefa, criação de estratégias de busca, localização, acesso, sintetização** e, por fim, **avaliação**) para o processo de busca e uso da informação na resolução de problemas. Esse modelo, originalmente, gestado para a aplicação junto a estudantes, em virtude de seu caráter generalista, passou a ser aplicado a qualquer contexto, seja o escolar, o laboral, ou mesmo o doméstico, de forma que indivíduos de qualquer idade possam fazer uso dele. Furtado e Alcará (2015), em estudo que buscou analisar os principais modelos de competência em informação, destacaram que o enfoque de tal iniciativa está na intersecção entre as habilidades para lidar com as ferramentas tecnológicas e a informação para pesquisa a partir da metodização.

Desse modo, a produção técnica-científica da década ao estabelecer uma zona de interlocução com os aspectos educacionais, principalmente àqueles concernentes ao processo de ensino-aprendizagem, introduz nas discussões sobre o tema a noção de que os sujeitos assumem o *status* de cognoscentes perante o

contexto informacional, de sorte que, “[...] desloca a sua ênfase tecnológica e passa a centrar-se no indivíduo em um processo construtivista centrado no indivíduo (MANHIQUE, 2020, p. 45).

Em vista disso, esses pesquisadores e instituições podem ser considerados como parte da fase dos **exploradores** do movimento (DUDZIAK, 2003), dado ao pioneirismo em explorar o entrecruzamento de saberes que proporcionaram a introdução da noção de interdisciplinaridade com a educação nas discussões relacionadas ao tema dando-o um carácter transversal, quando o movimento ainda passava por solidificação e institucionalização.

A Terceira fase do movimento, denominada por Dudziak (2003) de “**a busca por caminhos**” iniciou a partir da década de 1990 em que “[...] uma série de programas educacionais voltados a *IL* começaram a ser implementados ao redor do mundo, principalmente a partir das bibliotecas universitárias com a colaboração dos docentes” (DUDZIAK, 2003, p. 34). Tem-se ainda neste período, a problemática em torno da confusão conceitual e metodológica, que colocou a Colnfo no mesmo nível de alcance e natureza da educação de usuários e exigiu o estabelecimento de limites teóricos e práticos claros para cada um.

Nesse esforço, estudos como os desenvolvidos por Kuhlthau (1991, 1993, 1996), Behrens (1992) e Doyle (1994), que trabalharam junto ao *National Forum on Information Literacy*, buscaram reforçar uma identidade conceitual e metodológica sólida em torno da Colnfo. Embora envolvesse diversas habilidades relacionadas ao uso da biblioteca, para esses autores a Colnfo consistia em um processo mais complexo. Eles defendiam que o propósito estava no desenvolvimento do indivíduo mediante o aprendizado de múltiplas habilidades transversais que o possibilitava resolver problemas do cotidiano por meio da informação. Enquanto que a educação de usuário preocupava-se com o uso adequado e eficiente dos recursos informacionais da biblioteca pelos usuários.

Ainda nessa ambiência, destaca-se a contribuição de Christine Bruce (1997), que a partir de seus estudos de abordagem fenomenográfica introduziu a noção de que a Colnfo é intrinsecamente relacional ao contexto, de modo que o conjunto de habilidades no trato com universo informacional depende tanto de fatores intrínsecos como extrínsecos à experiência de cada indivíduo. Todo esse amadurecimento progressivo ao longo das décadas de 70, 80 e 90 do século XX abriram caminhos para que a Colnfo continuasse recebendo novos significados no limiar no século

XXI, criando um ambiente favorável para a sua ampliação teórico-metodológico e virada de perspectiva rumo ao adentramento em uma terceira fase evolutiva, em que o enfoque desloca-se para um viés sociocultural.

No bojo dessa profusão de conceitos que buscavam estender as fronteiras da ColInfo para além de simples habilidades, atitudes e valores, o “movimento” iniciado ainda na década de 1990 e aprofundado, a partir dos anos 2000, gerou frutos profícuos, tais como o documento que ficou conhecido como Declaração de Alexandria, onde profissionais de diversas parte mundo reunidos em colóquio na Biblioteca de Alexandria dentre muitas reflexões e debates afirmaram que

[...] a **competência em informação** está no cerne do **aprendizado ao longo da vida**. [...] O aprendizado de toda a vida **prepara os indivíduos**, as comunidades e as nações a **atingirem** suas **metas** e a **aproveitar** as **oportunidades** que surgem no ambiente global em evolução para um benefício compartilhado. Auxilia-os e suas instituições a **enfrentar** os **desafios** tecnológicos, econômicos e sociais, para **reverter a desvantagem** e **incrementar o bem-estar** de todos. (IFLA, 2005, p. 1, grifo nosso)

Com o advento do que Capurro (2003) denominou de paradigma social da Ciência da Informação (CI), os aspectos econômicos, sociais, culturais e situacionais passaram a estar cada vez mais presentes e nitidamente marcados, no discurso e nas ações ligadas ao desenvolvimento da ColInfo, mediante abordagens interacionistas, conforme a feita pela declaração de Alexandria (IFLA, 2005). Sob perspectiva complementar Lloyd (2006, p. 571) afirmou que “[...] reduzir o objeto a esse nível limita nossa concepção do fenômeno e nossa compreensão daquilo que significa ser competente em informação”. Para ela e Uribe Tirado (2009) a ColInfo não se limita a habilidades, mas se constitui em um processo holístico e globalizante que se integra a outras competências, implicando em vínculos sociais, físicos e textuais com os diversos fenômenos informacionais e exigindo uma multiplicidade de práticas para a validação das distintas fontes de informação produzidas e disseminadas em dado contexto.

Essas concepções, diferentemente do que ocorrera na primeira e na segunda fase de desenvolvimento conceitual e metodológico, passam a privilegiar o discurso de uma ColInfo integral e não tomada apenas por suas partes. As discussões desse novo ciclo, passam então a desmistificar a centralidade sacralizada tanto da abordagem tecnicista quanto cognitivista ao reconhecerem que embora a ColInfo seja constituída de elementos técnicos ligados ao uso eficiente dos recursos cada vez abundantes das TIC e dos aspectos cognitivos relacionados à construção de

conhecimento, também é formada na mesma proporção por componentes culturais e sociais, de sorte que sua existência possui uma relação de interdependência com outras competências, tais como a leitora, midiática e a digital.

Johnston e Webber (2006), em posicionamento semelhante destacam que o ser competente em informação tem implicações na sociabilidade do indivíduo e encarará-a apenas como conjunto estático de habilidades e conhecimento, como se os sujeitos fossem meros depositários, vai na contramão da noção de que eles são cognoscentes, sociais e políticos. Para esse autores, a ColInfo consiste na “adoção de um comportamento informacional apropriado para identificar, mediante qualquer canal ou meio, informação adequada às necessidades, levando ao uso correto e ético da informação na sociedade” (JOHNSTON; WEBBER, 2006, p. 135).

Essa tendência de ampliação teórica-metodológica, combinada às diversas críticas que o movimento recebia em relação à padronização que as instituições vinham adotando para determinar o que deveria ser ensinado para um indivíduo tornar-se competente em informação, suscitou no aparecimento de um nova perspectiva de abordagem do fenômeno. Fundamentados na chamada Teoria Crítica da Sociedade, cujos pressupostos são os defendidos pelos membros e herdeiros do pensamento da Escola de Frankfurt<sup>3</sup>, os autores que abraçaram o movimento conhecido como *Critical Information Literacy*, traduzido no Brasil como Competência Crítica em Informação, passaram a enfatizar o viés crítico da ColInfo, defendendo que ela, requer um posicionamento político diante da informação, mediante o pensamento reflexivo e crítico.

Nessa ambiência, Jacobs (2008), Elmborg (2006) e Doherty (2007) também passaram a dar ênfase ao viés político como uma dimensão intrínseca à ColInfo. Na visão desses autores elementos como a ética não podem ser tomadas apenas como o respeito aos direitos autorais, mas sobretudo como uma questão de responsabilidade social e política. Neste caso, o uso da informação deve ser reflexo de uma identidade consciente, crítica, solidária e, sobretudo, planetária, conforme defende Morin (2018), de sorte que o sujeito conscientemente não só compreenda, mais intervenha nos regimes de informação com a mentalidade de que todos,

---

<sup>3</sup> A chamada Teoria Crítica da Sociedade é resultado da revisão do pensamento marxista, levada a cabo por Adorno, Horkheimer, Marcuse e outros membros da Escola de Frankfurt. Em linhas gerais, para esses teóricos, a emancipação constitui-se como o objetivo por excelência da educação, que, nesse sentido, deve visar à construção de um conhecimento crítico e de uma práxis “que possa romper com a ética conformista do positivismo que está a serviço da descoberta das leis que regem a sociedade, sem contudo almejar a sua transformação”. (BATISTA, 2000, p.190).

incluindo os que estão em condição de marginalizados, possam atuar plenamente enquanto cidadãos. Para essa perspectiva, o sentido e a verdade possível sobre a constituição da Colnfo só pode ser desvelada a partir do imbricamento de suas múltiplas variáveis intervenientes que afluem destes três componentes: o técnico, o cognitivo e o sociocultural.

Outro fator de relevante destaque para essa terceira fase da Colnfo, iniciada no século XXI, é a preocupação de inúmeras instituições em propor diretrizes, guias e *Framework*, que em tradução livre para o português do Brasil significa estruturas, em substituição aos famosos padrões de Colnfo, típicos da fase anterior, como resultado das transformações ocorridas no campo e como resposta às críticas, principalmente dos pesquisadores mais alinhados à perspectiva da Competência Crítica em Informação.

Dentre as diversas iniciativas realizadas, podem ser destacadas a elaborada em 2007 pela seção de Habilidades em informação da *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA), denominada de Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente. Neste documento, ressalta-se que a Colnfo e o aprendizado ao longo da vida deveriam ocorrer de forma uníssona e sinérgica, no entanto, um indivíduo pode desejar desenvolver a Colnfo sem necessariamente assumir o compromisso de fazê-lo ao longo da vida, na mesma medida que pode interessar-se pelo aprendizado ao longo da vida (ALV) sem antes ter consciência do desenvolvimento Colnfo. O documento aponta, ainda, que ambos imprimem no sujeito a auto motivação, auto direção, autoempoderamento e autoativação, de modo que quando são desenvolvidas em conjunto resultam no aumento substancial do reconhecimento das múltiplas possibilidades de ponto vista, argumentos e experiências, resultando na qualidade do processo de educação formal e informal com a participação efetiva nos contextos sociais, sejam locais ou globais (LAU, 2007).

Nesse contexto, a Colnfo é entendida como um conjunto de habilidades que podem ser aprendidas e aperfeiçoadas e a ALV com um hábito que deve ser cultivado. Em decorrência disso, os programas que visam desenvolver a Colnfo e o ALV devem ter como base a formação de parceria com os diversos atores educacionais (professores, estudantes, família e a comunidade em geral) e as diferentes modalidades de produtos, serviços, ações e programas (curricularizados

ou não) em prol do desenvolvimento da ColInfo possuem o mesmo nível de importância nesse esforço global (LAU, 2007).

No que tange ao papel das bibliotecas e dos profissionais da informação, o documento salienta que estes são instrumentos importantes para o desenvolvimento da ColInfo para além de seus próprios muros e espaços tradicionais de atuação e alcance, de forma que apresentem potencial para serem promotores de mudanças, independente do tamanho e do recurso existente. Sob essa ótica, cabe aos bibliotecários encararem o desafio de auxiliar as organizações a estabelecerem políticas, programas e projetos de ColInfo como ação estratégica para proporcionar vantagem competitiva organizacional (LAU, 2007).

Semelhantemente a iniciativa da seção de habilidades informacionais da IFLA, no ano de 2016 o conselho da *Association of College & Research Libraries* (ACRL) da ALA, adotou o *Framework for information literacy for higher education* (Quadro 1). Neste documento, a ACRL afirmou que a ColInfo é um movimento de reforma educacional que necessita estar articulada em torno de ideias centrais, ao mesmo tempo que sejam flexíveis para sua aplicação em múltiplos contextos. Para isso, estabeleceu-se seis conceitos centrais: **“a autoridade é construída e contextual”**, **“criação de informação como um processo”**, **“a informação tem valor”**, **pesquisa como investigação, subsídio para o diálogo/discussão”**, **“pesquisando como análise/exploração estratégica”**, que devem fazer parte de seus programas de desenvolvimento. Cada um desses conceitos é exemplificado mediante dois elementos denominados de práticas de conhecimento e disposições, de forma que não possuam posições hierárquicas entre eles (ACRL, 2016).

Quadro 1 - Framework para desenvolvimento da ColInfo na Educação Superior

CATEGORIAS CENTRAIS	DESCRIÇÃO
<b>Autoridade como produto do contexto</b>	<p>Tem como princípio os fatores socioculturais e técnicos que envolvem a validação da credibilidade de fontes e canais de informação a partir de elementos relacionados ao criador e o seu reconhecimento dentro de determinada comunidade. Nesse conceito, o especialista consegue distinguir com facilidade as variáveis que interferem nesse processo de atribuição e contextualização de autoridade, já o iniciante reconhece a existência desse ecossistema de criação de autoridades, mas não faz um reconhecimento por exemplo dos paradigmas e da escola discursiva que fixou determinada autoridade / credibilidade.</p> <p>Como práticas de conhecimento desenvolve-se habilidades relacionadas à ColInfo. Estimula-se a definir diferentes tipos de autoridades, a partir de critérios como: o nível de especialização no assunto, posição social, ou experiência pessoal e/ou profissional. Os indivíduos devem conhecer e fazer uso das ferramentas de pesquisas, reconhecer os parâmetros que elas utilizam para estabelecer a credibilidade de determinada fonte, compreender que a atribuição de autoridade pode variar de acordo com a área do conhecimento, que todos estão empregando suas vozes na construção de autoridades e que essa ação exige.</p> <p>Já no que tange ao elemento disposição, o iniciante deve ser estimulado a: Desenvolver uma mente aberta para encontrar múltiplas perspectivas, mesmo quando conflitantes; Autoconhecimento dos próprios preconceitos e visão de mundo que podem influenciar a avaliação da autoridade e credibilidade de determinados canais e fontes; Questionar noções tradicionais de estabelecimento de autoridades e exercer reflexão contínua.</p>
<b>Informação como criação processual</b>	<p>Enquanto prática de conhecimento envolve a articulação entre as capacidades e as limitações de determinadas fontes ou canais de informação, mediante os diversos processos criativos. O conjunto de habilidades aqui enfatizadas dizem respeito a proficiência na identificação, avaliação, uso, criação e disseminação da informação nas mais diversas fontes e canais.</p> <p>Enquanto disposição, focaliza na postura ativa para buscar as características subjacentes de determinado produto de informação, valorizar a adequação da necessidade de informação a um produto apropriado, aceitar as ambiguidades existentes em torno da valorização da informação em formatos emergentes e compreender as múltiplas estratégias de criação disseminação da informação.</p>
<b>Valoração da informação</b>	<p>Pretende levar um programa de ColInfo a desenvolver as habilidades de cunho ético e político no uso, na criação, na mediação e na disseminação da informação, a partir da compreensão de que vozes podem ser super valorizadas em seus discursos, enquanto que outros podem ser marginalizados.</p>
<b>Pesquisa como prática progressiva de investigação</b>	<p>Os elementos envolvidos visam o desenvolvimento das habilidades para formular perguntas com base nas lacunas de conhecimentos/necessidades de informação; decompor situações complexas, a partir de delimitações; utilizar variados métodos e técnicas de pesquisas; poder de síntese de idéias, formulação de hipóteses, conclusões e análise crítica.</p>
<b>ColInfo como subsídio para problematização e debate</b>	<p>As práticas de conhecimento envolve as habilidades que estão inter relacionadas ao estabelecimento de diálogos discursivos típicos do universo acadêmico, seja na citação de outros na sua própria produção ou na identificação das barreiras que impedem sua entrada em determinada conversa. Esse princípio, portanto, requer o desenvolvimento do autoconhecimento quanto às possibilidades para participar ativamente dos diversos processos acadêmicos de criação, cocriação, disseminação de informações e a conferência de credibilidade/autoridade de determinadas fontes e/ou canais. Para além disso, os iniciantes devem reconhecer que este processo exige responsabilidade e compreensão dos sistemas que privilegiam as autoridades e que uma conversa acadêmica nunca está finalizada.</p>
<b>Pesquisa como ação estratégica</b>	<p>Realça os aspectos técnicos na determinação de escopo de pesquisa, adequação entre as necessidades de informação e as fontes e canais disponíveis, bem como a compreensão de que o processo de busca de informação não acontece de forma linear, exigindo uma atitude sempre flexível para estabelecer novas estratégias e até redesenhar o caminho traçado antes de iniciar o processo de busca.</p>

Fonte: Traduzido e Adaptado de ACRL (2019).

Seguindo essa tendência de apresentar caminhos possíveis para o desenvolvimento da ColInfo em substituição aos padrões, em 2019 a ACRL publicou novo documento intitulado *Characteristics of programs of information literacy that illustrate best practices: a guideline*. Com o propósito de apresentar sete

características, que foram consideradas exemplares no âmbito dos múltiplos Programas de Colnfo norte-americanos avaliados pelo Comitê de Melhores Práticas de Competência em Informação. Ao não possuir caráter prescritivo ou normativo, o documento tem a função de guia para que programas possam ser construídos à luz das realidades e necessidades do seu local de implementação, de forma que não possuam valoração hierárquica entre si, mas organização lógica, conforme podem ser observadas no quadro 2.

**Quadro 2** - Características de Programas de Colnfo que ilustram melhores práticas

<b>Característica</b>	<b>Escopo</b>
<b>Estabelecimento claro e sinérgico da Missão, Metas e Objetivos do programa</b>	Destaca-se a necessidade da Colnfo está ancorada na Tríade: <b>Integração com os currículos e atividades acadêmicas, aprendizagem ao longo da vida e desenvolvimento profissional</b> , mediante o estabelecimento de resultados mensuráveis, objetivos que permitam e reflitam a progressividade do processo, a participação das partes interessadas na sua concepção, além de ser fundamentada em documentos que detenham autoridade no tema, clara definição de Colnfo na composição da Missão e articulação ao escopo da biblioteca e de sua instituição mantenedora.
<b>Planejamento como mecanismo que possibilita a implementação ou revisão de um programa de Colnfo</b>	Envolve questões orçamentárias e de infraestrutura tecnológica; Inclui aspectos relacionados à colaboração entre bibliotecários, docentes, e gestão administrativa, de modo que, as responsabilidades pela execução do programa sejam assumidas e compartilhadas; Abrange ainda a construção de planos de ação e cronograma de revisões, bem como a sua publicização; Realização de atividades diagnósticas para que sejam organizadas a adequação do programa aos departamentos e setores institucionais;
<b>Apoio administrativo e institucional</b>	Compreensão do papel e relevância do bibliotecário para um programa de Colnfo, na atribuição de responsabilidades e liderança; Apoio e suporte financeiro e tecnológico contínuo para a manutenção e expansão do programa; Conhecimento sobre o desenvolvimento curricular, avaliação da aprendizagem, recompensa, reconhecimento e avaliação regular para os profissionais que colaboram no desenvolvimento do programa de Colnfo;
<b>Penetração do programa e sua estruturação dentro dos currículos</b>	Identificação do escopo, do nível e da complexidade das habilidades a serem desenvolvidas em determinado curso ou disciplina; Formalização e a divulgação do programa a toda a instituição com as especificações a respeito das prioridades de implementação;
<b>Adoção de uma Pedagogia Crítica e Construtivista para nortear o programa</b>	Compreensão de diferentes abordagens, métodos e técnicas de ensino-aprendizagem que coloquem o aluno na centralidade do processo, que promovam a inclusão, que faça o uso da tecnologia e das mídias, que promova o pensamento crítico, reflexão, aprendizagem recursiva, que contextualiza a aprendizagem das habilidades informacionais aos conteúdos dos cursos e de outras experiências de aprendizagens.
<b>Comunicação, Marketing e advocacy</b>	Defesa, publicização e divulgação dos programas de Colnfo;
<b>Avaliação</b>	Voltada tanto para o desempenho do programa, como para os resultados dos alunos. O fator determinante é o aprimoramento dos processos, seja de aprendizagem das habilidades informacionais por parte dos alunos, seja no processo de concepção, planejamento e execução do programa.

Fonte: Traduzido e Adaptado de ACRL (2019)

Esses documentos destacam-se na descrição da evolução histórico-conceitual da Colnfo por se constituírem como marcos propositivos de

mudanças da mentalidade na forma como lida-se com o fenômeno respeitando as diversas culturas mundo afora. Os documentos apresentam abordagens diferentes, porém perspectivas complementares em relação ao mesmo objeto.

O texto de Lau (2007) apresenta diretrizes a partir de um discurso de cunho reflexivo e mobilizador ao passo que preocupa-se com diferenciação conceitual e metodológica da ColInfo e a aprendizagem ao longo da vida, destacando suas implicações quando trabalhadas de forma dissociadas uma da outra. Retomou o discurso que caracterizou a segunda fase de evolução da Coinfo, ao reforçar o lugar estratégico e privilegiado da biblioteca no desenvolvimento de habilidades informacionais e ao fazer um “chamamento” aos bibliotecários para adotarem novas atitudes enquanto disseminadores da ColInfo para além das fronteiras das biblioteca.

Diferentemente, os textos da ACRL (2016; 2019) tratam a questão da ColInfo, por meio de uma abordagem pragmática, ao passo que no texto “Estrutura para alfabetização informacional para educação superior” (ACRL, 2016) a ênfase está no conjunto de habilidades informacionais a serem desenvolvidas nesse ciclo formativo. Organizadas a partir de seis ideias centrais, em que cada uma desdobra-se em metas de aprendizagens com o objetivo de mediar o processo de aprimoramento dos alunos na compreensão de cada um desses conceitos, levando em consideração as questões afetivas e atitudinais que interferem no processo de aprendizagem.

Em *Características dos programas de alfabetização informacional que ilustram as melhores práticas: uma diretriz* (ACRL, 2019) focaliza-se na proposição de elementos básicos para a constituição de programas de desenvolvimento de ColInfo, de modo que possam ser adaptados a necessidade e a realidade de cada local.

O estágio atual do movimento, portanto, é marcado pela flexibilidade e adaptabilidade da ColInfo às necessidades e realidade de cada região do globo, pois o movimento adquire objetivos, finalidades e características de acordo com o contexto em que está sendo promovido e as instituições pioneiras na promoção da Coinfo buscam apresentar guias, diretrizes e estruturas elementares para que adaptações sejam feitas visando atender a realidades diversas em contraposição aos padrões engessados propostos nas décadas anteriores.

Essa mudança, deve-se ao entendimento de que a Coinfo, enquanto um processo de aprendizagem é perpassada por aspectos técnicos, éticos, políticos e

estéticos no trato com o universo informacional, conforme mencionada nas dimensões da competência em informação de Vitorino e Piantola (2011), ao mesmo tempo que este se constitui no campo das disputas políticas, econômicas e culturais.

Como movimento de pesquisa, em todas as suas fases a Colinfo passou por rupturas paradigmáticas, de modo que em cada fase observa-se o enfoque em um ou mais elementos intrínsecos a sua natureza, sem que necessariamente para a adoção de uma dimensão tenha que abandonar a outra. De forma geral, nas últimas décadas, a Colinfo tem sido fundamentada sob um viés sociocultural a partir de uma epistemologia mais aderente ao pragmatismo, ao mesmo tempo que convive com uma corrente intervencionista / libertadora, a exemplo do movimento da Competência Crítica em Informação.

A partir disso, nota-se que está em uma curso uma quarta fase, na qual a difusão do entendimento de que “[...] os usuários, agora melhor qualificados como sujeitos informacionais, passam a ser responsáveis coletivamente pela construção e interpretação da informação e do conhecimento” (TANUS, 2014, p. 146). A tônica é a preparação dos sujeitos para tornarem-se aprendentes (ALMEIDA, J., 2015) por meio da melhoria na experiência de aquisição, produção e compartilhamento de informações em qualquer suporte e ambiente de informação.

### **2.3 A Competência em Informação e a Educação de Usuários: aproximações e distanciamentos**

A Colinfo e a Educação de Usuários (EU) são temáticas frequentemente correlacionadas na Biblioteconomia e na CI (CAREGNATO, 2000; DUDZIAK, 2003; CAMPELLO, 2003; CAVALCANTE; BONALUMI, 2014), principalmente nas discussões relacionadas às funções educativa e social das bibliotecas e seus profissionais (DE LUCCA; PINTO; VITORINO, 2019).

Por terem delineamentos teóricos e práticos que se entrecruzam, muitos tendem a considerá-los como expressões correlatas para se referirem ao mesmo conjunto de iniciativas (DUDZIAK, 2003; DE LUCCA; PINTO; VITORINO, 2019). Não obstante, a literatura da área tem demonstrado exatamente o oposto.

O primeiro dos elementos que pode elucidar essas diferenças diz respeito à origem dos movimentos. MATA (2014, p. 23) ao realizar um levantamento sobre os antecedentes históricos da Colinfo dissertou que desde o século XVIII já existiam

preocupações com a formação e instrução dos usuários dos sistemas de informação. A partir desta investigação, a pesquisadora destacou a década de 1840 e os Estados Unidos como marcos temporal e geográfico para o surgimento dos rudimentos que dariam origem a Educação de Usuários como conhecida hoje, já que se trata do “[...] primeiro registro relativo à Instrução Bibliográfica de que se tem notícia [...]”.

Para Araújo (2013), De Lucca, Pinto e Vitorino (2019) o surgimento da EU está mais concatenado aos desdobramentos decorrentes do processo de transição paradigmática que ocorria na Biblioteconomia por volta da década de 1930. Na compreensão desses autores a crítica à centralidade das práticas custodiais em detrimento de uma ênfase nas necessidades informacionais dos usuários de sistemas de informação abriu caminhos para pensar a função social das bibliotecas, a partir das reconfigurações sociotécnicas que a sociedade começara a experimentar.

Perante esta conjuntura, Araújo (2013), De Lucca, Pinto e Vitorino (2019) situam a gênese da EU, na mudança de mentalidade da classe bibliotecária em relação às bibliotecas e demais sistemas informativos que além de cuidar dos processos de custódia e salvaguarda dos acervos, agora também preocupava-se com a questão do seu amplo acesso a quem dele necessitasse. Assim, voltando-se progressivamente para os consulentes, as bibliotecas adotaram a realização sistemática de estudos de uso, de comunidade e por conseguinte de usuários. Neste ínterim, as demandas dos consulentes passaram a ser consideradas no planejamento dos serviços e produtos de informação, e a implementação da EU a ser apontada pelos profissionais e pesquisadores como imprescindível tanto para um melhor aproveitamento dos recursos dos sistemas de informação como para o aumento da satisfação de seus usuários. (ARAÚJO, 2013; DE LUCCA; PINTO; VITORINO, 2019).

A Coinfo, diferentemente de sua antecedente, tem sua origem na década de 1970, vinculada a um contexto de crise na indústria da informação norte-americana. Inicialmente concebida a partir da mentalidade capitalista neoliberal, foi proposta pelo setor, mesmo que subjetivamente, como uma das “estratégias” necessárias para o equacionamento da oferta e da demanda dos serviços e produtos informacionais disponibilizados à época. Todavia, não se restringiu a esse

enquadramento, mas recebendo novos significados, tornou-se uma das competências mais requeridas para o pleno exercício da cidadania no século XXI.

As discussões em torno da ColInfo avançaram e a despeito de seu lócus de origem, encontraram solo mais fértil no campo acadêmico, de modo que sua trajetória é fortemente marcada tanto pelas reflexões na CI de abordagem cognitivista quanto sociocultural. De movimento neoliberal a subárea de estudo em ascensão na CI, a ColInfo tem passado por diversas ressignificações teóricas, conceituais, terminológicas e práticas. Sua existência com frequência foi e é correlacionada ao papel social e educativo das bibliotecas frente às desigualdades de acesso, produção, uso e compartilhamento da informação, conquanto seus objetivos não estão limitados a esse enfoque.

Inicialmente implementado e discutido no âmbito das bibliotecas universitárias, o movimento também chegou às bibliotecas escolares e demais unidades e sistemas de informação, fazendo com que mediante seu entrelaçamento à EU o aparecimento de “confusões conceituais e práticas” tornassem-se inevitáveis.

A partir de sua solidificação na CI como subárea de pesquisa seu arcabouço teórico e prático foi tornando-se mais claro, tanto para pesquisadores como para os profissionais de bibliotecas, de modo que a ColInfo foi se distanciando da EU, sem necessariamente sobrepujar àqueles elementos que os mantém correlacionados.

Assim, todo esse processo de sucessivas ressignificações conceituais, terminológicas e práticas decorrentes de sua interdisciplinaridade, em especial, com a Comunicação, a Educação e Psicologia, fizeram da ColInfo não só um movimento, mas uma metacompetência que objetivamente está relacionada com os modos de aprender, se comunicar, analisar e intervir na vida em sociedade a partir do amplo e qualificado acesso, uso, produção e compartilhamento de informações e conhecimentos.

A despeito das distintas gêneses e trajetórias históricas, ainda há aqueles que consideram a ColInfo como um desdobramento da UE. Não obstante, no âmbito desta pesquisa defende-se que cada movimento, mesmo permeados por fortes interlocuções, possuem identidades e características distintivas que rechaçam os entendimentos de que sejam subáreas da CI idênticas com nomes diferentes ou ainda dessemelhantes, mas que coexistem a partir de uma relação hierárquica entre si. Desta feita, é preciso verificar a abrangência, as limitações, as aproximações e os distanciamentos que emanam da conceituação, de cada movimento. Nesse

percurso, Belluzzo (1989, p. 37, grifo nosso) traz luz ao defender que a EU é "(...) o processo pelo qual **o usuário interioriza comportamentos** adequados com relação ao uso da Biblioteca e desenvolve habilidades **de interação permanente com os sistemas de informação**". Semelhantemente, Dudziak, Gabriel e Vilella (2000) enfatizam que a UE se constitui na interiorização gradativa de comportamentos relacionados ao uso da biblioteca e seus recursos.

Na delimitação da abrangência, enfoque e finalidades, Dudziak (2001) contribui na minimização da confusão conceitual entre os dois temas argumentando que a

[...] educação de usuários tem, efetivamente, sua origem e ênfase na biblioteca. É produto de bibliotecários que, preocupados com seus usuários, procuram formas de auxiliá-los em sua busca pela informação. A information literacy assume contornos diferentes e dá um passo além, uma vez que se refere ao aprendizado ao longo da vida, assumindo que os processos investigativos e de construção de conhecimento permeiam todas as ações, são aplicáveis a qualquer situação, seja junto a sistemas formais, seja junto a sistemas informais (DUDZIAK, 2001, p.58-59).

Sob essa perspectiva, o desenvolvimento da ColInfo pode até ter início com ações tradicionalmente ligadas a EU, mas não deve restringir-se às elas. Na visão da autora, a ColInfo é pragmaticamente transcendente a EU, de forma que não a anula, mas a eleva a um maior grau de contextualização e influência no processo de desenvolvimento dos sujeitos, já que trabalha especificamente com a aprendizagem de habilidades, conhecimentos e atitudes para serem aplicados "nas" e para além das bibliotecas. Mata (2014, p. 25) caminhando em direção semelhante argumenta que a EU vincula-se ao desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores para lidar com as bibliotecas e os produtos e serviços que ela dispõe, enquanto que a ColInfo

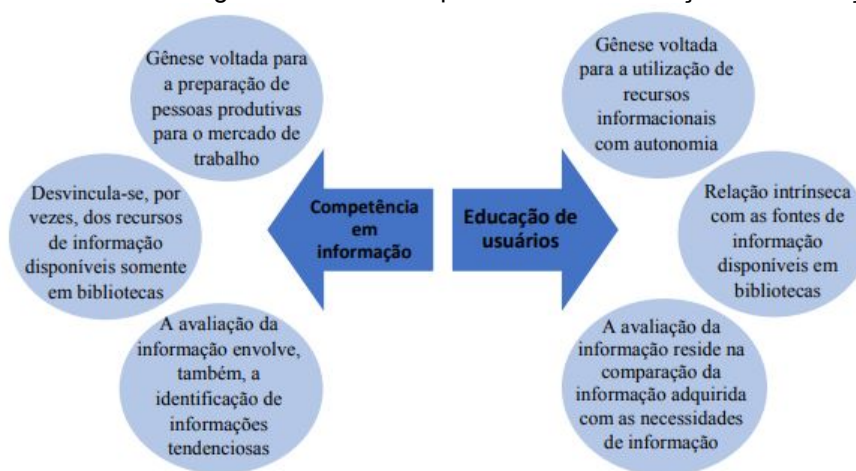
[...] abrange as fontes de informação disponíveis em diversos suportes e armazenadas em variados ambientes, e leva em conta habilidades e atitudes que os indivíduos podem passar a ter no uso da informação, agregando aspectos de sua formação e do seu aprendizado (MATA, 2014 p. 25).

Com essas percepções, aponta-se que enquanto a ColInfo tem sua ênfase objetivamente declarada na habilitação e capacitação dos sujeitos para lidarem com o universo informacional nas mais singulares conjunções, a EU prioritariamente têm a centralidade de sua finalidade na apreensão de comportamentos que possibilitam ao usuário lidar bem com os recursos, produtos e serviços oferecidos no contexto de determinada unidade de informação. De Lucca, Pinto e Vitorino (2019, p. 186) ampliando esses entendimentos a respeito da EU afirmam que

[...] Este movimento expandiu os limites conceituais durante seu desenvolvimento, alcançando uma nova dinâmica que inclui capacidades (habilidades, atitudes e valores) relacionadas à informação, com o intuito de desenvolver o aprendizado independente e coletivo (DE LUCCA; PINTO; VITORINO, 2019, p. 186).

Para elas, apesar do nexos com uso da biblioteca e seus recursos, a sua evolução conceitual e prática redundou em abordagens que assim como a ColInfo têm como objetivo o foco nas pessoas, o desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores que visem a aquisição de informação com autonomia e o aprender a aprender (DE LUCCA; PINTO; VITORINO, 2019). As autoras ainda compartilham da visão de Dudziak, Gabriel e Vilella (2000) de que partindo das ações de EU vivenciadas nas bibliotecas os usuários agora melhor capacitados conseguem extrapolar para a busca de informações em outros espaços e ambientes, sendo capazes de gerar novos conhecimentos para si e para outrem. Ainda assim, conforme representado na figura 1, afirmam a existência de no mínimo três elementos contrastivos entre os movimentos.

**Figura 1** - Elementos de divergência entre a competência em informação e a educação de usuários



**Fonte:** De Lucca, Pinto e Vitorino (2019, p. 189)

Nesta representação, De Lucca, Pinto e Vitorino (2019, p. 189) evidenciam que apesar de em alguns momentos utilizarem estratégias semelhantes e muitas vezes convergentes, os movimentos possuem gênese, finalidades e enfoques distintos, principalmente no tocante a avaliação.

Defende-se ainda no âmbito desta investigação, que a partir dos elementos convergentes e distintivos encontrados na literatura, a EU propicia a existência de uma relação mútua fundamentada no trinômio - **informação > biblioteca > usuário**

-, enquanto a Coinfo tem sua centralidade na relação simbiótica entre - **informação > usuário > sociedade** -.

Por fim, concorda-se com o entendimento das autoras de que ambos os movimentos “se relacionam aos processos de educação, e vinculam-se ao papel educacional do bibliotecário” [...], embora tendo uma “tênue dessemelhança [...] na gênese dos movimentos, na representação do ambiente da biblioteca e na noção da avaliação da informação” (DE LUCCA, PINTO E VITORINO, 2019, p. 190).

## **2.4 A Competência em Informação no contexto brasileiro: questões terminológicas e conceituais**

No cenário brasileiro, as discussões em torno da Competência em informação acumulam uma trajetória de aproximadamente 22 anos com uma diversidade de subtemas e abordagens. Os primeiros estudos que tiveram como precursores, Caregnato (2000), Dudziak (2001), Belluzzo (2001), Campello (2002) e Hatschbach (2002), quase que unanimemente trataram da *Information Literacy* a partir de sua relação com [...] à educação de usuários, diante das possibilidades de desenvolver habilidades relacionadas à informação [...] (FURTADO; ALCARÁ, 2015, p. 2) mediante o papel das bibliotecas e dos profissionais da informação frente aos desafios da Sociedade da Informação.

Não obstante, com o desenvolvimento progressivo das pesquisas, novas questões foram emergindo no cenário brasileiro, tais como os aspectos terminológicos, conceituais e metodológicos, de modo que a partir de 2011 há um aumento no número de teses ou dissertações sobre a temática com pico produtivo no ano de 2016 (FARIAS; MATA; ALVES; SANTOS, 2021).

Assim, esses campos, orientados por diversas correntes e perspectivas teóricas, acabaram por desenvolver, também, conceitos particulares, algumas vezes semelhantes, outras vezes sobrepostos e, em alguns casos, discordantes (BELLUZZO, 2018, p. 43).

Ainda na primeira década de atividades e pesquisas relacionadas à temática, a tradução do termo *Information Literacy* aconteceu de forma diversificada. Os estudos iniciais em sua maioria utilizaram a expressão no original (SIQUEIRA; SIQUEIRA, 2012), porém com a ampliação do número de estudos na CI, uma difusão de traduções da expressão passam a ser identificadas na literatura

brasileira, sendo que as terminologias mais utilizadas foram “Letramento Informacional”, “Alfabetização Informacional”, “Competência Informacional” e “Competência em informação” (HATSCHBACH; OLINTO, 2008; CONEGLIAN; SANTOS; CASARIN, 2010).

Ao analisar as implicações dessa variação, Siqueira e Siqueira (2012), a partir da Teoria Comunicativa Terminológica, considera que essa “[...] convivência múltipla e indistinta [...] subscreve tanto uma diversidade de acepções como possível confusão terminológica”.

Coneglian, Santos e Casarin (2010) defendem que tanto os termos letramento quanto alfabetização estão intimamente concatenados ao contexto educacional, tendo como finalidade o letramento e o letrado em informação, dando uma ideia de acabamento, ou seja, focando mais no resultado final. Por sua vez, as expressões “Competência em Informação” e “Competência Informacional” possuem um caráter menos restritivo e expressa ações processuais, dando conta da complexidade que envolve a ColInfo ao passar uma noção de homem inacabado, aproximando-se mais do paradigma do pensamento Complexo de Edgar Morin e do conceito de aprendizado ao longo da vida. Contudo, para esses autores, a distinção etimológica não impede a compreensão da essência do conceito e do processo, uma vez que o uso dos termos estão relacionados a um determinado contexto e concepção (CONEGLIAN; SANTOS; CASARIN, 2010).

Belluzzo (2018), por sua vez, advoga que a versão mais adequada para o *Information Literacy* é “Competência em Informação” por “[...] considerar que outras formas de tradução oferecem ambiguidades semânticas e dificultam a sua compreensão e uma efetiva interação com outras áreas do conhecimento” (BELLUZZO, 2018, p. 42).

Diante dessa abundância terminológica na tradução do termo original para o português e das diversas implicações semânticas que cada um deles carrega, nos últimos cinco anos observa-se na literatura técnico científica da CI e de áreas correlatas como Biblioteconomia e Arquivologia uma preferência pelo uso da expressão Competência em Informação (BELLUZZO, 2018).

Tal aceitação entre os pesquisadores na CI vêm se estabelecendo progressivamente, ao passo que documentos e eventos promovidos por instituições de referência na discussão da temática, como a Federação Brasileira de

Associações de Bibliotecários e Instituições (FEBAB) e a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) ratificam a preferência pelo uso do termo Competência em Informação para traduzir a expressão *Information Literacy* no Brasil.

Como parte dessas iniciativas de institucionalização, a FEBAB, durante Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, emitiu a *Declaração de Maceió sobre a Competência em Informação* em 2011 e o *Manifesto de Florianópolis sobre a Competência em Informação e as Populações Vulneráveis e Minorias* em 2013, além de criar em 2020 o *Grupo de trabalho em Competência em Informação - ColInfo*, com a finalidade de formar “[...] uma rede colaborativa e associativa que objetiva trilhar a promoção, o crescimento e a consolidação da competência em informação em cenário nacional” (FEBAB, 2020).

Já a UNESCO nesse esforço publicou o *Overview of Information Literacy Resources Worldwide* – 1ª e 2ª edições (2013, 2015) organizado por Horton Jr. que sugeria o uso da expressão competência em informação. Todavia, ainda é possível identificar publicações na CI que adotaram e ainda adotam outras terminologias, tais como “habilidades informacionais”, “letramento informacional” e “competência informacional” para se referir a *information literacy*. Além de expressões correlatas, mas que apresentam diferenças conceituais significativas em relação aos movimentos teóricos da CI, como “educação midiática”, “competência midiática” e “competência digital”, geralmente ligadas a contextos de uso dos aportes teóricos da Educação, mas principalmente, em torno do movimento norte-americano dos multiletramentos.

Semelhantemente, a questão conceitual da ColInfo desde sua gênese no Brasil foi e continua sendo foco de múltiplas reflexões em torno de sua finalidade, abrangência e escopo, de modo que desdobrou-se em correlações de múltiplas direções. Nesse contexto, é imprescindível destacar as noções de ColInfo mais difundidas na literatura da área, desde os estudos precursores aos mais atuais. Dudziak (2003), para quem a ColInfo tem como finalidade precípua a formação de sujeitos para que:

- Saibam determinar a natureza e a extensão de sua necessidade de informação como suporte a um processo inteligente de decisão [...];
- Conheçam o mundo da informação e sejam capazes de identificar e manusear fontes potenciais de forma efetiva e eficaz [...];

- Avaliem criticamente a informação segundo critérios de relevância, objetividade, pertinência, lógica, ética, incorporando as informações selecionadas ao seu próprio sistema de valores e conhecimentos [...];
- Usem e comuniquem a informação, com um propósito específico, individualmente ou como membro de um grupo, gerando novas informações e criando novas necessidades informacionais [...];
- Considerem as implicações de suas ações e dos conhecimentos gerados, observando aspectos éticos, políticos, sociais e econômicos extrapolando para a formação da inteligência [...];
- Sejam aprendizes independentes [...];
- Aprendam ao longo da vida [...] (DUDZIAK, 2003, p. ).

A interpretação dessa autora pioneira sobre o tema no Brasil reforça a compreensão ainda em vigor de que a ColInfo é um processo em que o sujeito desenvolve a autonomia, o pensamento crítico e assume o protagonismo do próprio aprendizado por meio da internalização de informações relevantes que resultem da habilidade de interagir ativamente na sociedade da informação por meio do uso consciente das TICs. Sob perspectiva semelhante Belluzzo (2005) a definiu como:

[...] processo contínuo de interação e internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades específicas como referenciais à compreensão da informação e de sua abrangência, em busca da fluência e das capacidades necessárias à geração do conhecimento novo e sua aplicabilidade ao cotidiano das pessoas e das comunidades ao longo da vida (BELLUZZO, 2005, p.39-40).

Reforçando os entendimentos circulantes a época de sua definição e em total consonância com os pressupostos abraçados tanto por Dudziak (2003) como por Belluzzo (2005), Campello (2009) enfatiza a interação de três elementos fundamentais para compreensão da ColInfo, a cognição, as tecnologias e o contexto social, ao defini-la como

[...] uma capacidade essencial, necessária aos cidadãos para se adaptar à cultura digital, à globalização e à emergente sociedade baseada no conhecimento. Implicaria fundamentalmente que as pessoas tivessem capacidade de entender suas necessidades de informação e de localizar, selecionar e interpretar informações, utilizando-as de forma crítica e responsável (CAMPELLO, 2009, p. 12-13).

Coadunando com as perspectivas anteriores, Gasque (2012) traz o enfoque para os elementos políticos e técnicos, intrínsecos à ColInfo, ao apontá-la como um instrumento responsável por possibilitar a integração do sujeito à sociedade da informação, mediante o desenvolvimento das habilidades e competências para “[...] localizar, selecionar, acessar, organizar, usar informação e gerar conhecimento, visando à tomada de decisão e à resolução de problemas” (GASQUE, 2012, p. 28).

Diante dessas definições, as autoras precursoras da área no Brasil defendem que a ColInfo é um conjunto complexo de operações cognitivas, atitudinais e processuais que articuladas às dimensões sociais, contextuais e digitais, promovem a aprendizagem de habilidades e competências imprescindíveis para gerenciar o processo de interação, internalização e compreensão da informação, de sorte que, o indivíduo torna-se ciclicamente capaz de: *Reconhecer as próprias necessidades informacionais; Executar as operações de busca, de localização, de seleção, de análise, de uso, produção e disseminação da informação com autonomia, ética, criatividade e criticidade; Ressignificar os conhecimentos prévios produzindo novo conhecimento, de modo a aplicá-lo na resolução de problemas tanto de cunho pessoal, quanto profissional; Aprender ao longo de toda a vida* (DUDZIAK, 2003, 2008).

Nesse sentido, a ColInfo fornece aos indivíduos elementos necessários para a emancipação e exercício da cidadania, preparando-os não só para o mundo do trabalho, mas para atuar na construção e transformação da sociedade da informação, visando o desenvolvimento do bem comum. Para além disso, observa-se uma ligação inerente ao desenvolvimento sustentável e suas dimensões de sustentabilidade social, cultural, ecológica e econômica. (DUDZIAK, 2008, p. 47).

Na busca de um entendimento entre os conceitos de ColInfo mais difundidos no Brasil, Fazzioni, Vianna e Vitorino (2018) identificaram que a definição da *Association of College & Research Libraries* (ACRL) está entre os mais utilizados nas pesquisas brasileiras. Segundo essa instituição, conforme já mencionado anteriormente, a ColInfo constitui-se em aprender a aprender, em saber como se aprende e o conhecimento é organizado, em reconhecer as necessidades informativas e em buscar, recuperar, avaliar e usar a informação, de modo que outros aprendam a partir dela (ACRL, 2000).

Outro conceito muito difundido é o da Declaração de Alexandria (IFLA, 2005), em que a ColInfo é situada no centro do aprendizado ao longo da vida como uma ferramenta de empoderamento dos sujeitos e desenvolvimento econômico e social.

Notadamente, com o amadurecimento da área, a noção que a ColInfo “[...] vai muito além da busca, organização e uso das informações, pois significa saber o porquê do uso de determinada informação, considerando implicações ideológicas, políticas e ambientais” (DUDZIAK, 2008, p. 47) vem ganhando impulso. Observa-se que alguns estudos passam a tratá-la não mais como uma competência, mas no

campo de metacompetências. Nesse sentido, reforça-se o entendimento de que “[...] o ponto central do desenvolvimento de competências na sociedade contemporânea e, principalmente no contexto organizacional, não é mais somente o acesso à informação, mas o que se fazer com o uso da informação” (BELLUZZO, 2014).

Sob essa perspectiva, a ColInfo é compreendida para além de um conjunto de habilidades, atitudes e conhecimentos aplicados à resolução de problemas, mas como um processo contínuo de interação recíproca com o mundo informacional, pois

Se a informação comporta diversos níveis de complexidade, contendo as mais variadas implicações, conseqüentemente, a competência para lidar com esta demanda multifacetada é capaz de abarcar uma miríade de nuances, sejam de caráter objetivo, subjetivo, individual ou coletivo. Assim, técnica, estética, ética e política constituem as bases sobre as quais se assentam tanto a informação transmitida e recebida, quanto a competência necessária para processá-la e utilizá-la de modo a agir significativamente na construção da realidade (VITORINO; PIANTOLA, 2009).

Ao defenderem essa noção, as pesquisadoras reforçam o entendimento de que o trato com a informação exige uma postura crítica, criativa e ética, sob o risco de colocar-se diante do universo informacional de forma ingênua, vulnerável e passível de todo tipo de manipulação. Ao sistematizar a ColInfo, a partir de quatro dimensões interdependentes, a técnica, a estética, a ética e a política (ver quadro 3), ressalta-se a necessidade de visualizar, tanto a informação quanto os sujeitos produtores e consumidores dela a partir de uma visão integral.

**Quadro 3 - Síntese das dimensões da Competência em Informação**

Dimensão técnica	Dimensão estética	Dimensão ética	Dimensão política
Meio de ação no contexto da informação.  Consiste nas habilidades adquiridas para encontrar, avaliar e usar a informação de que precisamos.  Ligada à ideia de que o indivíduo competente em informação é aquele capaz de acessar com sucesso e dominar as novas tecnologias.	Criatividade sensível.  Capacidade de compreender, relacionar, ordenar, configurar e ressignificar a informação.  Experiência interior, individual e única do sujeito ao lidar com os conteúdos de informação e sua maneira de expressá-la e agir sobre ela no âmbito coletivo.	Uso responsável da informação.  Visa à realização do bem comum.  Relaciona-se a questões de apropriação e uso da informação, tais como propriedade intelectual, direitos autorais, acesso à informação e preservação da memória do mundo.	Exercício da cidadania.  Participação dos indivíduos nas decisões e nas transformações referentes à vida social.  Capacidade de ver além da superfície do discurso.  Considera que a informação é produzida a partir de (e em) um contexto específico.

Fonte: Vitorino; Piantola (2009).

Concebendo-a a partir dessas quatro dimensões, amplia-se o seu viés, permitindo afirmar que sua efetivação no cotidiano dos indivíduos envolve um conjunto de princípios relacionados aos conhecimentos (saber), às habilidades (saber fazer), e às atitudes (saber agir) localizadas no campo das experiências informacionais que perpassam todas as facetas da vida dos sujeitos (MATA; GERLIN, 2019). Assim, a Coinfo é concebida não apenas como um processo de aprendizagem, mas de meta-aprendizagem, pois no âmbito individual ou no coletivo, sua essencialidade exige a tomada de consciência da relação existente entre sujeito e objeto do conhecimento.

Nesta correspondência, o sujeito é determinado pelo objeto do conhecimento, pois o conhecimento é a imagem objetiva das características do objeto, de sorte que não se constitui igual ao objeto, mas em um ente intermediário entre sujeito cognoscente e objeto do conhecimento, já que aquele pode ser considerado a sombra resultante de uma postura receptiva que paradoxalmente não significa passividade, ao contrário, requer uma atividade espontânea e até criativa (HESSEN, 2003).

De todo modo, essa relação reside no dualismo entre o transcendente e o que não é, entre o apreendido e o que apreende, ao mesmo tempo que subsiste entre eles uma reciprocidade. Nessa direção, Mata e Gerlin (2019, p. 2) afirmam que:

Para o desenvolvimento da competência em informação um aspecto fundamental a ser levado em consideração é o espaço de interação dos indivíduos no que diz respeito às esferas pessoais, profissionais e sociais, de modo que a informação possa ser contextualizada de acordo com a realidade em que este indivíduo opera e experiência para dar sentido à sua ação, contemplando significados e valores relacionados ao meio.

Essa noção, portanto, ajusta-se a perspectiva social da CI, para quem a informação pode ser concebida como objeto cultural, que se constitui na articulação de vários estratos (semântico-discursivos, meta-informacional e infra-estrutural) em contextos concretos de ação (GONZÁLEZ DE GOMEZ, 2000).

Portanto, essa evolução conceitual, em que determinado elemento constituinte da Coinfo recebe maior ou menor destaque em dado contexto de produção de conhecimento, revela a sua natureza enquanto “[...] um **conceito dinâmico** que continua a crescer para **incorporar** uma gama cada vez maior de **habilidades necessárias** aos indivíduos inseridos **na era da informação**” (VITORINO; PIANTOLA, 2009, p. 138, grifo nosso), em que sua ressignificação é

condição *sine qua non* para se manter relevante em uma sociedade envolta em céleres transformações sociais, políticas, econômicas e culturais.

Todos esses elementos compreendidos holisticamente, tanto no âmbito individual quanto no coletivo, já apontavam, desde sua gênese, para existência das dimensões técnicas, estéticas, políticas e éticas, nas múltiplas definições correntes no Brasil a respeito da ColInfo, conforme aponta Vitorino e Piantola (2009). No entanto, “não se pode falar de um conceito único”, já que a ênfase em determinada dimensão reflete as opções epistêmicas e teóricas pelas quais a ColInfo foi aludida (MANHIQUE, 2020, p. 31).

Em síntese, o entendimento predominante no Brasil é de que a ColInfo consiste num processo contínuo em que o sujeito desenvolve a autonomia, o pensamento crítico e assume o protagonismo do próprio aprendizado por meio de uma relação recíproca com o universo informacional. Relação essa, que envolve o domínio de habilidades, conhecimentos e atitudes essenciais para identificar quando uma informação é necessária, quando e onde buscá-la, avaliá-la, usá-la, produzi-la e disseminá-la de forma consciente, reflexiva, criativa, ética e política.

### 3 REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO TÉCNICA, PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

A educação profissional brasileira possui sua gênese ainda no Brasil colônia, quando os indígenas e escravizados eram submetidos a processos de aprendizagem de ofícios necessários à ampliação ou manutenção das atividades econômicas empreendidas e mantidas pela coroa portuguesa. Não obstante, a atuação sistemática e institucionalizada do estado na preparação de mão de obra no Brasil teve início apenas a partir do século XX, quando o governo brasileiro, por meio do decreto N° 7.556 de 23 de Setembro de 1909 asseverou

que o aumento constante da população das cidades exige que se facilite às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência: que para isso se torna necessário, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, como fazê-los adquirir **hábitos de trabalho profícuo**, que os **afastará da ociosidade ignorante, escola do vício e do crime**; que é um dos primeiros deveres do Governo da República formar **cidadãos úteis à Nação** (BRASIL, 1909, grifo nosso).

Assim, sob essa perspectiva, o presidente da então República dos Estados Unidos do Brasil, Nilo Peçanha, decretou a criação, em todas as capitais dos estados brasileiros existentes à época, de dezenove escolas de aprendizes e artífices, vinculadas ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

Com vistas a atender às múltiplas demandas sociais emergentes relacionadas a mão de obra, essa iniciativa de Nilo Peçanha apresentava também um caráter higienista, já que, sua finalidade era a profissionalização de meninos de 10 a 13 anos, pertencentes às classes dos menos favorecidas, para que se tornassem em hábeis “operários e contra-mestres”, ao mesmo tempo que os tiraria da “escola do vício e do crime”, transformando-os em indivíduos “úteis” ao estado brasileiro (BRASIL, 1909).

Seguindo as mudanças econômicas, políticas e sociais, no qual, passava o país, o governo de Getúlio Vargas, com a publicação do Decreto nº 19.402, de 14 de Novembro de 1930 redirecionou a vinculação das Escolas de Aprendizes Artífices, do Ministério da Agricultura para o novo Ministério da Educação e Saúde Pública, sob supervisão da Inspeção do Ensino Profissional Técnico (BRASIL, 1930). Por conseguinte, em 1937, sancionou a Lei N° 378, de 13 de janeiro de 1937, com a finalidade de reestruturar o Ministério da Educação e Saúde Pública. Dentre as principais alterações destaca-se a transformação da Inspeção do Ensino

Profissional Técnico em Superintendência do Ensino Profissional e das Escolas de Aprendizes e Artífices em Liceus Profissionais, com dedicação à educação profissional em todos ramos e graus (BRASIL, 1937).

Como parte das ações de expansão da indústria nacional, em 1942, o Governo Vargas, empreendeu diversas reformas educacionais, tendo à frente o Ministro Gustavo Capanema. Nesse sentido, publicou-se o Decreto-Lei Nº 4.127, de 25 de fevereiro de 1942, que estabeleceu as bases de organização da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial, o que resultou na transformação das escolas de aprendizes e artífices em Escolas Industriais Federais e ou em Escolas Técnicas Federais, além da equiparação do ensino profissional e técnico ao nível médio (BRASIL, 1942; CONIF, 2021)

A partir de 1959 inicia-se uma nova fase na educação técnica e profissional brasileira com a promulgação da Lei nº 3552 de fevereiro de 1959, em que o governo de Juscelino Kubitschek, estabeleceu novas diretrizes para a organização escolar e administrativa dos estabelecimentos de ensino industrial dotando-os de “personalidade jurídica própria e autonomia didática, administrativa, técnica e financeira”. (BRASIL, 1959).

Na década de 1978, uma nova mudança é realizada com a transformação das Escolas Técnicas em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs) com prerrogativas para realizar pesquisa, ensino e extensão voltados a área industrial, com enfoque na “formação de profissionais de engenharia industrial e de tecnólogos, e de licenciatura plena”. Com essa mudança, essas instituições passaram a ofertar desde “Cursos de extensão, aperfeiçoamento e especialização” até “[...] cursos para formação de professores” (CONIF, 2021).

Todas essas iniciativas, tomadas como políticas públicas educacionais, constituem-se no embrião da atual RFEPT, criada por meio da Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008 e sendo composta pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow (CEFET-RJ), pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), pelo Colégio Pedro II, pelas Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais e pelos 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs).

### 3.1 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia

Com a promulgação da Lei 11.892/2008, que reorganizou a RFEPT, surgiu no cenário educacional brasileiro, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs). Criados a partir da integração e transformação de 31 Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), 7 Escolas Técnicas Federais (ETFs), 39 Escolas Agrotécnicas Federais (EAFs), 75 Unidades Descentralizadas de Ensino (UNEDs) e 8 Escolas Técnicas vinculadas às universidades Federais (BRASIL, 2008), os IFs, presente em todos os estados da federação, destacam-se por serem uma tipologia de instituição educacional com características e finalidades diferentes de qualquer outra existente, seja no cenário nacional, seja no internacional (ALMEIDA, J., 2015).

Como princípio, em sua proposta político-pedagógica, os Institutos Federais deverão ofertar educação básica, principalmente em cursos de ensino médio integrado à educação profissional técnica de nível médio; ensino técnico em geral; cursos superiores de tecnologia, licenciatura e bacharelado em áreas em que a ciência e a tecnologia são componentes determinantes, em particular as engenharias, bem como programas de pós-graduação lato e stricto sensu, sem deixar de assegurar a formação inicial e continuada do trabalhador e dos futuros trabalhadores (BRASIL, 2008, p. 27).

Com essa ênfase na formação de cidadãos, os Institutos Federais atuam em múltiplas frentes de trabalho em variados níveis educacionais com o propósito de “[...] pautar-se pela indissociabilidade entre formação geral e profissional, na perspectiva da educação integral [...]” (PACHECO; PEREIRA; DOMINGOS SOBRINHO, 2010, p. 74), de sorte que sejam alcançadas as seguintes finalidades:

- I - ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional;
- II - desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais;
- III - promover a integração e a verticalização da educação básica à educação profissional e educação superior, otimizando a infra-estrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão;
- IV - orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal;
- V - constituir-se em centro de excelência na oferta do ensino de ciências, em geral, e de ciências aplicadas, em particular, estimulando o desenvolvimento de espírito crítico, voltado à investigação empírica;

- VI - qualificar-se como centro de referência no apoio à oferta do ensino de ciências nas instituições públicas de ensino, oferecendo capacitação técnica e atualização pedagógica aos docentes das redes públicas de ensino;
- VII - desenvolver programas de extensão e de divulgação científica e tecnológica;
- VIII - realizar e estimular a pesquisa aplicada, a produção cultural, o empreendedorismo, o cooperativismo e o desenvolvimento científico e tecnológico;
- IX - promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente (BRASIL, 2008).

Como instituições “multicampi” especializadas na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, ou seja, atuando concomitante na “educação superior, básica e profissional”, os IFs em seu projeto original prevê o desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão tecnológica, a partir de propostas “pluricurriculares” e verticalizadas, rompendo com o ensino disciplinarizado e fragmentado, fazendo destas instituições um “local propício para a oferta de uma formação múltipla [...]” (PACHECO; PEREIRA; DOMINGOS SOBRINHO, 2010, p. 74).

Não obstante a esse conjunto de características distintivas, os Institutos Federais são avaliados e supervisionados, a partir dos mesmos parâmetros das Universidades Federais, quanto à oferta de cursos superiores, sendo então equiparadas, do ponto de vista administrativo e regulatório (BRASIL, 2008), de modo que o art. 2º, § 3º da Lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008 assevera:

Os Institutos Federais terão autonomia para criar e extinguir cursos, nos limites de sua área de atuação territorial, bem como para registrar diplomas dos cursos por eles oferecidos, mediante autorização do seu Conselho Superior, aplicando-se, no caso da oferta de cursos a distância, a legislação específica (BRASIL, 2008).

Nesse contexto, desvela-se uma nova política nacional para a educação, onde os IFS “terão na formação profissional, nas práticas científicas e tecnológicas e na inserção territorial os principais aspectos definidores de sua existência. Traços que as aproximam e, ao mesmo tempo, as distanciam das universidades”. (PACHECO; PEREIRA; DOMINGOS SOBRINHO, 2010, p.79), pois

Os Institutos nascem, assim, pelo menos no seu formato jurídico-institucional, procurando distinguir-se da universidade clássica (embora nela se inspirem), assumindo uma forma híbrida entre Universidade e Cefet e representando, por isso mesmo, uma desafiadora novidade para a educação brasileira (PACHECO; PEREIRA; DOMINGOS SOBRINHO, 2010, p.79).

Essas transformações no modelo educacional brasileiro vigente até a reorganização da RFEPT e da criação dos IFs, ocasionaram uma “revolução” que reverberaram nas concepções didáticas pedagógicas, na estrutura organizacional, no enquadramento jurídico e na atuação laboral, já que,

Os profissionais dessas novas entidades desfrutaram da possibilidade de dialogar simultaneamente, e de forma articulada, “da educação básica à pós-graduação, trazendo a formação profissional como paradigma nuclear” (BRASIL, 2008b, p. 28).

Essa configuração institucional dos IFs, baseada na intersecção de instituições de naturezas e finalidades distintas, constitui-se em um enorme desafio para todos os que neles atuam, devido à possibilidade constante de “borramento” das fronteiras que diferem as típicas universidades brasileiras dos Institutos Federais, o que resultaria em um não cumprimento das finalidades e objetivos precípuos dessas instituições.

### **3.2 Bibliotecas dos Institutos Federais: origem, características e finalidades**

O contexto de mudanças nas políticas públicas educacionais, pelo qual o país atravessou no final da primeira década dos 2000, impactaram profundamente diversos segmentos das instituições pertencentes à RFEPT, incluindo as bibliotecas.

Com origem, finalidades e objetivos distintos, as bibliotecas que já existiam nas múltiplas instituições que foram reunidas e transformadas em IF, passaram então a enfrentar uma infinidade de desafios que antes não faziam parte de sua rotina.

Partindo de problemáticas decorrentes da ausência de consenso a respeito de qual seria a sua finalidade, objetivo e missão no contexto dos IFs, até questões relacionadas a infraestrutura física, financeira e de pessoal adequadas para acompanhar as mudanças educacionais do século XXI, essas bibliotecas vem reinventando-se desde então, para atender a crescente demanda de usuários de diferentes níveis de ensino e necessidades informacionais variadas em um mesmo “espaço-tempo”.

Essa nova configuração faz com que, a depender do contexto sociocultural em que cada biblioteca está inserida, ela tenha que cumprir simultaneamente funções típicas de biblioteca pública, escolar, universitária e até especializada. Tal

cenário indefinido em relação ao enquadramento dessa nova tipologia de biblioteca, resultou em uma profusão de definições conceituais e terminológicas, a partir do olhar dos inúmeros bibliotecários que atuam nesses espaços.

A ausência dessa identidade sólida, a exemplo da existente no contexto das bibliotecas escolares e universitárias, reduz a clareza do enfoque que devem possuir, dificultando o cumprimento de sua missão política e educacional, enquanto unidade informacional.

Nesse sentido, Almeida, J. (2015) em consulta aos diversos bibliotecários da RFEPT, por meio de lista de discussão buscou compreender o entendimento que estes tinham a respeito desta identidade funcional. As respostas, segundo o autor, apontaram que não existe um consenso, confirmando o que a revisão de literatura já aponta a respeito da escolha de descritores para referir-se a elas. Diante desse cenário de indefinição tipológica, conceitual e terminológica, alguns profissionais ao se referirem a essas unidades de informação, advogam que as bibliotecas dos IFs encaixam-se na categoria escolar, outros a defendem como universitária, e ainda há aqueles que a consideram uma intersecção de ambas tipologias, e assim a chamam de mista, híbrida e acadêmica.

Moutinho (2014) e Almeida, J. (2015) compreendendo que essas categorizações não correspondiam à complexidade desse novo ambiente educativo-informacional, buscaram então na literatura e na legislação que fornece as características distintivas de suas mantenedoras, elementos que lhes possibilitasse nomeá-las mais adequadamente. Nessa direção, Moutinho (2014), bibliotecária de um IF, propôs pela primeira vez em sua dissertação de mestrado, a adoção do nome de Biblioteca Multinível, por ser uma unidade de informação, localizada em uma instituição educacional, cuja finalidade precípua é a oferta de formação integral em variados níveis e modalidades de ensino. Semelhantemente, no ano seguinte, Almeida, J. (2015), também Bibliotecário da RFEPT, defendeu em sua dissertação a classificação das bibliotecas dos IFs como Multiníveis (ver Quadro 4), a partir da concepção de que essas unidades possuem finalidades e características que transitam em uma linha tênue entre a biblioteca Escolar e a Universitária.

**Quadro 4 – Tipologias de bibliotecas quanto à finalidade**

<b>TIPO DE BIBLIOTECA</b>	<b>FINALIDADE</b>
<b>Nacional</b>	Preservar a memória nacional, quanto à produção bibliográfica e documental de uma nação.
<b>Pública</b>	Atender às necessidades de estudo, consulta e recreação de determinada comunidade, independente de classe social, cor, religião ou profissão. Segundo a entidade mantenedora, estas podem ser federais, estaduais ou municipais.
<b>Universitária</b>	Atender às necessidades de estudo, consulta e pesquisa de professores e alunos universitários em nível superior de graduação e pós-graduação. Segundo a organização das coleções, podem ser centralizadas ou descentralizadas
<b>Escolar</b>	Fornecer material informacional necessário às atividades de professores e alunos de uma escola. Deve estar intimamente relacionada com a escola, para funcionar como verdadeiro complemento das atividades realizadas em sala de aula, dando suporte informacional necessário aos processos de ensino-aprendizagem. Desempenha importante papel na formação de leitores e no fomento à prática da leitura.
<b>Especializada</b>	Atende a um grupo restrito de usuários, reunindo e divulgando documentos de um campo específico do conhecimento. Podem ser subordinadas a uma entidade científica e de pesquisa, a uma empresa industrial ou comercial, ou mesmo a um serviço público especializado.
<b>Infantil</b>	Destinadas à recreação para crianças, incluindo estímulo à leitura, com acervo bem selecionado para tal propósito. Pode proporcionar atividades como clube da leitura, escolinhas de arte, exposições, dramatizações, hora do conto, contação de histórias, entre outras.
<b>Especial</b>	Atender a uma categoria especial de usuários, tais como: pessoas com dificuldades de visão e deficientes visuais. Deve fornecer, neste caso, acervo sonoro ou em suporte papel com Braille, ou com escrita em tipos maiores.
<b>Multinível</b>	Atender às necessidades de estudo, consulta e pesquisa de professores, servidores técnico-administrativos e alunos em nível profissionalizante, médio, técnico, superior de graduação e pós-graduação (lato e stricto sensu). Segundo a organização das coleções, assemelham-se às universitárias, podendo ser centralizadas ou descentralizadas. São, por exemplo, as bibliotecas das instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica no Brasil

Fonte: Almeida, J. (2015)

Nesse sentido, ambos autores sustentam que as bibliotecas dos IFs devem ser chamadas de multiníveis, por ter como escopo e objetivo planejar, projetar e ofertar serviços, produtos e ações de informação, lazer e cultura, voltadas ao atendimento das necessidades informacionais dos usuários oriundos de diversos processos formativos (MOUTINHO, 2014; ALMEIDA, J., 2015).

Diante dessas questões, é importante destacar que os Institutos Federais no que se refere a construção de sua proposta pedagógica, seguem a mesma diretriz das instituições de ensino superior. O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) serve como documento norteador do Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI) e de outros documentos que regulamentam suas ações pedagógicas e administrativas.

De acordo com o artigo 21, II, do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017, o projeto pedagógico da instituição, parte integrante do PDI, contém as políticas institucionais de ensino, pesquisa e extensão. Essas políticas precisam ser

pensadas visando a articulação e integração dessas três esferas para além das ações de sala de aula.

Essas condições distintivas de funcionamento dos IFs combinadas a ausência de uma identidade pedagógica, cultural e social solidamente construída em torno de suas bibliotecas implica diretamente no modo como cada instituição conceberá a atuação e participação da biblioteca no alcance das finalidades e objetivos dos IF previstos na Lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008.

Tendo isso em mente, a adoção da nomenclatura de Biblioteca Multinível para essa nova tipologia, reflete os desafios funcionais atuais e a complexidade inerente às suas pretensas finalidades. Além disso, acredita-se que a identidade de tais bibliotecas, continua sendo importante questão a ser amadurecida, a partir da noção de que suas ações devem ser comprometidas com uma formação integral, não fragmentada e verticalizada.

## **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O processo de produção do conhecimento científico se diferencia das demais formas de conhecer, dentre outros fatores, pelo rigor no estabelecimento de etapas bem definidas, métodos claros, e instrumentos operacionalizantes passíveis de serem testados. Deste modo, a pesquisa científica constitui-se em “[...] atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados” (MINAYO, 2010, p. 23).

Os procedimentos metodológicos nesse contexto, tornam-se imprescindíveis para qualquer iniciativa investigativa “[...] que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 139). Assim, “a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador” (MINAYO, 2009, p. 23).

Partindo desses pressupostos, o percurso metodológico deste estudo se deu a partir de sua questão problema, de seus objetivos e dos resultados que se espera alcançar, uma vez que não é o método que determina a pesquisa, mas a problemática que define o método (JARVINEN, 2004, p.3), pois ele “[...] é um instrumento do conhecimento que proporciona aos pesquisadores orientação geral para planejar uma pesquisa, formular hipóteses, coordenar investigações, realizar experiências e interpretar os resultados” (FACHIN, 1993, p. 36).

Neste caso, a abordagem, os métodos adotados, os instrumentos e as técnicas de coleta, produção, análise e interpretação dos dados foram escolhidos a partir da potencialidade que cada um possui para propiciar a melhor compreensão do fenômeno a ser investigado, de modo que eticamente o investigador não necessite abrir mão da flexibilidade crítica-reflexiva durante o desenvolvimento da pesquisa.

### **4.1 Caracterização da pesquisa**

A natureza desta pesquisa caracterizou-se como básica, pois em seu escopo busca-se gerar novos conhecimentos sobre como determinado fenômeno ou fato observável se manifesta e se configura sem a previsão de aplicar os resultados

obtidos na resolução de problemas, a partir de produtos, processos ou serviços. (VOLPATO, 2004).

Em relação aos objetivos, o estudo classificou-se como exploratório, por tratar-se de uma investigação de cunho teórico-empírico que visa obter mais informações que garantirá uma visão geral e aproximada a respeito do objeto sob análise (GIL, 2009), proporcionando desta maneira,

[...] maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (GIL, 2009, p. 27.).

No que tange aos procedimentos adotados na operacionalização, esta investigação caracterizou-se predominantemente como pesquisa de campo em virtude dos objetivos específicos exigirem do pesquisador um encontro mais direto com o espaço onde o fenômeno ocorre ou se manifestou (GONÇALVES 2001).

Quanto ao modo de abordagem, esta pesquisa foi classificada como mista, pois adotou-se técnicas de coleta e de tratamento de dados de viés qualitativo e quantitativo simultaneamente. Empregou-se o método qualitativo buscando não atuar com a realidade de forma apenas quantificável, mas também no âmbito da construção de significados (MINAYO, 2010). Usou-se quantificação a partir da estratégia exploratória sequencial, de modo que os resultados estavam “[...] integrados durante a fase de interpretação”, e o objetivo foi o de “[...] usar dados e resultados quantitativos para auxiliar na interpretação de resultados qualitativos” (CRESWELL, 2007, p. 218).

## **4.2 Universo de pesquisa**

O ambiente de pesquisa dessa proposta constituiu-se das bibliotecas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia presentes na Rede Federal de Educação Técnica, Profissional e Tecnológica.

Atualmente, essa Rede possui 38 Institutos Federais organizados em uma estrutura multi campi, com 599 unidades espalhados nos 26 estados da federação e o Distrito Federal. Oferece aproximadamente 10.243 cursos, dos quais, 19,11%

(1.957) são de qualificação profissional, 47,44% (4.859) técnicos, 28,54% (2.923) graduação, 4,91% (502) de Pós-Graduação e apenas 0,01% (1) de básico propedêutico (BRASIL, 2021).

A delimitação das bibliotecas multiníveis que fizeram parte da população fundamentou-se no alinhamento cumulativo dos seguintes critérios: 1 - Presença de profissional bibliotecário; 2 - Localização em unidades acadêmicas que tenham no mínimo mil alunos matriculados, em que a oferta de cursos seja de no mínimo de 1% nas categorias: Qualificação profissional, formação técnica e superior; 3 - Bibliotecas localizadas em unidades que não possuem status de *campus* avançado, Polos de inovação ou Centro de Referência.

O estabelecimento do critério um levou em consideração a legislação<sup>4</sup> que estabeleceu que: gestão e direção de bibliotecas são prerrogativas dos bacharéis em Biblioteconomia por ser a categoria profissional devidamente preparada para esse fim. Neste caso, somente esses profissionais devem responder sobre questões técnicas relacionadas ao planejamento e funcionamento de bibliotecas. Outro ponto de destaque para o estabelecimento desse critério na seleção da população a ser estudada deu-se em razão do problema e dos objetivos desta pesquisa. Os critérios dois e três foram estabelecidos para garantir uma homogeneização do contexto dos objetos sob análise.

O *corpus* empírico inicialmente foi delimitado em 199 bibliotecas multiníveis presentes em unidades acadêmicas que se enquadraram nos critérios supracitados e 38 gestores de coordenadorias, diretorias, sistemas ou redes<sup>5</sup> de biblioteca ou de setores congêneres pertencentes à estrutura administrativa dos 38 IFs da RFEPT. Apesar disso, durante o ciclo da coleta de dados verificou-se a necessidade de adequação destes números em razão das dificuldades encontradas na devolutiva dos questionários respondidos dentro prazo estabelecido em cronograma. A esse respeito, acrescenta-se que o encerramento da coleta de dados precisou ser adiada

---

<sup>4</sup> As Leis Nº 4.084, de 30 de Junho de 1962 e Nº 9.674, de 25 de Junho de 1998, são conquistas dos profissões bibliotecários brasileiros, que tem nelas o amparo legal para a organização e exercício da profissão, enquanto profissionais liberais (BRASIL, 1962,1998).

<sup>5</sup> A designação *redes* é considerada termo correlato a *sistemas, coordenadorias, departamentos, diretorias* e etc, para se referir à estrutura, geralmente existente nas reitorias dos Institutos Federais, responsável por reunir e organizar tecnicamente dentro de um padrão característico as bibliotecas dessas instituições.

por aproximadamente três meses em busca de obter maior adesão e números de respostas estatisticamente confiáveis, conforme descrito na seção 4.3.

Após realizar-se as adequações necessárias quanto aos prazos e estratégias para ampliar o número de respostas aos instrumentos utilizados para a coleta de dados, delimitou-se a população em 70 bibliotecas multiníveis e 21 coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas de Institutos Federais, localizados nas cinco regiões do país. Em relação às bibliotecas multiníveis, 60 (85,7%), atendiam a estudantes de graduação; 50 (71,4%) da pós-graduação; 63 (90%) do ensino médio técnico; 39 (55,7%) da qualificação profissional; 57 (81,4%) a Especialistas - professores, pesquisadores e categorias profissionais específicas e 50 (71,4%) atendiam a comunidade externa, composta pela sociedade civil do entorno da unidade de informação. Quanto a classificação essas bibliotecas são classificadas segundo a finalidade e o público alvo que cada uma atende e das 70, “auto se declararam Multinível” 29 (41, 4%) unidades; 14 (20%) declaram-se como “Mista”, dez (14,3) como “Híbrida”, quatro (5,7%) como escolar, três (4,3%) como Acadêmica, duas (2,9%) como universitária, duas (2,9%) como especializada, duas (2,9%) como pública, uma (1,4%) como “Educativa” e uma (1,4%) como Biblioteca do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico. Nessa conjuntura a questão identitária das bibliotecas da Educação Profissional e Tecnológica vem sendo acompanhada de controvérsias (ALMEIDA, J., 2015, p. 64). Dentro do mesmo Instituto Federal, é possível identificar bibliotecas com delineamento mais próximo ao modelo escolar, enquanto outras ao universitário, além das que apresentam o modelo multinível, enfoque deste estudo. Esta característica heterogênea, atrela-se ao tipo de formação ofertada pela mantenedora e ao perfil informacional e educacional do público que pretende-se alcançar.

Do ponto de vista analítico, este perfilamento das bibliotecas ajuda a compreender melhor **se** e **como** ocorre o desenvolvimento de serviços e produtos em prol da ColInfo, nestas unidades de informação a partir de suas características e finalidades. Neste enquadramento, a população analisada manteve-se ajustada às características gerais das bibliotecas multiníveis dos Institutos Federais, por meio da exclusão daquelas que possuíam características peculiares.

#### 4.2.1 Participantes da pesquisa

A amostra do universo foi definida de forma não probabilística baseada na técnica de amostragem por julgamento. Aplicou-se, portanto, a seleção por casos típicos a partir do critério da similaridade/diferença da população. Os participantes escolhidos responderam aos questionários por representarem a situação típica das bibliotecas dos IFs e vivenciarem situações similares, conforme explicitado na seção 4.2.

A população participante compôs-se de dois grupos. O primeiro, inicialmente projetado para ter 199 representantes de bibliotecas multiníveis, contudo, foi reduzido para 70 por ter sido o número de bibliotecários que representavam essas bibliotecas e se dispuseram a participar da pesquisa respondendo ao questionário.

O segundo grupo inicialmente seria formado por 38 sistemas de bibliotecas ou de órgãos/setores congêneres, o que representaria a totalidade quantitativa de Institutos Federais existentes no Brasil. Entretanto, identificou-se nas páginas e sites dessas instituições que nem todas possuíam um sistema, rede, coordenadoria, diretoria ou outro setor congênere que gerenciasse o trabalho das bibliotecas. Acrescentou-se a isso, o quantitativo de 21 bibliotecários que ocupavam a função de gestor ou representante dessas estruturas gerenciais que se prontificaram a participar respondendo ao questionário.

Destes participantes, 47,6% (10) estavam a mais de cinco anos na função de gestor, 9,5% (2) a cinco anos. 28,6% (6) entre quatro e três anos e os que exerciam a dois, um e ou menos de um ano correspondiam a apenas 4,8% (1) dos participantes cada um.

Quanto à formação desses gestores, 57,1% (12) possuíam a titulação de mestres e 42,9% (9) de especialistas. Quanto ao que tange a origem institucional dos respondentes, destaca-se que não houve colaboração idêntica em relação aos participantes. O grupo um, composto pelas bibliotecas multiníveis teve representação de 28 instituições, enquanto o grupo 2, formado pelas coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas, obteve contribuição advinda de apenas 17 Institutos Federais como demonstrado no quadro 5.

**Quadro 5** - Instituições de origem dos participantes da pesquisa

<b>ORIGEM INSTITUCIONAL E GEOGRÁFICA DOS PARTICIPANTES</b>					
Instituição	Sigla	Estado	Região	Participantes	
				Grupo 1 <sup>6</sup>	Grupo 2 <sup>7</sup>
Instituto Federal do Tocantins	IFTO	Tocantins	Norte	Não	Sim
Instituto Federal do Amazonas	IFAM	Amazonas		Não	Sim
Instituto Federal do Acre	IFAC	Acre		Não	Sim
Instituto Federal do Amapá	IFAP	Amapá		Sim	Sim
Instituto Federal do Pará	IFPA	Pará		Sim	Não
Instituto Federal do Rio Grande do Norte	IFRN	Rio Grande do Norte	Nordeste	Sim	Não
Instituto Federal do Maranhão	IFMA	Maranhão		Sim	Sim
Instituto Federal do Ceará	IFCE	Ceará		Sim	Não
Instituto Federal BAIANO	IFBAIANO	Bahia		Sim	Não
Instituto Federal do Sertão Pernambucano	IFSertão Pernambuco	Pernambuco		Sim	Não
Instituto Federal de Pernambuco	IFPE			Não	Sim
Instituto Federal de Alagoas	IFAL	Alagoas		Não	Sim
Instituto Federal Goiano	Goiano	Goiás	Centro-Oeste	Sim	Sim
Instituto Federal de Goiás	Goiás	Goiás		Sim	Não
Instituto Federal de Brasília	Brasília	Distrito Federal		Sim	Não
Instituto Federal do Mato Grosso	IFMT	Mato Grosso		Sim	Não
Instituto Federal do Mato Grosso do Sul	IFMS	Mato Grosso do Sul		Sim	Não
Instituto Federal de São Paulo	IFSP	São Paulo	Sudeste	Sim	Sim
Instituto Federal do Rio de Janeiro	IFRJ	Rio de Janeiro		Sim	Sim
Instituto Federal Fluminense	IFF			Sim	Não
Colégio Pedro II	Pedro II			Sim	Não
Instituto Federal do Espírito Santo	IFES	Espírito Santo		Sim	Sim
Instituto Federal do Sul de Minas	IFSul de Minas	Minas Gerais		Sim	Sim
Instituto Federal de Minas Gerais	IFMG			Sim	Sim
Instituto Federal do Norte de Minas	IFNMG			Sim	Sim
Instituto Federal do Sudeste de Minas	IFSudeste de Minas			Sim	Não
Instituto Federal do Triângulo de Mineiro	IFTriângulo Mineiro			Sim	Não
Instituto Federal do Paraná	IFPR	Paraná	Sul	Sim	Sim
Instituto Federal de Santa Catarina	IFSC	Santa Catarina		Sim	Não
Instituto Federal Catarinense	IFC			Sim	Sim
Instituto Federal Farroupilha	IFFarroupilha	Rio Grande do Sul		Sim	Não
Instituto Federal Sul-Riograndense	IFSul-Riograndense			Sim	Sim
Instituto Federal do Rio Grande do Sul	IFRS			Sim	Não

Fonte: Dados de Pesquisa, 2022.

<sup>6</sup>Confirmação de participação no questionário destinado aos bibliotecários que atuam nas bibliotecas dos campi.

<sup>7</sup>Confirmação de participação no questionário destinado aos gestores das coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas.

### 4.3 Procedimentos e instrumentos para a coleta de dados

O planejamento é uma exigência imprescindível para a realização bem sucedida de qualquer investigação. Desta forma, dividiu-se a pesquisa em duas etapas básicas, a saber: constituição do **corpus teórico-metodológico** e **constituição do corpus empírico**.

A **constituição do corpus teórico-metodológico** foi desenvolvida com a realização de levantamento bibliográfico a nível nacional e internacional, com a finalidade de conhecer o estado da arte da ColInfo. Buscou-se constituir um embasamento teórico sólido para a fundamentação da fase posterior. Para atingir esse objetivo, consultou-se bases de dados especializadas nas áreas da Biblioteconomia, Ciência da informação e Educação, livros físicos e digitais, artigos de periódicos e demais fontes informacionais. A busca da literatura internacional ocorreu a partir do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que se constitui em “[...] uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional” (BRASIL, 2021). Buscou-se, ainda, publicações técnico-científicas nos sites da IFLA e da ACRL, por serem instituições de referência internacional para a Biblioteconomia e Ciência da Informação, principalmente no que tange ao desenvolvimento de padrões, parâmetros e diretrizes teórico-metodológicas acerca da ColInfo. Na literatura científica nacional, delimitou-se as buscas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e na Base de Dados Referencial em Ciência da Informação (BRAPCI). A escolha da BDTD se deu em função de sua relevância no cenário nacional, no que tange à integração dos “[...] sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil”, de modo que proporciona “[...] maior visibilidade à produção científica nacional” (BRASIL, 2021). Semelhantemente, a opção pela BRAPCI ocorreu por ser maior portal do Brasil que aglutina diversificadas publicações brasileiras em acesso aberto da CI e áreas correlatas, tais como Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia (FIGUEIREDO; ALMEIDA, J., 2017), propiciando um conjunto de referências e resumos que superam a 19.255 textos publicados em 57 periódicos nacionais impressos e eletrônicos, sendo 40 ativos e 17 descontinuados (históricos), bem como anais de

eventos da área (BUFREM; GABRIEL JUNIOR; PINTO, 2010). Assim, ambas fontes de informação possibilitam o acesso a um conjunto de informações úteis, atualizadas e confiáveis, para a fundamentação teórico-metodológica desta pesquisa e o levantamento do estado da arte sobre o tema.

Como estratégia para a extração dos dados, optou-se pela utilização do operador booleano “AND” tanto na Brapci como na BDTD, a fim de combinar os termos que possibilitavam recuperar o maior número possível de itens relacionados à temática e ao problema de pesquisa. Nessa direção, a escolha por trabalhar apenas este operador (“AND”) deu-se em virtude dos índices de precisão na recuperação de resultados não serem satisfatórios com a combinação dos demais operadores na Brapci, e pela necessidade de parametrizar a estratégia de busca adotada em ambas as bases de dados.

**Quadro 6** - Estratégias de Busca em bases e banco de dados

Bloco 1	Bloco 2	Bloco 3	Bloco 4
"Biblioteca Multinível" <b>AND</b> "Habilidades em informação"	"Educação Profissional" <b>AND</b> "Habilidades em informação"	"Educação Técnica" <b>AND</b> "Habilidades em informação"	"Educação Tecnológica" <b>AND</b> "Habilidades em informação"
"Biblioteca Multinível" <b>AND</b> "Habilidades informacionais"	"Educação Profissional" <b>AND</b> "Habilidades informacionais"	"Educação Técnica" <b>AND</b> "Habilidades informacionais"	"Educação Tecnológica" <b>AND</b> "Habilidades informacionais"
"Biblioteca Multinível" <b>AND</b> "Competência em Informação"	"Educação Profissional" <b>AND</b> "Competência em Informação"	"Educação Técnica" <b>AND</b> "Competência em Informação"	"Educação Tecnológica" <b>AND</b> "Competência em Informação"
"Biblioteca Multinível" <b>AND</b> "Competência informacional"	"Educação Profissional" <b>AND</b> "Competência informacional"	"Educação Técnica" <b>AND</b> "Competência informacional"	"Educação Tecnológica" <b>AND</b> "Competência informacional"

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

A busca foi realizada a partir do título, palavras-chave e resumo. Devido a variação terminológica que envolve a conceituação da ColInfo no Brasil, adotou-se o arranjo representado no quadro 6, a partir dos termos mais utilizados para referir-se à temática nos últimos 20 anos de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil, que são *Competência em Informação*, *Competência Informacional*, *Letramento Informacional*, *Alfabetização Informacional* e *Habilidades Informacionais*. Em relação a biblioteca multinível foram usados termos como *Educação Profissional*, *Educação Técnica* e *Educação Tecnológica*.

Na segunda etapa desta pesquisa, **constituição do corpus empírico**, debruçou-se sobre os objetivos específicos, como está sistematizado no Quadro 7,

para inicialmente definir o método, as técnicas, os instrumentos e por último o enquadramento da investigação. Por conseguinte, após definidas estas questões, iniciou-se a sua operacionalização a partir dos pressupostos emanados de cada uma dessas variáveis em alinhamento com os objetivos a serem alcançados.

**Quadro 7:** Objetivos Específicos *versus* procedimentos metodológicos

<b>Síntese dos Procedimentos Metodológicos</b>				
<b>Objetivo Geral:</b> <i>Analisar as ações das bibliotecas do Instituto Federais de Educação, Ciência e Tecnologia quanto à oferta de recursos/produtos/serviços orientados ao desenvolvimento da Competência em Informação.</i>				
<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Tipo de Pesquisa</b>	<b>Técnica / de coleta de dados</b>	<b>Instrumento de coleta de dados</b>	<b>Técnica de Análise dos dados</b>
<b>Investigar</b> as concepções teórico-práticas corrente nas Bibliotecas Multiníveis sobre a <b>Competência em Informação</b> ;	Pesquisa de Campo	Survey	Questionário	Análise de Conteúdo
<b>Mapear</b> os serviços, produtos, ações e/ou programas voltados ao desenvolvimento da <b>Competência em Informação</b> oferecidos por essas bibliotecas;				
<b>Compreender</b> como as bibliotecas multiníveis promovem serviços, produtos, ações e/ou programas voltados ao desenvolvimento da <b>Competência em Informação</b> ;				
<b>Sistematizar</b> as principais <b>barreiras</b> , dificuldades e <b>desafios</b> que os bibliotecários gestores dos sistemas/coordenadorias/ diretorias de bibliotecas dos Institutos Federais enfrentam para a concepção e execução de serviços, produtos, ações e/ou programas voltados ao desenvolvimento da <b>Competência em Informação</b> em âmbito institucional.;				

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Preliminarmente fez-se um levantamento simples no meses de junho e julho de 2021 na plataforma Nilo Peçanha, por ser uma base de dados oficial do Ministério da Educação que anualmente é atualizada para consolidar as informações sobre o desenvolvimento da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, objetivando levantar informações quantitativas referentes ao universo e população para a delimitação da amostra da pesquisa. Esse levantamento utilizou as ferramentas de filtragem da própria plataforma para verificar variáveis como *tipologias de cursos ofertados, quantitativo total de matrículas por campi e por curso.*

Por conseguinte, a partir da amostra delimitada, com a finalidade de levantar mais “[...] informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles” (MARCONI; LAKATOS, 2010,

p.169) iniciou-se propriamente a pesquisa de campo, em que para coleta e produção de dados, usou-se a técnica de pesquisa do Survey, desenvolvida através do instrumento questionário em dois formatos: semi estruturado para gestores das coordenadorias, diretorias e sistemas e redes de bibliotecas e estruturado para bibliotecários atuantes em bibliotecas multiníveis.

O Survey é uma técnica típica de pesquisas sociais empíricas caracterizada pela realização de levantamentos amplos, cujo número de participantes seja numeroso. Podendo ser desenvolvida com todo o universo a ser investigado ou com amostras dele, esse tipo de técnica de pesquisa utiliza como instrumentos para a coleta de dados o questionário e/ou a entrevista (BABBIE, 1999; MAY, 2004).

Geralmente, com o objetivo de fazer levantamentos ou avaliar processos, o Survey costuma apresentar questões relacionadas à apuração de opiniões, conhecimentos, planos, experiências, atitudes e crenças, de modo que, a partir de seus resultados possam ser fazer inferências acerca do universo e da população investigada (BABBIE, 1999). Nesse sentido, a técnica Survey, por ter como uma de suas finalidades a realização de pesquisas do tipo exploratória (BABBIE, 1999) apresentou total adequação ao objetivo que se buscou alcançar mediante a sua aplicação.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, o uso do questionário do tipo auto aplicável e via internet, justifica-se pelo fato de não expor os pesquisados a nenhum tipo de influência ou pressão por parte do pesquisador. Possui como vantagem também a possibilidade de alcance de um maior número de pessoas em menor tempo, por apresentar baixíssimo custo e boa taxa de retorno em um tempo mais rápido, quando comparados a outros instrumentos (BABBIE, 1999; MAY, 2004; GIL, 2009). O questionário em, destinado aos bibliotecários lotados em bibliotecas multiníveis, como descrito na seção 5.2.1, foi enviado no formato estruturado, em modo eletrônico, via *google forms*<sup>8</sup> e possuindo 23 questões fechadas.

Já em relação ao gestores, utilizou-se também como instrumento de coleta de dados o questionário eletrônico enviado via *google forms*<sup>9</sup>, no formato semi estruturado composto por 16 questões, destas, 15 fechadas e uma aberta.

Para ambos os instrumentos, realizou-se o pré-teste com a finalidade de adequar a linguagem, reduzir as distorções e minimizar os possíveis ruídos

---

<sup>8</sup> <https://docs.google.com/forms/d/1aNvD4fnkoQYHWy24pm9umrHp1zxsxUPdECqsNd02n8g/edit>

<sup>9</sup> <https://docs.google.com/forms/d/1aNvD4fnkoQYHWy24pm9umrHp1zxsxUPdECqsNd02n8g/edit>

comunicacionais entre o pesquisador e os pesquisados. Foram aplicados dois pré-testes para cada questionário visando: verificar a clareza e precisão das questões, se a quantidade de perguntas estava adequada ao público e se a forma das perguntas e/ou a ordem estavam dispostas de modo a não exercerem influência uma sobre a outra (GIL, 2009).

O questionário aplicado junto aos bibliotecários atuantes em bibliotecas multiníveis, passou por um ciclo de três pré-testes entre dezembro de 2021 e janeiro de 2022, além de ter recebido a avaliação e contribuição da banca de qualificação, tudo, antes de ser implementado junto aos participantes da pesquisa.

Após atendidas as recomendações da banca que basicamente tratava do quantitativo de questões, exclusão de terminologias não muito conhecidas e simplificação de períodos e orações complexas. Por conseguinte, deu-se início ao pré-teste com cinco bibliotecários e uma pedagoga que atuavam nos Institutos Federais à época da pesquisa.

Para fins de transcrição anônima dos relatos obtidos durante o pré-teste, os participantes desta fase foram codificados usando as letras do alfabeto. No primeiro pré-teste do questionário direcionado ao bibliotecários das bibliotecas multiníveis os participantes fizeram retornos com as seguintes considerações:

**A:** *“Eu achei bem intuitivo e fluido [...] uma pergunta complementa a outra”*; **B:** *“Então, eu fiquei confusa em algumas, mas é pq conheço pouco sobre o assunto”*; **C:** *Acho que em alguns pontos pode melhorar, mas ficou bom, talvez seja porque eu não conheço muito sobre o assunto”*; **D:** *“Está explícito! Gostei! Atende aos objetivos. Fácil interpretação.”* **E:** *“Tinha pegadinha naquele questionário...confesso que em alguns momentos já nem sabia mais se era educação de usuário ou era competência. Preciso estudar mais sobre o assunto”*.

Recebidas estas devolutivas, focou-se na simplificação da linguagem, exclusão de termos técnicos poucos conhecidos, inclusão de termos correlatos para facilitar a compreensão e inclusão de observações entre parênteses nas próprias questões pertinentes para clarificar e evidenciar os objetivos atrelados a ela.

Por conseguinte, tornou-se a enviar os questionários para os mesmos participantes do primeiro pré-teste como forma de fazer a devolutiva das contribuições e acrescentar outras, a partir de oportunidades de melhorias que não haviam sido identificadas na primeira leitura. Para ampliar as validações enviou-se neste segundo momento o pré-teste a mais dois bibliotecários para substituir os três

que na etapa anterior não identificaram nenhuma oportunidade de melhoria. O retorno dos participantes desta segunda etapa passou de quatro sugestões para duas a saber: **F**: *“Achei o questionário muito bom, perguntas interessantes... só um pouco extenso. Talvez, pudesse ser agrupada a que fala das ações e desenvolvimento da Coinfo com a que fala das limitações e dificuldades”*; **G**: *“Eu gostei! está bem objetivo”*. Diante dessas novas contribuições foi necessário excluir algumas questões que tratavam da mesma categoria, mas que eram abordadas de modos diferentes e questões relacionadas ao perfil dos participantes, de modo que das 33 perguntas iniciais, incluindo uma questão, o questionário passou a ter 23 questões todas fechadas.

Em relação ao questionário aplicado junto a gestores, enviou-se também a seis bibliotecários gestores de instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Técnica e Tecnológica, mas que não eram Institutos Federais, foco desta pesquisa. Neste pré-teste foram realizadas apenas duas validações, além da ocorrida na banca de qualificação. Na primeira validação os gestores foram unânimes em sugerir que o questionário deixasse de ser totalmente aberto para parcialmente, por conta do tempo que precisavam se dedicar para dar as respostas. Após atender essa solicitação os questionários foram reenviados e os gestores neste segundo pré-teste foram mais uma vez unânimes e validaram positivamente o instrumento. Feito as duas etapas de validação intermediárias nos dois instrumentos de coletas de dados, submeteu-se às novas versões mais uma vez a um especialista, sendo que agora não mais a banca, mas a orientadora. Validado os dois instrumentos em três etapas, recebeu-se a autorização para dar continuidade à pesquisa com a coleta de dados. Os instrumentos de coleta de dados foram encaminhados por e-mails simultaneamente em dois lotes diferentes via lista de transmissão O primeiro foi direcionado aos gestores de coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) e o segundo, aos bibliotecários que estão nas bibliotecas dos campi destas instituições.

Os questionários permaneceram abertos recebendo os dados por aproximadamente 3 meses e 15 dias. Foi enviado a todos os participantes selecionados no dia 13 de janeiro de 2022 e fechado para recebimento de respostas em 31 de março de 2022. Durante os dois primeiros meses de coleta eram enviados e-mails lembretes a cada 15 dias, mas mesmo assim a adesão mantinha-se muito

baixa. Diante desse cenário desanimador, adotou-se outra estratégia, enviar semanalmente os questionários através do grupo de discussões aberto pela Comissão Brasileira de Bibliotecas das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CBBi) da FEBAB, no *Google Groups*<sup>10</sup>. Após adotar essa estratégia o alcance foi progressivamente melhorando e ao aproximar-se a data limite para o encerramento da coleta de dados, passou-se a enviar os questionários às segunda-feira, às quartas-feira e às sextas-feira, de modo que na última quinzena o número de respostas praticamente dobrou.

O primeiro lote, enviado à totalidade dos 38 Institutos Federais, obteve respostas de 21 (55%) gestores, uma vez que nem todas as instituições contavam com um órgão central em suas reitorias para gerir as atividades das bibliotecas à época desta pesquisa. O segundo foi enviado a 199 bibliotecas setoriais ou de campi, pertencentes aos Institutos Federais, localizados nas cinco regiões do país (norte, nordeste, centro-oeste, sul e sudeste), dos quais 70 (35%) responderam ao questionário. Sob a perspectiva estatística, segundo a fórmula de cálculo de tamanho da amostra e nível de confiança apresentadas por Barbetta (1999, p. 58 e 169), esta pesquisa apresenta grau de confiança de 95% e margem de erro de 9% em relação ao questionário enviado aos sistemas de bibliotecas e de 14% no enviado às bibliotecas dos campi. Falar dos aspectos éticos, ver o número da lei sobre ética em pesquisa e falar do termo de consentimento livre e esclarecido. Explicar que estava no início do questionário.

Quanto às questões éticas envolvendo a pesquisa, seguiu-se os princípios presentes na Resolução CNS nº 466/2012 e a Resolução CNS nº 510/2016 que estabeleceu diretrizes complementares a anterior, a respeito de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Visando salvaguardar os direitos e a dignidade dos sujeitos tomou-se o cuidado de proporcionar a confiabilidade e anonimato dos participantes, a liberdade de recusa em participar do estudo e a possibilidade de retirada do consentimento. Cada questionário em sua questão de abertura continha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme o texto do Apêndice A. Assim, o pretense participante necessitava lê-lo e selecionar a opção *concordo ou discordo* antes de prosseguir. Com essa configuração só era possível acessar a pesquisa após escolher a opção concordo e em caso de não concordância o questionário era finalizado com o registro de não concordância. É válido destacar

---

<sup>10</sup> <https://groups.google.com/g/cbbi/about>

que em nenhuma das questões foi solicitado algum dado pessoal, ou outros quaisquer que pudessem identificar os respondentes, de modo que na análise de dados sequer foi necessário utilizar recursos de codificação para preservar o anonimato.

#### 4.4 Forma de análise dos dados

No que se refere à sistematização, análise e interpretação dos dados, retomou-se a questão problema e os objetivos gerais e específicos, confrontando-os com os resultados obtidos, mediante a técnica de análise de conteúdo por ser “[...] um dos procedimentos clássicos para analisar o material textual, não importando qual a origem [...]” (FLICK, 2009, p. 291).

A análise de conteúdo surgida no início do século XX, vêm se desenvolvendo, de forma que inúmeras técnicas congêneres foram sendo aglutinadas ao longo do tempo sob seu “guarda-chuva”, o que resultou em várias definições conceituais e metodológicas em torno dela. Nessa direção, uma das definições mais correntes é a de Berelson (1971) para quem a análise de conteúdo consiste em uma técnica investigativa de abordagem quantitativa, em que os objetivos orbitam em torno da descrição sistemática e objetiva de dado conteúdo de uma comunicação.

Em seu processo evolutivo, a análise de conteúdo no plano metodológico passou também a apresentar elementos qualitativos, principalmente quando a noção de que a existência ou inexistência de determinado atributo ou conjunto de particularidades passou a ser utilizada como um dos parâmetros para análise de frações de uma comunicação, de sorte que, a sua finalidade primeira de descrição cedeu lugar ao entendimento de que o objeto e interesse da análise de conteúdo é a inferência (BARDIN, 2021).

A análise de conteúdo estabeleceu-se como método útil para a compreensão das comunicações para além dos “significados imediatos”, de modo que as suas intenções atualmente correspondem

-a *superação da incerteza*: o que julgo ver na mensagem estará lá efectivamente contido, podendo essa <<visão>> muito pessoal ser partilhada por outros? [...] será a minha leitura válida e generalizável?  
-e o enriquecimento da leitura: se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta aumentar a produtividade e a pertinência? [...] (BARDIN, 2021, p. 30-31).

Esse método de análise enriquece a busca pelo exploratório na mesma proporção que se coloca como medida de prova, como técnica de verificação sistemática de questões de pesquisas e de hipóteses, ou seja, ela é compreendida como “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações” que pode se diversificar de acordo com a tipologia da comunicação e os objetivos investigativos (BARDIN, 2021), de maneira que, toda a forma de comunicação, oral ou escrita, exceto o que não possui uma natureza linguística, torna-se passível de avaliação mediante a aplicação da análise de conteúdo (HENRY; MOSCOVICI, 1968).

Por fim, tomando por pressupostos esses delineamentos, compreende-se como conceito-chave para esse estudo a noção de que a análise de conteúdo constitui-se de:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2021, p. 44).

A opção por essa técnica se deve a finalidade de buscar “[...] compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas” (CHIZZOTTI, 2006, p. 98).

A interpretação dos dados coletados mediante a análise de conteúdo teve a finalidade de decompor e extrair os elementos que dão significado aos enunciados para que através de recortes seja possível a categorização das comunicações (LAVILLE; DIONNE, 1999).

Sua operacionalização foi desenvolvida em três fases, conforme orienta Bardin (2021): 1) Pré Análise; 2) Exploração do material; 3) Tratamento dos resultados, inferências e interpretações.

Na pré análise, foram reunidas todas as comunicações escritas obtidas por meios dos questionários com a intenção de “[...] apreender de uma forma global as idéias principais e os seus significados gerais” (CAMPOS, 2004, p. 613). Nesta fase, procedeu-se com a leitura flutuante dos materiais e a organização não estruturada dos elementos significantes para fases seguintes. Tomando contato com os questionários a serem analisados, conheceu-se o contexto e fluíram-se as primeiras impressões, de modo que foi possível “[...] transcender a mensagem explícita e de uma forma menos estruturada já conseguir visualizar mesmo que primariamente,

pistas e indícios não óbvios” (CAMPOS, 2004, p. 613) que propiciaram visualizar elementos de definição do *corpus* da análise.

Por conseguinte, com as unidades de registros pré estabelecidas realizou-se a exploração do material, fase em que as unidades de significado ou de análise foram selecionadas com base nas apreensões decorrentes da pré análise, do embasamento teórico, dos objetivos e da questão de pesquisa, resultando em “[...] unidades de análise que futuramente são categorizadas” (CAMPOS, 2004, p. 613). Nesta etapa realizou-se os recortes das comunicações operacionalizadas via questionários. Ao fazer-se a codificação foi necessário agregar as unidades de registros e a classificação em unidades significativas, dando origem às categorias. Para Bardin (2011, p. 145) “[...] a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo gênero (analogia), com critérios previamente definidos”. Nesse sentido, as categorias originadas após procedimentos de desagregação e agregação são classes geradas a partir da reunião de um grupo de elementos a partir de suas características conciliantes sob título abrangente (BARDIN, 2011), que pretende-se indubitável.

Ao criar-se as categorias além os pressupostos teóricos e os objetivos desta investigação, levou-se em consideração as características temáticas tratados em cada instrumento, de modo que, para o questionário 2 foi gerada uma categoria a mais e categoria Desafios e dificuldades subtraiu-e subcategorias e criou-se outras alinhadas ao tratamento adequado dos dados.

Seguindo esses princípios, para o questionário 1, referente às bibliotecas multiníveis e seus bibliotecários, as categorias de análise foram definidas a partir dos pressupostos da ACRL (2016, 2019) presentes no referencial teórico deste estudo, resultando em três categorias a saber: **Compreensões acerca da ColInfo, Serviços e Produtos de ColInfo e Desafios e dificuldades**, como pode ser observado no quadro 8.

**Quadro 8 - Categorias Analíticas - Questionário Bibliotecários**

<b>Instrumento de Coleta - Questionário 1:</b> Bibliotecas multiníveis / bibliotecários			
<b>Objetivo Geral:</b> <i>Analisar as ações das bibliotecas do Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia quanto à oferta de recursos/produtos/serviços orientados ao desenvolvimento da Competência em Informação.</i>			
<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Características / Temáticas abordadas</b>
Investigar as concepções teórico-práticas corrente nas Bibliotecas Multiníveis sobre a Competência em Informação;	Compreensões acerca da ColInfo	-	Reúne as concepções pessoais em torno das disputas conceituais, teóricas e práticas e as compreensões das responsabilidades dos bibliotecários e gestores que envolvem o campo da ColInfo.
Mapear os serviços, produtos, ações e/ou programas voltados ao desenvolvimento da Competência em Informação oferecidos por essas bibliotecas;	Serviços e Produtos de ColInfo	<i>Apoio Pedagógico e Institucional</i>	Somente questões que versam sobre apoio pedagógico e institucional no âmbito da ColInfo
		<i>Delineamento Pedagógico</i>	Reúne-elementos estruturantes que dizem respeito a forma, o modo de operacionalização, a pedagogia, os objetivos de aprendizagem as técnicas e o métodos de desenvolvimento da ColInfo
		<i>Planejamento</i>	Diz respeito aos elementos utilizados para o planejamento de ações de ColInfo, tais como estudos usuários missão, objetivos e valores institucional cronogramas e etc.
		<i>Avaliação</i>	Compreende as ações de avaliação diagnóstica, somativa e formativa
Compreender como as bibliotecas multiníveis promovem serviços, produtos, ações e/ou programas voltados ao desenvolvimento da Competência em Informação;		<i>Recursos tecnológicos de comunicação e mídia;</i>	Tecnologias de Informação e Comunicação; Canais Formais e informais de comunicação e mídia para apoiar o ensino -aprendizado da ColInfo e para promovê-la na comunidade
Sistematizar as principais barreiras, dificuldades e desafios que os bibliotecários gestores dos sistemas/coordenadorias/diretorias de bibliotecas dos Institutos Federais enfrentam para a concepção e execução de serviços, produtos, ações e/ou programas voltados ao desenvolvimento da Competência em Informação em âmbito institucional;	Desafios e dificuldades	<i>Conhecimento Pedagógico e sobre a ColInfo</i>	Conhecimentos teórico-práticos insuficientes ou ausentes a respeito da ColInfo
			Insuficiência ou ausência de Conhecimentos teórico-metodológicos,/ didáticos - Pedagógicos
		<i>Infraestrutura</i>	Ausência ou insuficiência de recursos humanos, financeiros, tecnológicos, midiáticos
		<i>Colaboração</i>	Ausência ou insuficiência na colaboração entre os pares; entre os docentes, entre equipes pedagógicas e multiprofissionais e as chefias,/ gestores
		<i>Público alvo</i>	Estudantes, pesquisadores, especialistas
		<i>Burocracia Administrativa</i>	Regras, diretrizes, decretos, leis, portarias

Fonte: Dados de pesquisa (2022)

Na primeira categoria - **Compreensões acerca da ColInfo** - analisou-se as concepções pessoais dos bibliotecários em torno das disputas conceituais, teóricas e práticas que envolvem o campo da ColInfo.

A segunda categoria - **Serviços e Produtos de ColInfo** - composta das três subcategorias a seguir: *Apoio Pedagógico e Institucional* - diz respeito às questões que versavam sobre apoio pedagógico e institucional às ações de ColInfo propostas e desenvolvidas pelas bibliotecas; *Delineamento Pedagógico* - reúne elementos estruturantes no tocante a forma, o modo de operacionalização, a pedagogia orientadora, os objetivos de aprendizagem as técnicas e os métodos utilizados no desenvolvimento da ColInfo; *Planejamento* - somente elementos utilizados para o planejamento de ações de ColInfo, tais como estudos de usuários, alinhamento à missão, objetivos e valores institucionais, cronogramas, organogramas e fluxogramas; *Avaliação* - compreende as questões que dizem respeito aos processos avaliativos do programa e da aprendizagem, podendo configurar-se em avaliação diagnóstica, somativa e formativa; *Recursos tecnológicos de comunicação e mídia* - Agregou-se somente unidades de registros que tratavam de tecnologias de Informação e Comunicação; Canais Formais e informais de comunicação e mídia para apoiar o ensino - aprendizado da ColInfo e para promovê-la perante a comunidade.

Já a terceira categoria, **Desafios e dificuldades**, foi formada pelas subcategorias: *Conhecimentos teóricos-metodológicos* - agregando elementos que orbitavam sobre os conhecimentos teórico-práticos a respeito da ColInfo e as questões que envolvem o conhecimento pedagógico do ponto de vista teórico, metodológico e didático; *Infraestruturas* - junção de elementos intrínsecos e extrínsecos a temas como recursos humanos, financeiros, tecnológicos, midiáticos; *Colaboração* - reúne questões que tangenciam sobre colaboração entre os pares, entre os docentes, entre equipes pedagógicas e multiprofissionais e as chefias,/gestores; *Público alvo* - íntegra assuntos relacionados aos estudantes, aos pesquisadores e aos especialistas no contexto da ColInfo; *Burocracia Administrativa* - envolve as questões relacionadas às regras, diretrizes, decretos, leis, portarias que dificultam o desenvolvimento da ColInfo em diferentes dimensões.

Semelhantemente, para o questionário 2, dedicado às coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas e a seus gestores, adotou-se os mesmos pressupostos da ACRL (2015, 2019) presentes no referencial teórico deste estudo para a formalização das categorias e subcategorias analíticas. Todavia, como as questões do questionário 2, apresentavam formatos e abordagens diferentes, sua

categorização e subcategorização apresentou pequenas diferenças conforme disposto no quadro 9.

**Quadro 9 - Categorias Analíticas - Questionário Gestores**

<b>Instrumento de Coleta - Questionário 2:</b>			
Coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas / gestores			
<b>Objetivo Geral:</b>			
<i>Analisar as ações das bibliotecas do Instituto Federais de Educação, Ciência e Tecnologia quanto à oferta de recursos/produtos/serviços orientados ao desenvolvimento da Competência em Informação.</i>			
<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>	<b>Características / Temas abordados</b>
Investigar as concepções teórico-práticas corrente nas Bibliotecas Multiníveis sobre a Competência em Informação;	Compreensões acerca da ColInfo	-	Reúne as concepções pessoais em torno das disputas conceituais, teóricas e práticas e as compreensões das responsabilidades dos bibliotecários e gestores que envolvem o campo da ColInfo.
Mapear os serviços, produtos, ações e/ou programas voltados ao desenvolvimento da Competência em Informação oferecidos por essas bibliotecas;	Serviços e Produtos de ColInfo	<i>Apoio Pedagógico e Institucional</i>	Somente questões que versam sobre apoio pedagógico e institucional no âmbito da ColInfo
		<i>Delineamento Pedagógico</i>	Reúne-elementos estruturantes que dizem respeito à forma, ao modo de operacionalização, a pedagogia, aos objetivos de aprendizagem as técnicas e o métodos de desenvolvimento da ColInfo
		<i>Planejamento</i>	Diz respeito aos elementos utilizados para o planejamento de ações de ColInfo, tais como estudos usuários missão, objetivos e valores institucional cronogramas e etc.
		<i>Avaliação</i>	Compreende as ações de avaliação diagnóstica, somativa e formativa
Compreender como as bibliotecas multiníveis promovem serviços, produtos, ações e/ou programas voltados ao desenvolvimento da Competência em Informação;		<i>Recursos tecnológicos de comunicação e mídia;</i>	Tecnologias de Informação e Comunicação; Canais Formais e informais de comunicação e mídia para apoiar o ensino-aprendizado da ColInfo e para promovê-la na comunidade
Sistematizar as principais barreiras, dificuldades e desafios que os bibliotecários gestores dos sistemas/coordenadorias/diretorias de bibliotecas dos Institutos Federais enfrentam para a concepção e execução de serviços, produtos, ações e/ou programas voltados ao desenvolvimento da Competência em Informação em âmbito institucional;	Desafios e dificuldades	<i>Conhecimento Pedagógico e sobre a ColInfo</i>	Conhecimentos teórico-práticos insuficientes ou ausentes a respeito da ColInfo Insuficiência ou ausência de Conhecimentos teórico-metodológicos,/ didáticos - Pedagógicos
		<i>Infraestrutura</i>	Diz respeito às questões que envolvem a mudança de espaço, aporte de recursos financeiros, humanos, tecnológicos e midiáticos
		<i>Capacitação</i>	Refere-se às ações necessárias à preparação teórica e prática da equipe da biblioteca com vista à mudança da cultura organizacional e da mobilização de conhecimentos, atitudes e habilidades relacionados à promoção de ações de ColInfo nas bibliotecas.

Fonte: Dados de pesquisa (2022)

Assim, as diferenças em relação ao questionário 1 se apresentaram na quarta categoria - **Desafios e dificuldades**, em que foram observadas apenas as subcategorias: *Delineamento Pedagógico* - que reuniu elementos estruturantes no tocante a forma, o modo de operacionalização, a pedagogia orientadora, os objetivos de aprendizagem as técnicas e os métodos utilizados no desenvolvimento da ColInfo; *Infraestrutura* - fez a junção de elementos intrínsecos e extrínsecos a temas como recursos humanos, financeiros, tecnológicos, midiáticos e *Capacitação* - que referiu-se às ações necessárias à preparação teórica e prática da equipe da biblioteca com vista à mudança da cultura organizacional e da mobilização de conhecimentos, atitudes e habilidades relacionados à promoção de ações de ColInfo nas bibliotecas.

Em todo esse processo, realizou-se a categorização não apriorística. Optou-se por esse modo de construção de classes, pretendendo-se que as categorias surgissem do contexto das comunicações e do agrupamento das unidades de análise. Buscou-se também neste procedimento valorizar a relevância implícita dos resultados e não apenas a sua frequência, de modo que temas importantes para os objetivos da investigação que apresentaram baixa frequência pudessem emergir enriquecendo e proporcionando maior relevância ao campo de estudo (CAMPOS, 2004).

Por último, chegou-se à fase do tratamento dos resultados, inferências e interpretações, em que a partir da codificação e categorização, submeteu-se o material sob análise a um processo de decomposição apurada dos dados em unidades significantes, em busca de

caracterizar as categorias como grandes enunciados que abarcam um número variável de temas, segundo seu grau de intimidade ou proximidade, e que possam através de sua análise, exprimirem significados e elaborações importantes que atendam aos objetivos de estudo e criem novos conhecimentos, proporcionando uma visão diferenciada sobre os temas propostos (CAMPOS, 2004, p. 614)

Nesta fase final da análise de conteúdo em que procedeu-se ao tratamento dos resultados obtidos por meio da realização de inferências e interpretações, seguiu-se à luz do *corpus* teórico-metodológico combinado ao problema e aos objetivos desta investigação um itinerário de organização e apresentação dos dados agora já analisados em conformidade com a emanção das categorias, conforme pode-se conferir na seção 5 desta dissertação.

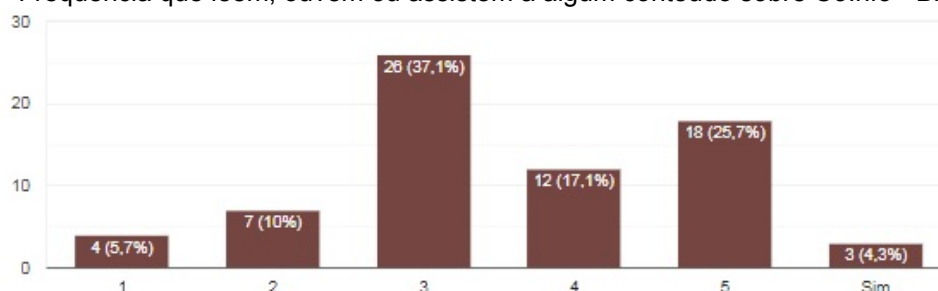
## 5 ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Estão descritas nesta seção a apresentação, a análise, a interpretação e a discussão dos dados coletados junto aos bibliotecários que atuavam em bibliotecas multiníveis e aos gestores de coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas e dos Institutos Federais. Considerando as categorias analíticas propostas, a organização e discussões dos resultados ocorreu da seguinte forma: levou em conta as categorias: **Compreensões acerca da ColInfo, Serviços e Produtos de ColInfo e Desafios e dificuldades**. Quanto à segunda categoria, **Serviços e Produtos de ColInfo**, ela foi composta por cinco subcategorias: *Apoio Pedagógico e Institucional, Delineamento Pedagógico, Planejamento, Avaliação, e Recursos tecnológicos de comunicação e mídia*. Já a terceira categoria, **Desafios e dificuldades**, foi formada pelas subcategorias: *Conhecimentos acerca da ColInfo, Conhecimentos Pedagógicos, Infraestruturas, Colaboração, Público alvo e Burocracia Administrativa*.

### 5.1 Compreensões acerca da ColInfo

Abordando tanto aspectos teóricos-conceituais como práticos, esta categoria reuniu questões que versavam sobre atitudes, opiniões e conhecimentos relacionados à ColInfo. A finalidade desta categorização foi analisar conjuntamente os dados nela reunidos para compreender os entendimentos que os bibliotecários, atuantes em bibliotecas multiníveis e os gestores das coordenadorias, diretorias sistemas e redes de bibliotecas possuem a respeito do tema.

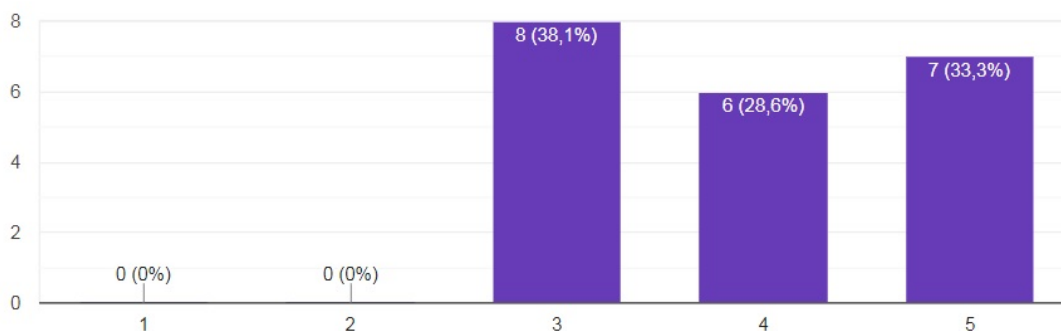
Assim, como primeira questão aos bibliotecários, solicitou-se que respondessem com que frequência haviam lido, assistido ou ouvido algo sobre a ColInfo ao longo da vida acadêmica e profissional. As respostas foram obtidas mediante escala *Likert* em que os participantes escolhiam opções de 1 a 5, sendo 1 equivalente a *nunca*, 2 a *raramente*, 3 a *ocasionalmente*, 4 a *frequente* e 5 *muito frequente*, conforme demonstrado no gráfico 1.

**Gráfico 1** - Frequência que leem, ouvem ou assistem a algum conteúdo sobre ColInfo - Bibliotecários

Fonte: Dados de Pesquisa, 2022.

Dos 70 bibliotecários que responderam ao questionário destinado às 199 bibliotecas dos campis selecionados, verificou-se que 5,7% (4) *nunca* haviam ouvido, lido ou assistido qualquer conteúdo informacional relacionado a ColInfo, 10% (7) apontaram que *raramente*, 37,1% (26) *ocasionalmente*, 21,4% (15) *frequentemente* e 25,7% (18) *muito frequente*. Identificou-se, portanto, que 47,1% (33) dos respondentes tiveram algum contato com a ColInfo de modo *frequente* e ou *muito frequente*. Esses dados revelaram que menos da metade dos bibliotecários que atuam em Institutos Federais têm algum tipo de conhecimento ou interesse sobre a temática.

Já em relação às respostas dos gestores a essa mesma questão, apurou-se que dos 21 respondentes, 38,1% (8) afirmaram que lêem, ouvem e ou assistem conteúdos relacionados a ColInfo *ocasionalmente*, 28,6% (6) *frequentemente* e 33,3% (7) *muito frequente*, apontando que diferentemente ao apurado entre os bibliotecários, 61,9% dos gestores mantêm relação nominal de proximidade ao tema, conforme demonstra o Gráfico 2.

**Gráfico 2** - Frequência que leem, ouvem ou assistem a algum conteúdo sobre ColInfo - Gestores

Fonte: Dados de Pesquisa, 2022

Por conseguinte, com vistas a complementar esses dados, solicitou-se aos bibliotecários, atuantes em bibliotecas multiníveis, que descrevessem o entendimento que tinham sobre a ColInfo conforme pode-se observar na tabela 1.

**Tabela 1 -** Percepções conceituais dos bibliotecários em torno da Competência em Informação

Definições e conceitos de ColInfo	Quant.	%
“Habilidade de definir, localizar, acessar, avaliar e usar a informação de forma ética e socialmente responsável como parte de uma estratégia de aprendizado ao longo da vida”.	15	21,4%
“Prática transdisciplinar com ênfase e abrangência em fontes de informação disponíveis em diversos suportes e armazenadas em ambientes de natureza vária, com foco em conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e entorno que as pessoas adquirem para usar a informação de modo inteligente e construir conhecimento aplicável à realidade onde se inserem”.	11	15,7%
“Conceito amplo que abrange habilidades em informação, habilidades em tecnologias de informação, habilidades em bibliotecas, habilidades em resolução de problemas e habilidades cognitivas, além de atitudes e valores que possibilitam ao estudante atuar efetivamente no contexto da informação”.	11	15,7%
“Capacidade de reconhecer quando uma informação é necessária e habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação de que necessita”.	10	14,3%
“Desenvolver pessoas capazes de encontrar, avaliar e usar a informação de forma eficiente e eficaz para resolver problemas ou tomar decisões, usando ou não uma biblioteca”.	6	8,6%
“Adoção de um comportamento informacional apropriado para identificar, mediante qualquer canal ou meio, informação adequada às necessidades, levando ao uso correto e ético da informação na sociedade”.	5	7,1%
“Processo que tem por objetivo a interiorização de comportamentos adequados e aquisição de habilidades pelos usuários com relação ao uso eficaz e eficiente da biblioteca e demais sistemas de informação”.	2	2,9%
“Conjunto de ações e / ou estratégias para desenvolver determinadas habilidades no usuário por desconhecer situações específicas de uso da biblioteca e de seus recursos informacionais, envolvendo o conjunto e meios necessários para tal”.	2	2,9%
“Processo holístico influenciado por relações sociais, físicas e textuais com a informação, as quais demandam uma série de práticas e atestam a complexidade e a variedade das fontes de informação dentro de um contexto”.	2	2,9%
“Conjunto de ações e ou estratégias para desenvolver determinadas habilidades no usuário por desconhecer situações específicas de uso da biblioteca e de seus recursos informacionais, envolvendo o conjunto e meios necessários para tal”.	2	2,9%
“Conjunto de três grandes classes de habilidades relacionadas à informação: acessar, avaliar e sintetizar informação”.	1	1,4%
“Conceito bem amplo que está contemplado em várias alternativas acima, ou seja, o usuário ser capaz de buscar, localizar e usar a informação a qual necessite e faça uso para a construção de novos conhecimentos a ele”	1	1,4%
“Eu entendo que são habilidades adquiridas mediante a prática de letramento e aprendizado em informação. Por meio dessas habilidades, se adquire estratégias para buscar a informação, sendo assim adquirindo competência informacional”.	1	1,4%
“Capacidade que o indivíduo tem em processar uma informação, ler, interpretar, criticar, criar novos conceitos, e ou acrescentar novas informações a informação em questão estudada”.	1	1,4%

Fonte: Dados de Pesquisa, 2022.

Apurou-se que, embora mais de 50% dos 70 bibliotecários participantes desta pesquisa tenham respondido que *nunca*, *raramente* ou *ocasionalmente* leem/ouvem/assistem a algum tipo de conteúdo a respeito da ColInfo, 89% (64)

apresentaram conceitos coerentes com os encontrados na literatura da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Em contrapartida, 8,7% (6) fizeram alusões confusas evocando a Educação de Usuários, sendo percebido a partir de expressões presentes nas respostas obtidas, tais como *uso eficaz e eficiente da biblioteca e situações específicas de uso da biblioteca*.

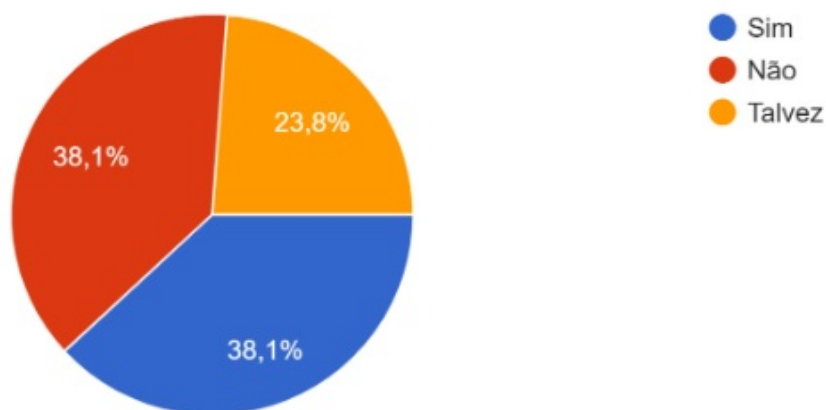
Ao terem majoritariamente apresentado conceitos de Colnfo em que os princípios são compatíveis com as definições correntes na literatura da área e ao declararem-na *importante ou extremamente importante*, os resultados contrapuseram-se ao apurado na primeira questão. Ao analisar-se a questão do ponto de vista teórico-conceitual verificou-se que o tema é relativamente conhecido entre os bibliotecários lotados nas bibliotecas multiníveis e se encontra em fase de difusão e apropriação por esses profissionais. Contudo, é interessante considerar que em um cenário em que menos de 50% dos profissionais sinalizaram ler/ouvir/assistir com *frequência e com muita frequência* algum tipo de conteúdo a respeito da Colnfo indica que a variável interesse ainda não está presente de modo satisfatório entre profissionais da informação, ao ponto de indicar que existe uma atuação sistemática de desenvolvimento da Colnfo nos Institutos Federais, mediante a atuação de suas bibliotecas.

Os dados reforçam, portanto, a inferência de que existe uma atitude de passividade do bibliotecário em relação à dimensão educativa do saber-fazer biblioteconômico, conforme apontado por Barros (1987). Passados aproximadamente 35 anos desta afirmação e 13 anos da tese de Campello (2009) que ratificou e aditou este pensamento, os resultados aqui consolidados reiteram a subserviência da função educativa às ações de organização da informação, em contraposição a uma relação de interdependência. Neste diapasão, Dudziak (2001) defende que as bibliotecas, nas mais distintas configurações ou tipologias, são instrumentos estratégicos para criação de um ambiente favorável à formação crítica e autônoma dos sujeitos. Ao se posicionarem em favor da democratização do acesso físico e intelectual à informação, elas se tornam fonte real e vívida de transformação cultural e social.

No mesmo campo de apreensão dessa questão apresentada aos bibliotecários, buscando-se identificar novos indícios que clarificassem quais eram os entendimentos teórico-conceituais a respeito da Colnfo nos Institutos Federais, perguntou-se aos gestores se a Colnfo e a Educação de Usuários eram

terminologias diferentes para a mesma atividade. As respostas foram coletadas mediante questão objetiva de múltipla escolha onde as opções eram apenas *sim*, *não* ou *talvez*, conforme visualiza-se no gráfico 3.

**Gráfico 3** - Competência em informação *versus* Educação de Usuários - Gestores



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Dos 21 gestores respondentes, 38,1% (8) afirmaram que *sim*, 38,1% (8) que *não* e 23,8% (5) responderam que *talvez*, conforme visualiza-se no gráfico 3.

A partir desse resultado, apurou-se que entre os gestores a ColInfo ainda não é uma temática clara e bem compreendida, embora o resultado da questão um (1) tenha apontado que mais de 60% deles liam, escutavam ou assistiam a conteúdos sobre o tema *frequente* ou *muito frequente*. Desta forma, aponta-se que a compreensão em torno da ColInfo entre os gestores é apenas nominal, uma vez que, 61,9% (13) escolheram opções que demonstram incompreensão da existência de diferenças sensíveis entre a Educação de Usuários e a ColInfo. Desta maneira, buscando-se obter entendimento mais amplificado a respeito destes posicionamentos, solicitou-se ainda que explicassem como compreendiam cada um dessas subáreas da Ciência da Informação. As respostas foram coletadas por meio de questão aberta, conforme pode-se observar no quadro 10:

**Quadro 10 - Compreensões de gestores em torno da Educação de Usuários e da ColInfo**

<b>Gestor</b>	<b>Compreensão conceitual dos gestores a respeito da Educação de Usuários e da ColInfo</b>
G1	Em uma compreensão mútua, seguida de estudos, do aprender a aprender.
G2	A competência da informação deve ser uma ação da biblioteca na qual oferece ao usuários ferramentas/treinamentos para que ele possa desenvolver a habilidade para localizar /reconhecer a informação a qual necessita, saber avaliá-la e usar de forma efetiva essa informação. A prática de competência da informação faz parte das ações de Educação de Usuário promovidas pela biblioteca.
G3	Educação tem aspecto mais geral, como apresentar as normas da biblioteca; já a competência, acredito estar mais focada nas técnicas de recuperação/pesquisa e uso da informação.
G4	Acredito que o termo CI seja mais amplo que EU. Entendo EU como algo mais sobre o uso de serviços da biblioteca.
G5	A competência em informação se refere ao processo de desenvolvimento de habilidades na busca, acesso e uso da informação de forma crítica. A educação do usuário compreende ações de capacitações no uso consciente da biblioteca e das fontes de informações.
G6	Não sei
G7	No meu entendimento, as terminologias são próximas, mas não com o mesmo significado. Acredito que a competência em informação esteja relacionada ao uso correto da enorme gama de informações (notícias) que recebemos todos os dias. Os cuidados que devemos ter ao receber e compartilhar notícias, principalmente em tempos de fake news. Quanto à educação de usuários, penso que refere-se a como o usuário busca a informação que necessita.
G8	Educação de usuários seria ensinar usuários a utilizar os serviços oferecidos e a competência em informação é mais abrangente (capacitar os usuários a fazerem uso de diversas fontes de informação, não só da biblioteca)
G9	As duas terminologias dizem respeito a promoção e desenvolvimento de autonomia e habilidades específicas dos usuários para que estes possam fazer o melhor uso possível dos recursos e fontes informacionais.
G10	Ambos possuem o mesmo objetivo - capacitar o usuário para utilização dos serviços e acessos à informação
G11	Educação de usuários é o início para a aquisição da competência em informação (fase embrionária).
G12	Ambos tratam as habilidades de pesquisa, uso das bibliotecas e informação.
G13	A educação de usuários é primordial para que eles tenham condições de buscar as informações corretas para avaliar sua real necessidade, seu uso e, dessa maneira, a competência em informação é importante, pois capacita os usuários para que tomem suas decisões sem demandar tanto tempo e prejuízo de valores (dinheiro)
G14	Educação do usuário são atividades pontuais de apresentação de recursos informacionais, Competência em informação é o estímulo de consumo/produção de informação de forma consciente e autônoma do usuário.
G15	Porque tudo que se atribui em educação do usuários tem a ver com competência em informação, uma vez que o usuário será orientado a desenvolver habilidades para desenvolver uma atividade, como recuperar a informação, por exemplo
G16	Educação de usuários consiste em educar o usuário para utilizar os recursos disponíveis na biblioteca. Competência em informação consiste em treinar o usuário para ter autonomia de buscar informações não só através dos recursos disponíveis na biblioteca, ultrapassa as barreiras físicas.
G17	Educação de usuários vejo como mais relacionada a num primeiro momento que mostramos como funciona a biblioteca, mostramos os serviços oferecidos e as regras e o sistema utilizado. A competência em informação vejo como mais relacionada a ensinar os usuários a buscar a informação que necessitam, utilizar as ferramentas e bases oferecidas e ter autonomia nas suas buscas.
G18	São atividades diferentes entre si.
G19	A educação de usuários busca prestar o atendimento relacionado aos processos informacionais, compreendendo e detectando as necessidades de informação, já a competência em informação estaria ligada ao estudo do usuário e suas habilidades, visando disponibilizar melhor atendimento.
G20	A competência da informação e a educação de usuários possuem aproximações teóricas e práticas.
G21	Creio que existe aproximação entre os dois termos, tendo em vista o papel educacional do bibliotecário, porém, entendo a ColInfo como uma disciplina específica, com estudos vinculados ao campo da Ciência da Informação e relacionado ao fazer do profissional bibliotecário. Já a educação de usuários constitui ações que o profissional bibliotecário ou a instituição podem promover com o intuito de "ensinar" o usuário a utilizar os recursos informacionais existentes.

Fonte: Dados de Pesquisa, 2022

Verificou-se portanto que as respostas obtidas resguardaram relativa coerência ao que foi apurado no gráfico 3, validando seus resultados que apontaram a existência de compreensões confusas a respeito dos temas ColInfo e Educação de Usuários entre os gestores.

Dos 21 respondentes, identificou-se cinco grupos. O primeiro correspondeu a 5% (1) dos respondentes afirmando não saber as diferenças sendo representado por G1. O segundo grupo, correspondendo também a apenas 5% (1) do total de

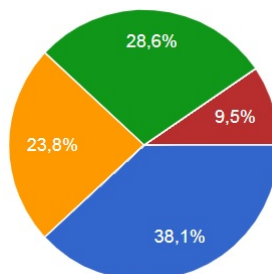
respostas, afirmou que a ColInfo e a Educação de usuários são processos diferentes, mas G18 não traduziu essa compreensão em conceitos ou definições básicas que pudessem justificar a tese, possibilitando analisar qualitativamente o nível de proficiência sobre a temática. O Terceiro grupo com 9% (2) das afirmativas defendeu que a Coinfo e a Educação de usuários tratam-se de processos distintos, porém inter relacionados, sendo que para G1 este constitui-se na fase embrionária daquele, enquanto para G7 a ColInfo está relacionada ao uso e compartilhamento de informações em especial as oriundas do gênero jornalístico, enquanto a Educação de Usuários é relacionada ao Comportamento Informacional.

Já o quarto grupo atingiu a marca de 28% (6) da amostra com G1, G9, G10 e G12 defendendo que a Educação de Usuário e a Coinfo são nomes diferentes para o mesmo processo. O sexto grupo com 33% (7) das respostas afirmou que a ColInfo e a Educação de Usuários são atividades diferentes, no entanto, as definições apresentadas eram confusas e não coadunaram com os conceitos presentes na literatura da área. Destes, 28,5% (6) dos respondentes (G2, G3, G13, G14, G17 e G19) reduziram o campo de ação da Coinfo as ações da Educação de Usuários e 4,7% (1) representado por G21 definiu a primeira como uma competência específica do profissional da informação e a segunda como uma expressão prática dessa competência, “com o intuito de “ensinar” o usuário a utilizar os recursos informacionais existentes”. Por fim, o último grupo correspondente a 19% (4) dos respondentes, formado por G4, G5, G8 e G16, declarou que a Coinfo e a Educação de usuários são atividades com finalidades distintas, embora correlatas, tendo sido o grupo que melhor apresentou definições aproximadas aos conceitos mais correntes na literatura da Biblioteconomia e da CI.

Notou-se, portanto, a partir desta questão que o nível de compreensão teórico-conceitual entre os gestores das coordenadorias, diretorias, redes e sistemas de de bibliotecas dos Institutos Federais é insuficiente sobre o tema objeto desta pesquisa, embora mais de 60% deles tenham afirmado que frequente ou muito frequente buscam ter acesso a conteúdos a respeito da ColInfo.

Complementarmente a essa questão, conforme demonstrado no gráfico 4, buscou-se compreender o que os gestores acreditavam ser necessário (de forma macro) para internalizar o processo de desenvolvimento da ColInfo na comunidade escolar e acadêmica da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

**Gráfico 4** - Concepções acerca do que é necessário para que o desenvolvimento da ColInfo seja contínuo na comunidade escolar e acadêmica - Gestores



- Ser necessário a integração de gestores, bibliotecários, docentes, equipe técnico-pedagógica (Técnicos em Assuntos Educacionais, Pedagogos) e multiprofissional (Psicólogos, Assistentes sociais etc) mediante um PROGRAMA institucional de desenvolvimento da Competência em Informação
- Ser necessário a atuação individual das equipes de bibliotecas (bibliotecários, auxiliares de bibliotecas, e etc) da instituição mediante AÇÕES PONTUAIS diversificadas.
- Ser necessário a integração de gestores, bibliotecários, docentes, equipe técnico-pedagógica (Técnicos em Assuntos Educacionais, Pedagogos) e multiprofissional (Psicólogos, Assistentes sociais etc) mediante diferentes PROJETOS institucionais de desenvolvimento da Competência em Informação
- Ser necessário a integração de todas as bibliotecas da instituição e seus colaboradores em torno de um PROGRAMA institucional de desenvolvimento da competência em informação.
- Ser necessário a atuação individual das equipes de bibliotecas (bibliotecários, auxiliares de bibliotecas, e etc) da instituição mediante PROJETOS diversificados.
- Ser necessário o desenvolvimento de produtos e serviços por todas e em todas as bibliotecas, independente do formato (PROGRAMA, PROJETOS, AÇÕES PONTUAIS).
- Ser facultativo, respeitando-se o perfil e a autonomia para tomada de decisão do bibliotecário de cada unidade.
- Não ser necessário qualquer ação específica das biblioteca e da gestão, uma vez que, a comunidade desenvolverá a competência em informação a partir das relações estabelecidas na própria comunidade acadêmica e escolar.
- Ser necessário que os profissionais da informação a reconheçam e a compreendam como uma ação transformadora na mobilização e articulação da informação para a geração de conhecimento significativo pelos sujeitos.

Fonte: Dados de pesquisa, 2022

Assim, partindo da representação do gráfico 4 foi possível apurar que dos 21 gestores participantes desta pesquisa, 38,1% (8) afirmaram *ser necessário a integração de gestores, bibliotecários, docentes, equipe técnico-pedagógica (Técnicos em Assuntos Educacionais e Pedagogos) e multiprofissional (Psicólogos, Assistentes Sociais e etc.) mediante um Programa institucional de desenvolvimento da Competência em Informação*; 28,6% (6) opinaram *ser necessário a integração de todas as bibliotecas da instituição e seus colaboradores em torno de um Programa institucional de desenvolvimento da Competência em Informação*; 23,8% (5) entendem *ser necessário a integração de gestores, bibliotecários, docentes, equipe técnico-pedagógica (Técnicos em Assuntos Educacionais e Pedagogos), multiprofissional (Psicólogos, Assistentes Sociais e etc.) mediante um Projeto institucional de desenvolvimento da Competência em Informação* e 9,5% (2) responderam *ser necessário que os profissionais da informação a reconheçam e a compreendam como uma ação transformadora na mobilização e articulação da informação para a geração de conhecimento significativo para os sujeitos*.

Ao majoritariamente apontarem a formatação das ações por meio de Programas, a partir do envolvimento de múltiplos autores, os gestores aproximam-se do que vem sendo recomendado tanto por pesquisadores do tema como por instituições de referência como a IFLA e a ACRL. Estas instituições têm enfatizado em seus diversos documentos sobre o tema que os esforços para promover uma sociedade capaz mais competente no uso da informação nas diferentes conjunturas da vida perpassam pelo trabalho conjunto e sistemático de diferentes sujeitos e instituições, mas principalmente, no âmbito educacional (LAU, 2007; ACRL, 2019).

Ainda sob essa perspectiva, conforme observa-se na tabela 2, solicitou-se aos gestores a indicação de ações (produtos e ou serviços) que em suas opiniões contribuiriam especificamente ao desenvolvimento da ColInfo no âmbito das bibliotecas.

**Tabela 2** - Concepção dos serviços e produtos que contribuem especificamente para o desenvolvimento da ColInfo na visão dos gestores

Cód.	Produtos e/ou Serviços	Freq.	%
ColInfo2	Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) de iniciação à pesquisa em Bases de dados em geral - criação de estratégia de busca, uso de operadores booleanos, critérios para avaliação dos resultados de pesquisa, e outros recursos)	21	100%
ColInfo4	Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para identificação e uso de canais e fontes de informação	21	100%
ColInfo3	Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para o uso do portal de periódicos da Capes - formas de acesso, cobertura, estratégias e tipos de busca, recursos e ferramentas	19	90,5%
ColInfo6	Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para o uso ético da Informação	17	81%
ColInfo1	Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para uso de gestores de referências - Mendeley, Zotero, End Note etc	16	76,2%
ColInfo5	Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) no uso de normas para formatação de trabalhos acadêmicos	15	71,4%
EU4	Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para o uso do catálogo da biblioteca	15	71,4%
ColInfo9	Folders, Cards e/ou manuais auto instrucionais sobre a seleção de fontes de informação	14	66,7%
SR1	Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) no preenchimento do Currículo Lattes	14	66,7%
EU5	Folders, Cards e/ou manuais auto instrucionais para uso do catálogo da biblioteca	13	61,9%
EU1	Visita Guiada à biblioteca para conhecer como funciona e está organizada	11	52,4%
EU2	Instrução a respeito do funcionamento da biblioteca (regras, serviços e etc)	9	42,9%
EU3	Treinamento para uso do catálogo	12	57,1%
ColInfo7	Folders, Cards e/ou manuais auto instrucionais sobre o uso ético da informação	11	52,4%
ColInfo8	Orientação individual para uso das normas para formatação de trabalhos acadêmicos	9	42,9%
CIRC3	Emissão de ficha catalográfica	7	33,3%
CIRC2	Emissão de Nada Consta	3	14,3%

Fonte: Dados de pesquisa, 2022

Dentre os 17 serviços e produtos apontados como contribuintes específicos a ColInfo, apurou-se que 52,94% (9) deles podem ser relacionados à ColInfo, 29,41% (5) à Educação de Usuários (EU), 11,76% (2) ao Serviço de Circulação e 5,88% (1) ao Serviço de Referência (SR). Entre os que apresentaram frequência superior a 50% destacaram-se os serviços e produtos codificados como *ColInfo2* e *ColInfo4* sendo mencionado por 100% (21) dos gestores; *ColInfo3* com 90,5% (19); *ColInfo6* com 81% (17); *ColInfo1* com 76,2% (16); *ColInfo5* e *EU4* com 71,4% (15) cada; *SR1* e *ColInfo9* com 66,7% (14) cada; *EU5* com 61,9% (13); *EU3* com 57,1% (12); *EU1* e *ColInfo7* com 52,4% (11) cada. Já entre os que obtiveram o menor índice de citações foram *CIRc2* e *CIRc3* com 14,3% (3) e 33,3% (7) respectivamente.

Dentre os serviços e produtos mais citados, 61,71% (108) das ocorrências diziam respeito aos que se aproximam de ações de ColInfo por tratarem do desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e atitudes envolvendo o processo de escolha de canais e fontes de informações, as estratégias de busca, a localização e acesso a informação em bases e bancos de dados científicos, ao uso de gestores de referência para a organização das informações recuperadas, ao uso de normas para apresentação do conhecimento produzido e à internalização de práticas que valorizem o uso ético da informação.

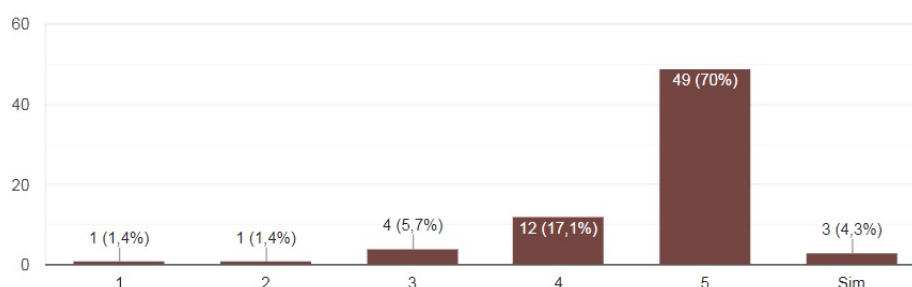
Já entre os serviços e produtos com menores índices de citações, identificou-se com 30,2% (53) das ocorrências os relacionados tipicamente à *Educação de Usuários*, tais como a orientação ao uso do catálogo, dos recursos da biblioteca e da apropriação da organização de seu acervo e demais espaços por meio de visitas guiadas; com 5,71% (10) os vinculados ao serviço de *Circulação*, como emissão de ficha catalográfica e de nada consta; e com 2,28% (4) os atrelados em geral ao *Serviço de Referência*, como orientação ao preenchimento do Currículo Lattes.

Esse cenário indicou que há um contingente de mais de  $\frac{1}{4}$  (um quarto) da amostra que desconhece os princípios elementares de constituição da ColInfo a ponto de distinguí-la com clareza dos demais serviços da biblioteca. Revelou ainda que os gestores conseguem apontar mais eficazmente as ações práticas que efetivamente contribuem para o ColInfo do que representá-la a partir de conceitos e definições teóricas. Esta inferência é facilmente identificada quando compara-se os resultados, já que os que relativamente demonstraram em termos práticos a compreensão que possuem sobre a ColInfo superaram 60%, enquanto que,

paradoxalmente, menos de 20% deste mesmo universo obteve êxito em apresentá-la em termos teóricos-conceituais compatíveis com a literatura da área.

Por fim, para fechamento desta categoria, apurou-se entre os bibliotecários atuantes em bibliotecas multiníveis o grau de importância que eles davam à necessidade de desenvolver ações de ColInfo junto à comunidade onde atuavam mediante as bibliotecas. Conforme pode-se observar no gráfico 5, usou-se a escala *Likert* de importância, em que 1 significava *nada importante*, 2 - *às vezes importante*, 3 - *razoavelmente importante*, 4 - *importante* e 5 - *extremamente importante*, para aferir a opinião dos participantes.

**Gráfico 5** - Importância em promover a ColInfo por meio das Bibliotecas Multiníveis - Bibliotecários



Fonte: Dados de Pesquisa, 2022

Das 70 respostas obtidas, 70% (49) declararam ser *extremamente importante*, 21,4% (15) *importante*, 5,7% (4) *razoavelmente importante*, 4% (1) *às vezes importante* e 1,4% (1) *nada importante*. Identificou-se que entre os bibliotecários dos Institutos Federais pouco mais de 90% afirmaram que a ColInfo é relevante enquanto campo de atuação das bibliotecas. Assim, esse cenário apontou que o grau de relevância dado por cada bibliotecário ao tema está relacionado ao nível de conhecimento que este tem sobre a temática, já que o número de respostas que indicavam um conceito de ColInfo, próximo ao da literatura corrente de Biblioteconomia e CI, resguardou coerência ao número de bibliotecários (as) que a classificaram como *importante* ou *extremamente importante*. Paradoxalmente, estes resultados não representam o nível de interesse que os mesmos profissionais têm sobre o desenvolvimento do tema, uma vez que pouco mais de 2/4 afirmaram não acessarem algum tipo de conteúdo sobre a ColInfo com *frequência* ou com *muita frequência*, ou seja, embora reconheçam sua relevância não demonstram disposição em contribuir para sua internalização no âmbito do *locus* profissional.

Por fim, para fechar a categoria **Compreensões acerca da ColInfo**, verificou-se junto aos gestores de coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas dos Institutos Federais quais eram os entendimentos que possuíam a respeito das suas responsabilidades e as dos bibliotecários atuantes em bibliotecas multiníveis, em relação à concepção, execução e avaliação de ações de desenvolvimento da ColInfo.

Em relação ao papel dos bibliotecários de bibliotecas multiníveis frente ao desafio de tornar a ColInfo parte das ações destas unidades de informação, a tabela 3 apresenta as considerações dos gestores respondentes.

**Tabela 3** - Papel dos bibliotecários no desenvolvimento da ColInfo sob o ponto de vista de gestores de sistemas / rede / diretoria / coordenação de bibliotecas

Cód.	Papel dos bibliotecários no desenvolvimento da ColInfo	Freq.	%
E1	Treinar o usuário para buscar, localizar e acessar informações em variados canais e fontes	17	81%
G1	Colaborar no desenvolvimento de iniciativas e objetivos para a competência em informação	15	71,4%
E2	Orientar o usuário para o processo de busca da informação	13	61,9%
E3	Compartilhar o valor da informação e do conhecimento e defender o papel da biblioteca na aprendizagem e no desenvolvimento dos estudantes e dos currículos escolares escolares.	13	61,9%
G2	Incentivar e capacitar outros bibliotecários educadores para seu desenvolvimento profissional	11	52,4%
G3	Estabelecer parcerias com outros bibliotecários	11	52,4%
E4	Capacitar os usuários para utilizar adequadamente as normas apropriadas a cada área do conhecimento (ABNT, Vancouver, APA, entre outras)	10	47,6%
E5	Demonstrar-se aberto para colocar em prática novas ideias e projetos pedagógicos	10	47,6%
E6	Instruir o usuário na utilização de softwares para gerir referências	9	42,9%
E7	Auxiliar o usuário a articular necessidades de informação	9	42,9%
E8	Participar de discussões e debates em torno do ensino e aprendizagem	9	42,9%
E9	Orientar a respeito das implicações éticas, políticas e econômicas no uso da informação	8	38,1%
G4	Agir para o desenvolvimento profissional dos bibliotecários	8	38,1%
E10	Promover uma cultura inclusiva no processo de ensino.	7	33,3%
E11	Identificar necessidades de aprendizagens com base em ferramentas e teorias	6	28,6%
G5	Captar recursos para o programa de ensino da Competência em Informação	6	28,6%
E12	Auxiliar no desenvolvimento de instruções apropriadas ao público	5	23,8%
E13	Desenvolver modelagem de novas práticas pedagógicas	3	14,3%
G6	Auxiliar na definição de metas e resultados para os programas de ensino e desenvolver aulas criativas e atraentes	2	9,5%

Fonte: Dados de Pesquisa, 2022

Visualiza-se com essa questão que as opiniões quanto ao papel do bibliotecário frente ao desenvolvimento da ColInfo, é muito difusa entre os gestores. Das 19 responsabilidades apontadas, 68,42% (13) referem-se à dimensão do **ensino**, em que são atribuídas responsabilidades de concepção e execução de ações de desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e atitudes em torno da ColInfo, enquanto 31,57% (6) referem-se às atividades características da dimensão **gestão**. Este resultado coaduna com o apontamento de Pereira et al, (2021) que ao

apresentar uma síntese do papel do bibliotecário no contexto escolar com base no documento “*Diretrizes da IFLA para Bibliotecas Escolares*” (2015) identificou as dimensões do **ensino** e **gestão** como sendo facetas gerais desse profissional da informação.

No que diz respeito à frequência, a **dimensão ensino** é a predominante com 119 indicações, representando 73,9% das citações, enquanto a **dimensão gestão** apresentou apenas 42 menções, o equivalente a 26,08% das respostas. Não obstante, as indicações que se destacaram com percentuais superiores a 50 %, foram E1, representando 81% (17) do total de respondentes, cuja premissa está assentada no *ensino de habilidades, atitudes e conhecimentos para buscar, localizar e acessar informações em diversas fontes e canais de informação*. Em segundo lugar identificou-se G1, com 71,4% (15) das indicações, que direcionam para uma *responsabilidade compartilhada em desenvolver iniciativas e objetivos para a ColInfo no âmbito dos Institutos Federais*. Por conseguinte, visualizou-se E2, com 61,9% (13) de citações, e que semelhantemente a E1 apontou para a atividade de *orientação para o processo de busca da informação, reforçando a predominância na ênfase da faceta técnica da ColInfo por meio de processo instrucional*. Apareceu ainda E3, com 61,9% (13) repetições que *defendeu o papel da biblioteca no ensino-aprendizagem e o bibliotecário como responsável por realizar o Advocacy no ambiente onde se encontra*. Já G2 e G3 surgiram com 52,4% (11) das menções, e apontaram que, enquanto gestor de uma biblioteca, o papel do bibliotecário deve ser respectivamente o de trabalhar para estabelecimentos de parcerias e de promoção da capacitação dos seus pares.

Nota-se que, embora difuso, o pensamento predominante entre os gestores em relação ao papel da biblioteca e dos bibliotecários está em consonância ao que foi proposto por Bordenave e Pereira (2015) no livro “Estratégias de ensino-aprendizagem” e também à concepção de que esses espaços e seus profissionais “[...] têm a responsabilidade de assumir seu compromisso pedagógico, empreendendo ações educacionais para o contexto da informação, utilização dos recursos e serviços informacionais” (MAIA; SANTOS, 2022, p. 3-4).

Por conseguinte, mediante um conjunto de alternativas em que poderiam ser escolhidas várias delas e/ou acrescentar outros pontos de vistas não contemplados nas múltiplas opções apresentadas, os gestores de sistemas / rede / diretoria /

coordenadoria e diretoria de bibliotecas relataram, segundo o seu juízo de valor, quais seriam suas responsabilidades frente à ColInfo, conforme pode-se apurar na tabela 4.

**Tabela 4** - Compreensão dos gestores de sistemas / rede / diretoria / coordenadoria de bibliotecas quanto ao seu papel no desenvolvimento da ColInfo

Cód.	Papel do gestor de sistemas / rede / diretoria / coordenadoria de bibliotecas no desenvolvimento da ColInfo	Freq.	%
G1a	Agir para o desenvolvimento profissional dos bibliotecários e equipes de bibliotecas no que diz respeito a Competência em Informação	15	71,4%
E1a	Colaborar no desenvolvimento de iniciativas e objetivos para a competência em informação	14	66,7%
G2a	Compartilhar o valor da informação e do conhecimento e defender o papel da biblioteca na aprendizagem e no desenvolvimento dos estudantes e dos currículos escolares escolares.	11	52,4%
G3a	Incentivar e capacitar outros bibliotecários educadores para seu desenvolvimento profissional	8	38,1%
E2a	Orientar a respeito das implicações éticas, políticas e econômicas no uso da informação,	8	38,1%
E3a	Promover uma cultura inclusiva no processo de ensino.	7	33,3%
E4a	Treinar o usuário para buscar, localizar e acessar informações em variados canais e fontes	5	23,8%
E5a	Instruir o usuário na utilização de softwares para gerir referências bibliográficas	4	19%
E6a	Auxiliar no desenvolvimento de instruções apropriadas ao público	4	19%
E7a	Capacitar os usuários para utilizar adequadamente as normas apropriadas a cada área do conhecimento (ABNT, Vancouver, APA, entre outras)	3	14,3%

Fonte: Dados de Pesquisa, 2022

Diferentemente do que se apurou em relação à distribuição das opiniões quanto ao papel dos bibliotecários, ao refletirem sobre o próprio papel, os gestores apontaram um número menor de responsabilidades frente ao desenvolvimento da ColInfo. Neste caso, identificou-se 10 responsabilidades em contraposição às 19 apontadas na questão anterior. Destas, 70% (7) diziam respeito à **dimensão ensino**, enquanto apenas 30% (3) referiram-se a atividades características da **dimensão gestão**. Desta forma este resultado é proporcionalmente semelhante ao da questão anterior em que as dimensões atingiram percentuais muito próximos desses. No primeiro grupo foram citadas responsabilidades de concepção e execução de ações em torno da ColInfo semelhante ao que foi atribuído aos bibliotecários. Verbos como “Instruir”, “Auxiliar”, “Capacitar”, “Orientar” interligadas a outros termos correlacionados ao ensino de habilidades, conhecimentos e atitudes no trato com o universo informacional foram frequentes em quase todas as sentenças.

Percebeu-se ainda que os apontamentos que obtiveram percentual inferior a 50% eram em maior número e diziam em sua maioria respeito à **dimensão ensino**.

Não obstante, a frequência de citação que E2a, E3a, E4a, E5a, E6a, E7a e E8a receberam, somados não superaram os três mais citados.

Visualizou-se também, que a dimensão **ensino** reuniu 59,4% (47) das repetições, contra 43% (34) da dimensão **gestão**. Quanto às indicações que se destacaram com percentuais superiores a 50 %, notou-se G1a com 71,4% (15) das indicações, defendendo que o papel do gestor é *propiciar condições favoráveis ao desenvolvimento profissional dos trabalhadores de suas bibliotecas em relação aos conhecimentos necessários para a promoção da ColInfo*. Em segundo lugar, identificou-se E1a com 66,7% (14) das citações direcionadas para a responsabilidade compartilhada no *desenvolvimento de iniciativas e objetivos para a ColInfo no âmbito dos Institutos Federais*. Em terceiro, apareceu G2a com 52,4% (11) das menções que apontaram para a função do gestor em *fazer Advocacy a favor do papel da biblioteca no Ensino e na aprendizagem*.

Diante desse quadro, deduziu-se que embora os gestores compreendam relativamente bem o trabalho dos bibliotecários em relação a ColInfo, paradoxalmente não compreendem seu papel em relação a ela. Sob o ponto de vista gerencial e diretivo, no que tange à ColInfo, ainda não é claro entre os gestores o real papel que possuem na sua internalização nos processos educativos dos Institutos Federais. Ao apontarem predominantemente responsabilidades de caráter operacional ao se reportarem sobre a própria atuação na promoção da ColInfo, quando se esperava responsabilidades mais ligadas ao planejamento estratégico, enquanto ocupam a função de gerência, direção e ou coordenação, esses gestores indicam que essa dimensão e as competências a ela inerentes necessitam ser melhores trabalhadas no âmbito dos Institutos Federais.

Os dados reunidos sob a categoria **Compreensões acerca da ColInfo** apontaram que no discurso os bibliotecários apresentam conhecimento dos princípios fundamentais da ColInfo e do exercício da função educativa das bibliotecas multiníveis. Entretanto, observa-se que, na prática demonstram baixo interesse em se envolverem nela. Seja por exigências do estabelecimento de ensino e das estruturas de poder existentes nelas ou por posicionamento próprio frente às dificuldades e desafios endógenos e exógenos ao exercício de sua função pedagógica, notou-se relativo cenário de incongruência entre a disposição prática e o discurso, já que praticamente a totalidade dos 100% afirmaram ser importante o seu desenvolvimento mediante a ação das bibliotecas multiníveis.

Desta maneira, esses resultados refletiram praticamente o mesmo cenário identificado por Campello (2009) em sua pesquisa de doutoramento, publicada a mais de uma década, que buscou compreender a realização de práticas educativas de bibliotecários brasileiros e suas relações com o letramento informacional no âmbito da educação básica.

Não obstante, tal fenômeno não pode ser observado na mesma proporcionalidade entre os gestores das coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas. Apesar de algumas desconexões observadas, os dados apurados entre os gestores apontou um cenário inverso. A maioria dos respondentes dessa amostra alegaram possuir nominalmente uma relação *frequente e muito frequente* com a temática, mas um quantitativo predominante deles demonstrou dificuldades em materializar suas compreensões através de conceitos e ou definições teórico-práticas, principalmente quando questionados se a ColInfo e a Educação de usuários eram terminologias distintas para o mesmo processo.

Infere-se a partir dessa conjuntura que a insuficiência de conhecimento e falta de clareza teórico-prática combinada a ausência de interesse em trabalhar sob os pressupostos da ColInfo por parte de alguns atores têm redundado em bibliotecas multiníveis menos eficazes e eficientes no apoio às atividades de ensino e pesquisa por consequentemente não colaborarem sistematicamente com o desenvolvimento de aprendizagens contextualizadas e significativas no tocante ao trato com o universo informacional.

Os dados desta categoria revelaram ainda que poucas mudanças ocorreram nos últimos 30 anos em relação à incorporação da dimensão educativa da biblioteca e do bibliotecário. Mais de 50% dos profissionais que atuam nestes ambientes não se comprometem ou têm conhecimentos insuficientes a respeito do desenvolvimento de habilidades, atitudes e conhecimentos relacionados ao universo informacional a partir dos pressupostos da ColInfo e de uma pedagogia emancipadora conforme já apontado. Tal conjuntura reforça o pensamento do professor Briquet de Lemos ao afirmar ainda na década de 1980 que “[...] no geral, o bibliotecário brasileiro está muito longe de perceber a função pedagógica da biblioteca [...], pois “lamentavelmente, a atitude do bibliotecário é extremamente passiva em relação a isso”. (BARROS, 1987, p. 94)

Os resultados desta categoria ainda apontam um descompasso com a recomendação da IFLA que preconiza que bibliotecas, em especial as que atendem

o público escolar, como é o caso das multiníveis, trabalhem sempre orientadas a “assegurar a educação ao longo da vida, provendo meios e equipamentos e um ambiente favorável à aprendizagem [...]” (IFLA/UNESCO, 1993, p. 1). Um dos meios para satisfazer essa necessidade é mediante a atuação holística da biblioteca com a oferta de produtos e serviços voltados ao desenvolvimento da ColInfo entre seus usuários. Ampara-se essa análise a partir do entendimento de que no contexto da sociedade da informação é imprescindível que os sujeitos compreendam o papel da informação em todos os aspectos da vida e a partir disso saibam utilizá-la ao seu favor e da coletividade (DUDZIAK, 2003; VITORINO, PIANTOLA, 2009).

Não obstante a essa falta de clareza em relação às responsabilidades **na promoção da ColInfo**, é possível afirmar que os resultados, de modo geral, na categoria **compreensões acerca da ColInfo** apontam para o entendimento entre os participantes de que às bibliotecas e seus profissionais são imprescindíveis a criação e execução de programas do ColInfo em espaços de educação formal e não formais. Também percebe-se que existe o entendimento, mesmo que não homogêneo de que tanto bibliotecários como gestores devem assumir o compromisso de levar a toda comunidade acadêmica e escolar os pressupostos teóricos e práticos com a finalidade de internalizá-la no processo educacional conforme defende Mata (2014).

Paradoxalmente, ao desconhecêrem, conhecerem insuficientemente ou não se interessarem em conhecer e se aprofundar nos princípios da ColInfo, esses profissionais atuam na contramão do que tem sido defendido na literatura. Verifica-se ainda que essa atitude de passividade em relação a ampliação de conhecimentos sobre a ColInfo e a inversão de responsabilidades interferem diretamente no planejamento dos serviços e produtos ofertados nas bibliotecas multiníveis, pois segundo Barros (1987, p.14) “[...] o elemento pedagógico, subjacente a todo serviço biblioteconômico, [...], pode servir de alavanca no processo de retirada da biblioteca do estado de mediocridade utilitária em que se encontra”.

Desta forma chega-se à inferência de que toda esta conjuntura apurada na categoria **Compreensões acerca da ColInfo** indica, de modo global, a possibilidade de atuação descontextualizada e enfraquecedora de forças necessárias para cristalizar esse movimento no âmbito educacional. Neste sentido, visualiza-se uma despotencialização da sua atuação na aprendizagem de habilidades, atitudes e

valores que possibilitem a seus usuários atuar sobre a realidade a partir de um comportamento crítico-reflexivo, ético, criativo e político, fundamentado na informação e no conhecimento, conforme defendem Mata; Cassaro e Casarin (2014).

Esse contexto até aqui delineado sugere contrariedades entre o que as bibliotecas têm potencial para realizar e o quanto seus profissionais têm consciência e comprometem-se com o alcance dessa potência alinhado aos vários objetivos e finalidades precípuas aos Institutos Federais no tocante ao desenvolvimento do “[...] processo **educativo e investigativo**; [...] divulgação científica e tecnológica” e “[...] a emancipação do cidadão [...]” (BRASIL, 2008, grifo nosso).

Ações formativas, como as do “*Grupo de trabalho Colnfo*” da FEBAB, podem auxiliar no despertar do interesse e abrir canais de diálogo para superação do desequilíbrio aqui apontado tanto entre os profissionais que atuam na linha de frente como dos gestores que se dedicam ao planejamento estratégico do conjunto de unidades de informação sob sua responsabilidade. Montagem de *cases* de sucesso em parceria com o CBBI, também podem funcionar como ferramentas necessárias para sensibilizar gestores a respeito da necessidade de investimentos contínuos em ações institucionais de formação continuada que vise despertar nos bibliotecários uma identidade pedagógica e um senso de responsabilidade que o faça compreender sua atuação no contexto educacional, de modo diretamente relacionado aos processos de ensino-aprendizagem e a atuação dos professores e discentes dentro e fora da sala de aula (CAMPELLO, 2009; SALES, 2005).

Por fim, verificou-se nesta categoria que os dados reunidos aqui, isoladamente refletem apenas uma dimensão do fenômeno e a sua adequada interpretação requer uma análise conjunta das demais variáveis presentes nesta pesquisa. Eles só ganham sentido, portanto, a partir da junção de outros elementos que permitem objetivamente confirmá-lo ou rechaçá-lo. Assim, um destes elementos é a análise dos serviços e produtos de Colnfo que as bibliotecas multiníveis ofertam. A partir disso é então possível analisar a práxis profissional, já que esta se constitui em instrumento válido de verificação de oposições entre a articulação da compreensão teórico-conceitual predominante e o seu efetivo exercício prático.

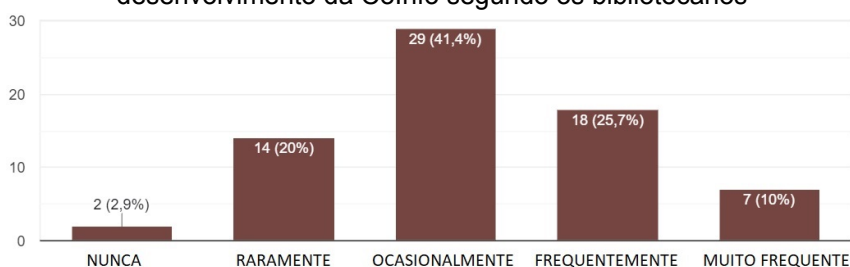
## 5.2 Serviços e Produtos de CoInfo

Nesta categoria analisou-se os dados correspondentes a categoria **serviços e produtos** que compreendeu a articulação da concepção teórico-prática. Nela foram reunidas, analisadas e discutidas a atuação dos gestores de coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas, bem como as ações práticas realizadas nas bibliotecas multiníveis e indicadas por seus bibliotecários como sendo contribuintes específicos ao desenvolvimento da CoInfo.

Neste contexto, ao se observar que os Institutos Federais têm entre suas múltiplas finalidades a obrigação legal de “[...] desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo **educativo e investigativo** [...]; o **espírito crítico**, voltado à **investigação** empírica [...] e programas de extensão e de **divulgação científica e tecnológica**” (BRASIL, 2008, p.1, **grifo nosso**), conclui-se que trabalhar a aprendizagem de habilidades, conhecimentos e atitudes relacionadas ao universo informacional a partir dos pressupostos da CoInfo, é condição *sine qua non* para alcance dessas finalidades.

Neste escopo, o primeiro item analisado teve o objetivo de verificar a frequência que ações de CoInfo eram desenvolvidas em bibliotecas multiníveis. Inquiriu-se portanto aos bibliotecários com qual regularidade era oferecido à comunidade produtos e serviços voltados ao desenvolvimento da Competência em Informação. As respostas foram coletadas mediante escala *Likert*, a partir do indicador frequência, onde 1 significava *nunca*, 2 - *raramente*, 3 - *ocasionalmente*, 4 - *frequentemente* e 5 - *muito frequente*, conforme sistematizado no gráfico 6.

**Gráfico 6** - Frequência que bibliotecas dos Institutos Federais realizavam ações para o desenvolvimento da CoInfo segundo os bibliotecários



Fonte: Dados de pesquisa, 2022

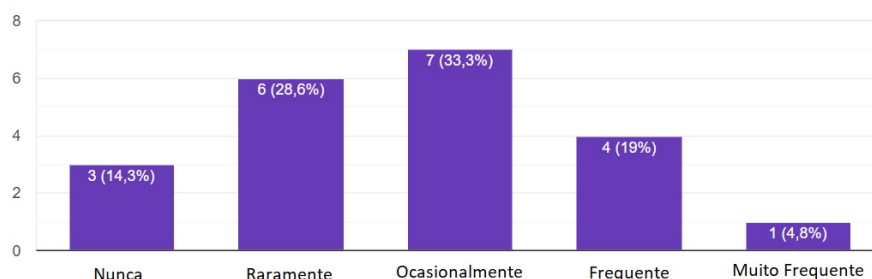
Observou-se nesta questão que das 70 bibliotecas investigadas, apenas 35,7% (25) podem ser consideradas como pertencentes ao grupo que nominalmente tem a promoção da CoInfo sedimentada enquanto campo de atuação. Esta

afirmação ampara-se nos dados que indicaram que apenas 25,7% (18) desenvolvem *frequentemente* algum produto e/ou serviço relacionado ao tema em sua comunidade, enquanto apenas 10% (7) com *muita frequência*.

Em relação ao grupo das unidades de informação que ainda não cristalizaram o desenvolvimento da ColInfo como uma vertente educacional do fazer biblioteconômico, notou-se que 41,4% (29) realizaram *ocasionalmente* ações neste sentido, 20% (14) *raramente* e 2,9% (2) afirmaram que *nunca* promoveram quaisquer atividades.

Por conseguinte, no âmbito da ação de gestão, questionou-se com que frequência o tema ColInfo era debatido pelo Sistema / Rede / Coordenadoria e Diretoria de bibliotecas conforme demonstrado no gráfico 7.

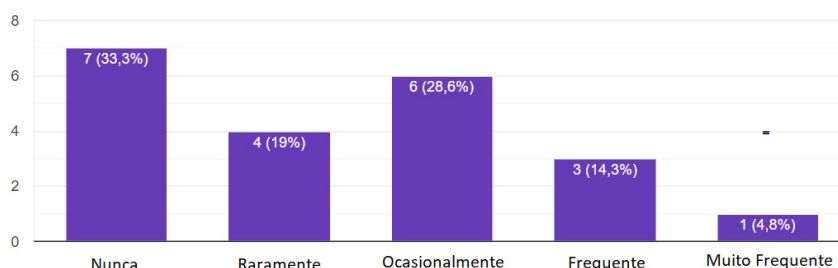
**Gráfico 7** - Frequência que a ColInfo era objeto de no âmbito dos Sistemas / Redes / Coordenadorias e ou Diretorias



Fonte: Dados de Pesquisa, 2022

Dos 21 gestores, 14,3% (3) afirmaram que *nunca* a temática entrou em pauta, 28,6% (6) que *raramente*, 33,3% (7) *ocasionalmente*, 19% (4) *frequentemente* e apenas 4,8% (1) disse que com *muita frequência* o tema fazia parte das discussões. Em continuidade a esse levantamento, verificou-se junto aos gestores “se” e “com” que frequência nos últimos três anos as coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas promoveram algum tipo de ação (programa / projetos / ações pontuais) em prol da ColInfo, conforme aponta o gráfico 8.

**Gráfico 8** - Ações voltadas a ColInfo nos últimos três anos



Fonte: Dados de Pesquisa, 2022

Dos 21 respondentes, 33,3% (7) afirmaram que nunca executaram, 19% (4) *raramente*, 28,6% (6) *ocasionalmente*, 14,3% (3) *frequente* e apenas 4,8% (1) afirmou ser  *muito frequente* a promoção de alguma ação em torno da ColInfo. Estes dados demonstram que a ColInfo não vem recebendo a atenção necessária entre os gestores das coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas para a sua implementação sistemática na educação profissional e tecnológica da Rede Federal.

Quando menos de  $\frac{2}{4}$  (dois quartos) dos bibliotecários afirmam que nas bibliotecas multiníveis foram executados com frequência ações de ColInfo e menos de  $\frac{1}{4}$  (um quarto) dos gestores declararam que promover o debate sobre ela e coordenaram algum tipo de ação (projetos, programas ou atividades isoladas) no âmbito da gestão de modo *frequente ou muito frequente* nos últimos três anos, indica-se que do ponto de vista prático há uma baixa internalização da ColInfo nos processos de ensino-aprendizagem nesta ambiência educacional.

De modo global os resultados destas três questões, combinados a ausência de clareza teórico-prático em torno do tema, conforme observado nos resultados da categoria **Compreensões acerca da ColInfo**, indicam que a abordagem sobre o assunto fica preterido quase exclusivamente a ações pontuais das bibliotecas multiníveis. Percebe-se desta maneira que há uma tendência da ColInfo não ser tratada como assunto estratégico e relevante nas instâncias responsáveis pela tomada de decisão.

A predominância de gestores com conhecimento teórico insuficiente em um nível básico e de bibliotecários com dificuldades de operacionalizá-los mediante ações práticas, apontam que a temática não se encontra institucionalizada na Rede Federal de Educação Profissional. Condicionado a esse cenário observou-se a não introdução da ColInfo no planejamento geral das coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas com vistas a proposição de ações institucionais de curto, médio e longo prazo. Uma explicação possível é o fato dos gestores preocuparem-se mais com o alcance de indicadores previstos em instrumentos de avaliações educacionais externas da educação superior, a exemplo de autorizações, reconhecimentos e credenciamentos de cursos da IES.

Sob este enfoque o funcionamento das bibliotecas via de regra são analisados a partir de questões administrativas, infra estruturais e operacionais, de modo que as ações de cunho pedagógico não ficam explícitas nessas avaliações e

consequentemente não entram com facilidade na pauta das prioridades da gestão dos sistemas, redes, coordenadorias e diretorias de bibliotecas.

Outro dado relevante que reforça esse entendimento é a incompreensão que gestores possuem das próprias responsabilidades frente a implementação da ColInfo no seio dos Institutos Federais.

Evidencia-se portanto que a ColInfo ainda não pode ser considerada como estando no centro das preocupações e das ações dos sistemas, redes, coordenadorias e diretorias de bibliotecas e consequentemente nas unidades de informações sob sua jurisdição técnico-administrativa. Tal contexto, permite inferir que existe relativo distanciamento entre as finalidades institucionais, a práxis bibliotecária nos Institutos Federais e as necessidades emergentes de aprendizagem relacionadas ao uso, apropriação e produção de informação e conhecimento nas diversificadas situações da vida dos sujeitos. Ao considerar que é

[...] o bibliotecário [...] um dos principais responsáveis pela promoção da ColInfo nas instituições em que atua, visto que ele deve sistematizar atividades, ações e programas que auxiliem o desenvolvimento/aprimoramento das competências, habilidades e atitudes informacionais da comunidade que atende (SANTOS et al., 2021, p. 3),

indica-se a existência de incongruência na atuação destes profissionais, principalmente dos que atuam na gestão das coordenadorias, diretorias, redes e sistemas de bibliotecas. Sob esse entendimento, infere-se que a integração do bibliotecário ao processo de formação dos sujeitos, principalmente no que tange ao desenvolvimento da ColInfo, a partir da atuação das bibliotecas conforme propõem a LAU (2007) e a ACRL (2016) está sendo pouco considerada e promovida no âmbito dos Institutos Federais.

Como potenciais ao aprimoramento e avanço da educação por meio do desenvolvimento da ColInfo, as bibliotecas podem e devem servir à sociedade promovendo meios e instrumentos para que o direito ao acesso, ao uso e à produção de informações pelos sujeitos ocorra de modo equitativo e igualitário (ALA, 1989, 2016; BREIVIK, 1985; DUDZIAK, 2003, 2008; KUHLTHAU, 1996, 2004; LAU, 2007).

Na chamada Sociedade da Informação as relações de poder não se assentam unicamente no modo de produção industrial. Nesse paradigma vigente a produção e acumulação de capital decorrem das contradições, novas ou antigas,

que envolvem o nível e tipo de acesso e uso que é feito da informação (CASTELLS; HIMANEN, 2001).

Assim, quando mais de 60% das bibliotecas dos Institutos Federais não colocam *frequentemente* ou *muito frequente* a promoção da ColInfo como objetivo central de sua atuação, infere-se que elas têm atuação pouco relevante e baixa influência na construção coletiva dos itinerários formativos destas instituições, de modo que pouco integram-se ao esforço de construção de uma sociedade menos desigual e mais solidário.

Objetivando obter mais dados a respeito da implementação da Coinfo na Educação Profissional e Tecnológica, solicitou-se aos bibliotecários que indicassem nominalmente quais eram os produtos/serviços oferecidos pelas bibliotecas multiníveis onde atuavam que efetivamente, segundo seu juízo de valor, contribuíssem para o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes informacionais junto à comunidade que atendiam, conforme consta na tabela 5.

**Tabela 5** - Ações realizadas no âmbito das bibliotecas Multiníveis que contribuem especificamente para o desenvolvimento da ColInfo segundo seus bibliotecários

<b>Ações (Produtos e/ou Serviços) pró ColInfo</b>	<b>Quant.</b>	<b>%</b>
Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) de iniciação à pesquisa em Bases de dados em geral - criação de estratégia de busca, uso de operadores booleanos, critérios para avaliação dos resultados de pesquisa, e outros recursos)	46	65,7%
Visita Guiada à biblioteca para conhecer como funciona e está organizada	43	60,5%
Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para o uso do portal de periódicos da Capes - formas de acesso, cobertura, estratégias e tipos de busca, recursos e ferramentas	42	60%
Treinamento para uso do catálogo	37	52,9%
Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para o uso do catálogo da biblioteca	36	51,4%
Instrução a respeito do funcionamento da biblioteca (regras, serviços e etc)	35	50%
Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) no uso de normas para formatação de trabalhos acadêmicos	34	48,6%
Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para identificação e uso de canais e fontes de informação	32	45,7%
Orientação individual para uso das normas para formatação de trabalhos acadêmicos	28	40%
Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para uso de gestores de referências - Mendeley, Zotero, Endnote etc	23	32,9%
Folders, Cards e/ou manuais auto instrucionais para uso do catálogo da biblioteca	22	31,40%
Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para o uso ético da Informação	21	30%
Folders, Cards e/ou manuais auto instrucionais sobre o uso ético da informação	18	25,7%
Folders, Cards e/ou manuais auto instrucionais sobre a seleção de fontes de informação	15	21,4%
Emissão de Nada Consta	15	21,4%
Emissão de ficha catalográfica	15	21,4%
Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) no preenchimento do Currículo Lattes	13	18,6%
Não realizam ações para o desenvolvimento da Competência em Informação	3	4,3%
Atendimento de Referência individual para pesquisas acadêmicos	1	1,4%

Fonte: Dados de pesquisa, 2022.

A partir dessa questão observou-se que das 70 bibliotecas investigadas, 95,7% (68) afirmaram ofertar algum tipo de serviço e/ou produto para o desenvolvimento da ColInfo, enquanto 4,3% (3) declararam que não realizavam ações. Das 18 ações apontadas na tabela 5, apenas 33,3% (6) apresentavam mais de 50% de menções, enquanto as demais apresentavam percentual que variavam entre 48% a 1% de citações. Dasquelas, 33,3% (2) objetivavam desenvolver habilidades, atitudes e conhecimentos relacionados à busca e seleção de informação em bases de dados, correspondendo de certo modo a atividades de promoção da ColInfo. Nota-se entre essas ações a prevalência de elementos da dimensão técnica, em que o enfoque situa-se na destreza para operacionalizar e dominar as estratégias de busca e acesso à informação dos variados sistemas informativos, em especial os tecnológicos (VITORINO; PIANTOLA, 2009). As demais ações deste grupo, equivalente a 66,6% (4), corresponderam a capacitações e treinamentos que objetivavam o uso da biblioteca e seus recursos para a recuperação de informação relevante nestes espaços. Deste modo, as ações mais citadas, predominantemente aproximaram-se da Educação de Usuários, pois compreendiam “[...] um conjunto de atividades que proporciona ao usuário um novo modelo de comportamento frente ao uso da biblioteca e que revela aptidões para que estes interajam continuamente com o sistema de informação [...]” (SANTIAGO; AZEVEDO NETTO, 2012, p. 247).

Entre os 15 serviços e/ou produtos oferecidos que foram citados por menos de 50 % dos respondentes, 46,6% (7) trabalharam o desenvolvimento de habilidades, atitudes e conhecimentos relativos à ColInfo, enquanto as demais 53,35% (8) não se enquadraram como tal. Averiguou-se ainda que dentre estas menções inferiores a 50%, um número relativamente alto de bibliotecários, equivalente a 21,4% (15) da amostra consideraram a *emissão de nada consta* e *emissão de ficha catalográfica* como ações contribuintes específicas a promoção da ColInfo entre sua comunidade de usuários. Ao citarem essas ações típicas do serviço de circulação de uma biblioteca como atividades contribuintes à ColInfo reforça-se o entendimento inicial de que entre os profissionais da informação atuantes em bibliotecas multiníveis ainda há um contingente consideravelmente alto que não possui intimidade adequada com a temática a ponto de conseguir distingui-la com facilidade dos demais serviços de um biblioteca. Outro ponto que pode elucidar esse cenário é o fato de no cotidiano dessas unidades de informação o Serviço de

Referência e o de Circulação serem em geral desempenhados pelos mesmos servidores em um mesmo espaço-tempo.

Ao analisar as partes e o todo desta questão depreendeu-se que a práxis em torno da ColInfo ainda é cheia de meandros para aproximadamente  $\frac{1}{5}$  (um quinto) dos respondentes. Confirmou-se também os achados da **Compreensões acerca da ColInfo** que apontaram que nessas bibliotecas as ações de ColInfo não são promovidas de modo sistemático, pois há uma ênfase maior em ensinar o uso da biblioteca e seus recursos a partir de pressupostos da Educação de Usuários.

No que tange à abordagem que fundamenta a tipologia dos produtos e serviços oferecidos, infere-se que a abordagem sociocultural ainda não é tomada em sua integralidade, visto que as atividades elencadas na tabela 5 não apresentam indícios que remetem ao aprendizado ao longo da vida e ao desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo. No conjunto de ações que podem ser categorizadas como de ColInfo verificou-se uma preocupação maior com o desenvolvimento de habilidades técnicas de busca, acesso e uso da informação. Nele não se identificou articulação contextual de conhecimentos, atitudes e também habilidades relacionadas ao universo informacional (BRUCE, 2008, DUDZIAK, 2008; IFLA, 2005; MATA, GERLIN, 2019) que caracteriza o desenvolvimento interdependente das dimensões estética, ética e política, juntamente à técnica, segundo os princípios apontados por Vitorino e Piantola (2009). Nessa conjuntura ainda não é que na maioria das bibliotecas a “[...] competência em informação excede as ações restritas às bibliotecas [...]”, muito menos que sejam pautadas no pressuposto de que

[...] os processos infoeducacionais são fundamentados na compreensão de que a aprendizagem é um movimento afirmativo de sujeitos sobre os signos e as significações, sobre os saberes, sobre o conhecimento. Seu emprego não deve ser confundido com ações de simples apreensão dos modos de fazer, das estratégias e procedimentos metodológicos ou da incorporação mecânica de informação. Seus pressupostos ultrapassam os da instrução e ancoram-se na diferenciação entre os “fazer” e o “agir” (ARENDETT, 1999; PERROTI, 2016). “O horizonte da infoeducação não é o do consumo, mas o da apropriação e da criação cultural” (PERROTI, 2016 p.12-13).

Assim, de modo geral, os serviços relacionados na tabela 5 apresentaram características instrucionais e o contexto de sua apresentação nesta pesquisa não sugeriu a existência da predominância de uma perspectiva crítico-reflexiva sobre o fenômeno - *informação* que os pudesse classificar objetivamente como infoeducacionais. Neste caso, esses resultados refletem praticamente o mesmo cenário apontado por Almeida, M. (2014) em sua tese doutoral que teve como tema

a *Alfabetização Informacional na formação de estudantes universitários no Brasil e Espanha*. Nela verificou-se que no Brasil as instituições de ensino superior trabalhavam mais sob a perspectiva da Educação de Usuários, enquanto as ações relacionadas ao desenvolvimento da ColInfo eram incipientes.

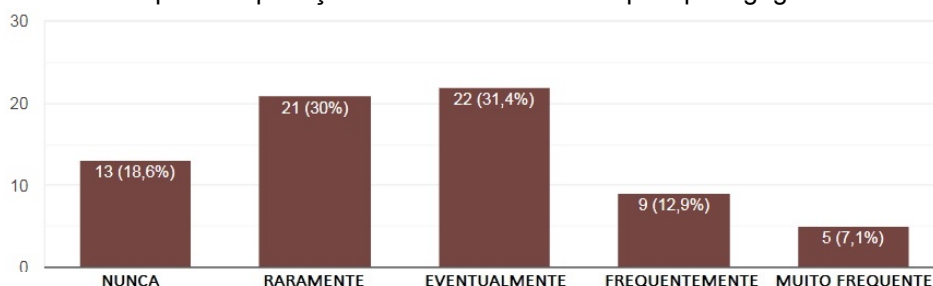
Seja por desconhecimento e ou rejeição do papel educativo das bibliotecas multiníveis, os dados levantados nessa questão sugeriram sua subutilização, tanto por gestores de Institutos Federais como pelos bibliotecários que nelas atuam. Observou-se ainda que enquanto potenciais contribuintes a promoção de uma formação humana integral essas bibliotecas de forma geral não estão concatenadas às finalidades de suas mantenedoras previstas no ordenamento jurídico, conforme já apontado em questões anteriores, por terem suas ações mais alinhadas ao modelo tradicional de educação. Assim, os dados iniciais desta categoria traz mais luz às inferências realizadas na categoria **Compreensões acerca da ColInfo** ao confirmar os seus achados.

A partir desses dados mais gerais, a fim de obter maior robustez na análise os demais dados da categoria **Serviços e Produtos de ColInfo** foram subcategorizados em: **a) Apoio Pedagógico e Institucional; b) Delineamento Pedagógico; c) Planejamento; d) Avaliação; e) Recursos tecnológicos de comunicação e mídia.**

#### **a) Subcategoria: Apoio Pedagógico, administrativo e institucional**

A formação de parcerias entre os diversos atores do processo educativo e o recebimento de apoio pedagógico, administrativo e institucional são requisitos fundamentais ao desenvolvimento de ações de ColInfo de modo satisfatório e adequado às necessidades individuais e coletivas emergentes em qualquer nível ou modalidade de ensino (LAU, 2007; ACRL, 2016).

Sob esta perspectiva verificou-se junto aos bibliotecários se as ações das bibliotecas multiníveis a favor da ColInfo recebiam este tipo de apoio, seja na concepção, execução ou avaliação. Os dados representados no gráfico 9 são o resultado destas indicações e apontaram a frequência que recebiam o apoio de coordenações de curso, de ensino, de pesquisa, de extensão; das direções acadêmicas, administrativas, gerais; de pró-reitorias entre outras estruturas administrativas das instituições sob análise.

**Gráfico 9** - Frequência que ações de ColInfo recebem apoio pedagógico e institucional

Fonte: Dados de pesquisa, 2022

Observou-se um quantitativo baixo de bibliotecas que recebem o apoio administrativo, pedagógico e institucional para o desenvolvimento de produtos e serviços relacionados à ColInfo. Menos de 20% (14) delas indicaram receber este tipo de apoio com constância, sendo 12,9% (9) *frequentemente* e apenas 7,1% (5) *muito frequente*. Entre os 80% (56) que declararam não receber apoio ou recebê-lo esporadicamente, 31,4% (22) alegaram que são apoiados *eventualmente*, 30% (21) *raramente* e 18,6% (13) *nunca*.

Estes achados evidenciam que um dos desafios à inserção da ColInfo no âmbito dos Institutos Federais é a ausência de apoio. Cenário semelhante foi identificado por Almeida, M. (2014) e Gomes (2016) no âmbito universitário. Ao investigarem as ações em prol do desenvolvimento de habilidades relacionadas ao universo informacional, estes autores verificaram em épocas diferentes uma repetição de padrão ao apontarem a ausência ou o apoio insuficiente de docentes, gestores e outros agentes institucionais em favor do trabalho das bibliotecas na promoção da ColInfo e da Educação de Usuários.

Gomes (2016) asseverou que esta conjuntura relaciona-se ao fato do perfil, das habilidades e das competências profissionais do bibliotecário ainda serem pouco conhecidas entre os sujeitos que transitam e decidem as configurações dos espaços educativos. Pereira et. al (2021, p. 3) vai um pouco além declarando que “no ideário coletivo e como consequência nos documentos normativos educacionais”, o profissional bibliotecário, em especial o que atua em ambientes escolares, não é considerado essencial ao processo de ensino-aprendizado, pois sua contribuição, em geral, é considerada apenas a partir da dimensão técnica, relacionando-o sempre à organização de acervos e manutenção da ordem e do silêncio. Neste sentido, Frago (2005) e Pereira et. al (2021) concordam que existe um

relacionamento de distanciamento entre as bibliotecas e seus profissionais e os demais membros do segmento educacional.

Observou-se ainda que embora as iniciativas de Breivik de integrar a biblioteca e seus serviços à universidade tenham sido uma marco em 1985, ao chegar-se em 2022 ainda se identifica no contexto brasileiro essa barreira a ser superada para a inserção da ColInfo de modo sistemático na educação, em especial na profissional e tecnológica. Ao analisar-se o dito em busca de compreender o não dito, aponta-se que docentes e gestores não trabalham a pesquisa como instrumento estratégico à formação humana integral, conforme defende Bordenave e Pereira (2015, p. 294.) por não perceberem a biblioteca como *lócus* essencial aos múltiplos processos de ensino-aprendizado. Nota-se portanto, que a partir da perspectiva de que a informação é um mecanismo tanto de valorização como de marginalização de discursos (ACRL, 2016) a biblioteca é subutilizada para minimizar o silenciamento de vozes em geral abafadas no processo de construção de conhecimentos. Por fim, percebe-se a necessidade de *advocacy*, como propõe a ACRL (2019) e LAU (2007), junto à comunidade que forma os Institutos Federais, uma vez que a baixa adesão ao movimento de desenvolvimento da ColInfo pode ser indício da ausência de conhecimento do seu papel estratégico na sociedade da informação.

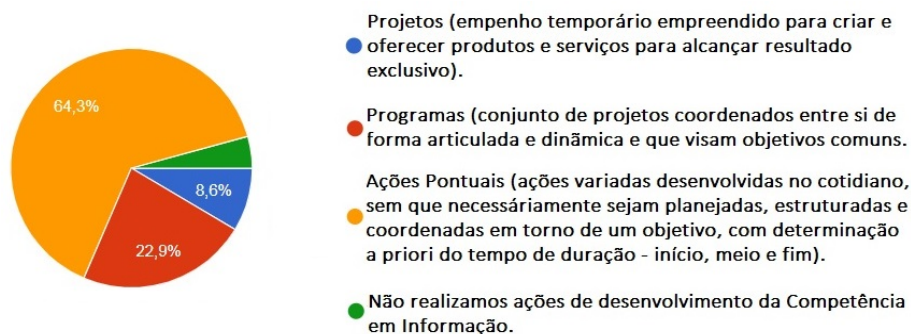
## **b) Subcategoria: Delineamento Pedagógico**

O desenvolvimento de atitudes, habilidades e conhecimentos inerentes ao universo informacional requer a constituição sistemática de ações e atividades que tenham por fundamento o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo, a autonomia do sujeito, o exercício da criatividade, o agir com responsabilidade ética e política. Para tanto, é necessário neste processo definir os pressupostos pedagógicos a serem adotados, os objetivos, os modelos e as abordagens (ACRL, 2019; LAU, 2007). Neste diapasão, organizou-se sob a subcategoria **Delineamento Pedagógico** os elementos estruturantes que dizem respeito ao formato e ao modo de operacionalização das ações de promoção da ColInfo em bibliotecas multiníveis.

O primeiro item apresentado e analisado são os resultados que dizem respeito à formatação das ações de ColInfo, evidenciando se elas foram desenvolvidas mediante ações pontuais, projetos ou programas. No gráfico 10

encontram-se sistematizados os dados relacionados às indicações dos bibliotecários neste quesito.

**Gráfico 10 - Formato das ações de ColInfo**



Fonte: Dados de pesquisa, 2022

Das 70 respostas obtidas, verificou-se que 64,3% (45) bibliotecas desenvolvem produtos e serviços mediante **Ações pontuais**; 22,9% (16) organizam a partir de **Programas**; 8,6% (6) realizam as ações por meio de **Projetos** e 4,3% (3) afirmaram não realizar quaisquer atividades em prol do desenvolvimento da ColInfo. Estes dados permitiram identificar que as iniciativas das bibliotecas multiníveis em torno da ColInfo encaixam-se predominantemente no formato de *ações pontuais*, que se caracterizam por serem de ordem variada, desenvolvidas no cotidiano, sem que necessariamente sejam planejadas, estruturadas e coordenadas em torno de um objetivo, uma missão, metas e com determinação a priori do tempo de duração (início, meio e fim).

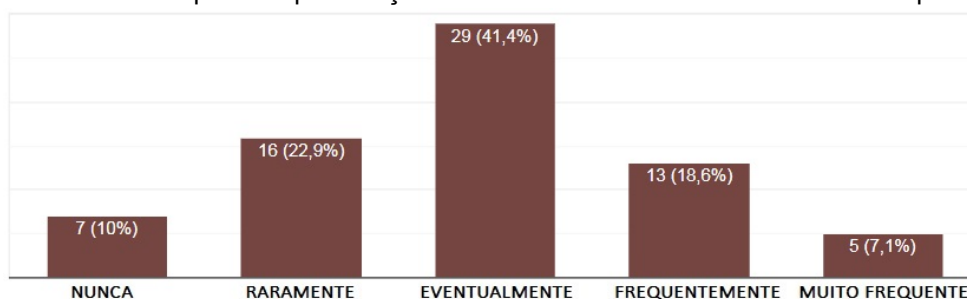
Ao constatar-se que mais de 60% das unidades investigadas adotam este modelo de ação em detrimento da concepção de programas ou projetos, infere-se que os profissionais atuantes nas bibliotecas multiníveis não compreendem ou desconhecem as principais diretrizes para a promoção da ColInfo, bem como a sua importância para o processo formativo de seus usuários. Quanto a esta questão, as bibliotecas multiníveis atuam na contramão do que a literatura da Biblioteconomia e Ciência da Informação aponta como melhor caminho para o desenvolvimento da ColInfo.

A exemplo disso, Mata e Gerlin (2019) sugerem a adoção de programas de ColInfo como meio mais adequado para o desenvolvimento das habilidades em informação, digital e midiática. Semelhantemente, Lau (2007), embora não descarte os demais formatos de promoção da ColInfo, recomenda que os profissionais e instituições bibliotecárias ampliem os esforços para desenvolverem atividades

mediante projetos mais amplos e que estejam concatenados aos objetivos educacionais da Organização das Nações Unidas (ONU). Do mesmo modo, a ACRL (2016, 2019) têm defendido que as melhores práticas de promoção da ColInfo são as que estão previstas em programas ou projetos que foram concebidos, executados e avaliados preferencialmente em um nível de alcance institucional. Assim, vislumbra-se a necessidade de maior sensibilização dos profissionais de bibliotecas multiníveis e dos gestores dos Institutos Federais, no sentido de ampliar esforços na concepção de projetos ou programas institucionais de desenvolvimento da ColInfo entre sua comunidade.

Ainda em relação a configuração das ações de ColInfo que são contextualizadas às vivências, experiências e aos conhecimentos prévios dos participantes, conforme proposto por Belluzzo (2018), verificou-se no gráfico 11 a frequência que os bibliotecários afirmaram considerar estes elementos na formatação dos serviços e produtos que objetivam desenvolver, habilidades, conhecimentos e atitudes relativas ao universo informacional.

**Gráfico 11** - Frequência que as ações de ColInfo é contextual a realidade do aprendiz



Fonte: Dados de pesquisa, 2022

Em uma população de 70 bibliotecas multiníveis identificou-se que apenas 25,7% (18) tinham por princípio internalizado a contextualização das ações de ColInfo à realidade, mediante valorização das vivências, experiências prévias e a progressão formativa do aprendiz. Destes, 18,6% (13) apontaram promover *frequentemente* e apenas 7,1% (5) *muito frequente*. Já entre os que não adotaram esse princípio de modo dogmático, os dados referem-se a 74,3% (52), sendo que 41,4% (29) declarou fazê-lo *eventualmente*, 22,9% (16) *raramente* e 10% (7) indicaram *nunca* desenvolver a ColInfo sob estes pressupostos.

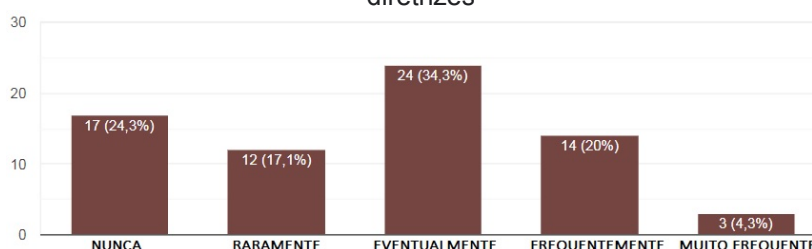
Identificou-se portanto que a preponderância de unidades de informação ignorando esses elementos, reforçam o entendimento de que os empreendimentos

em prol da aquisição de habilidades, conhecimentos e atitudes no âmbito das bibliotecas multiníveis ainda não podem ser classificados plenamente como ações de ColInfo, já que as práticas predominantemente se situam em categorias instrucionais voltadas à Educação de Usuários. Ao apurar-se que 74,3% (52) bibliotecas apresentaram frequência inconstante ou nula na aplicação destes elementos característicos da ColInfo, deduz-se que a ausência da análise de ambiência indica a inexistência de uma abordagem de “ensino centrado no aluno” (ACRL, 2019). Assim, predomina-se a pedagogia tradicional embasando as ações, em detrimento de propostas de viés construtivista conforme sugerido pela ACRL (2019), por Campello (2002, 2003, 2009) e por Manhique (2020).

Infere-se ainda que neste contexto os profissionais das bibliotecas multiníveis necessitam aprofundar-se nos temas educação de usuários, estudos de usuários, competência em informação e infoeducação para compreenderem as diferenças sensíveis e formatarem suas propostas coerentemente aos referenciais teórico-práticos da ColInfo. Esta afirmativa, encontra eco no entendimento de que a concepção e execução de ações de ColInfo consideram o contexto, as experiências prévias e a progressão formativa, segundo defendem autores como Belluzzo (2018), Bruce (2008), Catts (2010), Dudziak (2008), Mata e Gerlin (2019) e Weiner (2011), além de organizações internacionais como a ACRL (2016) e a Seção de Habilidades Informacionais da IFLA (LAU, 2007).

Outro dado importante para a compreensão desta questão é a indicação da frequência que as ações identificavam o escopo, objetivos de aprendizagem, metas, métodos, técnicas e diretrizes gerais e específicas para a apreensão, internalização e validação de determinada habilidade, atitude e conhecimento, como observa-se no gráfico 12.

**Gráfico 12** - Frequência que ações de ColInfo identificam o escopo, os objetivos, as metas, métodos e diretrizes



Fonte: Dados de pesquisa, 2022

Neste arcabouço verificou-se que das 70 bibliotecas analisadas apenas 24,3% (17) têm o hábito consolidado de definir o escopo, os objetivos de aprendizagem, as metas a serem alcançadas, os métodos, as técnicas e as diretrizes para a apreensão, internalização e validação de determinada habilidade, atitude e conhecimentos. Deste pequeno grupo, apenas 20% (14) alegaram considerar estes elementos *frequentemente* e 4,3% (3) *muito frequente*.

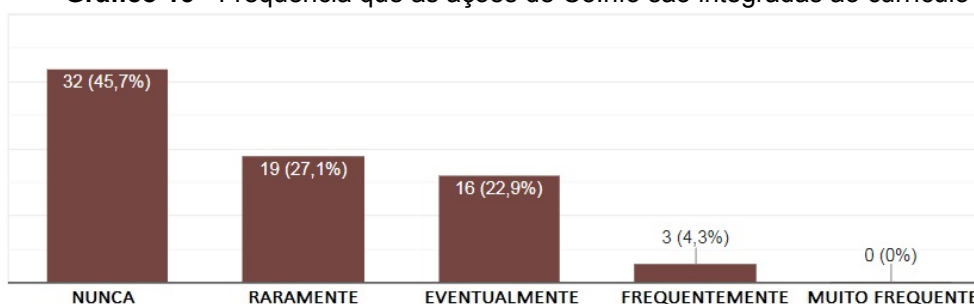
Diametralmente oposto às recomendações da ACRL (2019) e LAU (2007), a maioria, 75,7% (53), das bibliotecas multiníveis não definem o escopo, os objetivos, as metas e os métodos que são adotados no desenvolvimento da ColInfo. Deste universo, 34,3% (24) declararam considerar estas questões *eventualmente*, 17,1% (12) *raramente* e 24,3% (17) *nunca*. A partir destes elementos observa-se objetivamente se as propostas têm por pressupostos o aprendizado ao longo da vida, se as iniciativas coadunam-se aos objetivos e finalidades institucionais e se há contextualização à realidade dos aprendizes conforme proposto por Bruce (1997), Mata e Gerlin (2019). Neste sentido, ao termos 75,7% de bibliotecas não os identificando, infere-se que as ações promovidas não são capazes de propiciar a identificação do alcance dos objetivos de aprendizagens, uma vez que estes não foram adequadamente planejados e mapeados. Outro ponto relevante no bojo dessa análise é que a ausência destes elementos em programas e projetos de ColInfo inviabilizam a diferenciação das “fases de concepção das fases de realização” e conseqüentemente o redimensionamento dos objetivos quando necessário. Não estando explícitos o nível de complexidade e abrangência das habilidades, atitudes e conhecimentos a serem desenvolvidos inviabiliza-se a mensuração dos resultados e verificação das questões intervenientes que atravessam o processo de aprendizagem da ColInfo, dado ao seu carácter metadisciplinar (ACRL, 2019; ZABALA; ARNAU, 2010).

Sob essa perspectiva afirma-se que as ações desenvolvidas pelas bibliotecas multiníveis apresentam fragilidades de cunho pedagógico. Sem um modelo que demonstre o processo, suas etapas e ações, de modo que “a ordem e o progresso das sequências de ensino-aprendizagem, [...]” (ZABALA; ARNAU, 2010, p.114) se ajustem ao máximo à realidade dos aprendizes, aumenta-se a possibilidade das bibliotecas serem ineficazes na preparação de sujeitos que tenham competência para lidar com os problemas reais inerentes ao universo informacional nos mais distintos contextos.

Estes dados indicam portanto a necessidade dos profissionais atuantes nestes espaços apropriarem-se de conhecimentos pedagógicos e sobre a ColInfo, de forma que possam dar maior robustez às ações educacionais desenvolvidas pelas bibliotecas e construir serviços e produtos adequados ao desenvolvimento da ColInfo.

Outro ponto relevante para a análise desta subcategoria é a integração das ações de ColInfo aos planos de ensino. Neste quesito foi possível verificar mediante o gráfico 13 a frequência em que os produtos e serviços são integrados ao currículos.

**Gráfico 13** - Frequência que as ações de ColInfo são integradas ao currículo



Fonte: Dados de pesquisa, 2022

Nesta questão observou-se que 95,7% (67) das bibliotecas multiníveis não integram seus produtos e serviços em prol da ColInfo aos currículos e planos de ensino de suas instituições. Das 70 unidades analisadas apenas 4,3% (3) sinalizaram fazê-lo *frequentemente*, enquanto 22,9% (16) *eventualmente*, 27,1% (19) *raramente* e 45,7% (32) *nunca*. Ao não integrarem as atividades de ColInfo aos currículos, aos planos de ensino e às propostas pedagógicas institucionais tende-se a um esvaziamento e até certo ponto descontextualização destas ações, pois inviabiliza-se a realização de um trabalho sistemático e plenamente transdisciplinar.

Outrossim, infere-se que os esforços destas bibliotecas acabam redundando em propostas educativas não persistentes, voltadas quase que exclusivamente ao uso eficaz e eficiente dos recursos de informações ofertados pela instituição para aqueles que já têm o hábito de frequentar seus espaços. Enquanto isso, a maioria dos professores “ensinam usando os mesmos métodos utilizados quando eles se educaram e empregam, como principais fontes, um determinado livro-texto” privando a si e aos aprendizes de vivenciarem experiências salutares ao enriquecimento formativo, mediante o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e atitudes

relacionados à busca, seleção, avaliação e uso autônomo da informação para a produção de conhecimento mediante a prática da pesquisa (BORDENAVE; PEREIRA, 2015, p. 284). Sob mesma perspectiva Freire (2016, p. 30) afirma que o ensino não subsiste sem a pesquisa e a pesquisa sem o ensino, pois são ações interdependentes que alimentam-se reciprocamente uma da outra a partir da produção do conhecimento. Neste *devoir*, sob a perspectiva Hegeliana, ao não desenvolver a ColInfo as bibliotecas multiníveis diminuem seu próprio potencial de serem instrumentos de garantia de direito a uma formação humana e integral junto às suas comunidades.

Sob essa conjuntura, afirma-se que há a potencialização desses serviços serem oferecidos de modo distante das vivências e experiências dos aprendizes por estarem voltados à "formatação" padronizada de comportamentos considerados adequados pela biblioteca para o seu correto uso e não com a preparação de sujeitos que conheçam os procedimentos, saibam como funcionam, mas que também sejam capazes de refletir a respeito deles (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 134). Ancora-se essa visão no fato de que para desenvolver competências é necessário trabalhá-las de modo transversal e integradas ao currículo, pois em tese a aprendizagem tende a ser melhor sucedida quando conta-se com a colaboração de diferentes atores (bibliotecários, docentes e gestão) e em variados contextos de aplicação (ACRL, 2019; BREIVIK, 1985; KUHLMATH, 1987).

Ao identificar-se que 95,7% das bibliotecas multiníveis não trabalham o desenvolvimento da ColInfo a partir da integração curricular infere-se ainda que as ações que vêm sendo desenvolvidas no âmbito dos Institutos Federais, mesmo aquelas que constam em um programa enfrentam dificuldades em obter a participação e o compartilhamento das responsabilidades das partes interessadas. Sustenta-se essa inferência na concepção de que são nos currículos e nos projetos pedagógicos dos cursos que a partir de um "jogo" de poder, ideologia e identidade que se pactuam os compromissos, as vivências, os valores e o conjunto de conhecimentos e objetivos de aprendizagem para cada nível e ciclo de ensino que configuram a cultura de determinada instituição educacional (SILVA, T., 2010).

À vista disso, defende-se portanto que é importante também reservar tempo e espaço nos currículos para que os aprendizes possam conhecer e refletir a respeito dos aspectos teóricos que fundamentam a ColInfo. Para além disso, a aplicação de valores e atitudes requer também que o aprendizado seja sistemático, persistente e

significativo e para isso é preciso vivências e práticas contextuais, a fim de que a competência manifeste-se tanto na vida acadêmica-escolar como na profissional e pessoal (ZABALA; ARNAU, 2010, p. 136).

Outro dado importante para uma compreensão adequada do delineamento pedagógico foi elencado na tabela 6. Nela se pode observar os resultados da indicação dos bibliotecários quanto às habilidades, conhecimentos e atitudes que consideraram ser desenvolvidas pelas bibliotecas onde atuam, a partir dos produtos de serviços relacionados à ColInfo.

**Tabela 6** - Habilidades, conhecimentos e atitudes desenvolvidas com as ações de ColInfo das bibliotecas Multiníveis

<b>Habilidades, Conhecimentos e Atitudes</b>	<b>Quant.</b>	<b>%</b>
Buscar, localizar e acessar informações em variados canais e fontes informacionais.	46	65,7%
Reconhecer onde e quais canais e fontes de informação são potenciais para atender determinada necessidade de informação	44	62,9 %
Selecionar livros, periódicos e demais recursos físicos na biblioteca utilizando o catálogo	44	62,9%
Compreender a forma que a biblioteca funciona e é organizada	42	60%
Selecionar e utilizar os recursos digitais de informação oferecidos pela biblioteca	40	57,1%
Encontrar livros nas prateleiras	37	52,9%
Utilizar adequadamente as normas apropriadas a cada área do conhecimento (ABNT, Vancouver, APA, entre outras)	34	48,6%
Respeitar o uso legal da informação	34	48,6%
Expressar as necessidades de informação por meio da elaboração de estratégias de busca	29	41,4%
Determinar e articular necessidades de informação	23	32,9%
Avaliar a exatidão, fidedignidade, confiabilidade e relevância da informação recuperada	23	32,9%
Diferenciar e utilizar adequadamente as citações diretas/indiretas	23	32,9%
Analisar, examinar e extrair a informação	21	30%
Comunicar o produto da informação com reconhecimento da propriedade intelectual.	19	27,1%
Compreender as implicações éticas, políticas e econômicas no uso da informação	17	24,3%
Ordenar e categorizar a informação	17	24,3%
Utilizar softwares para gerir referências bibliográficas	17	24,3%
Buscar novas formas de comunicar, apresentar e usar a informação	16	22,9%
Aplicar a informação recuperada	16	22,9%
Fazer sínteses das informações recuperadas.	13	18,6%
Determinar qual a melhor fonte e de maior utilidade	12	17,1%
Apreender ou internalizar a informação como conhecimento pessoal.	11	15,7%
Generalizar e interpretar a informação	8	11,4%
Não desenvolvemos ações voltadas ao desenvolvimento de habilidades, atitudes e conhecimentos na biblioteca.	5	7,1%

Fonte: Dados de Pesquisa, 2022

Neste diapasão, identificou-se um total de 24 habilidades, conhecimentos e atitudes que podem ser relacionadas ao desenvolvimento da ColInfo. Destas, apenas 25% (6) receberam mais de 50% de menções, enquanto os 75% (18) restantes variavam entre 48,6% (34) a 11,4% (8) de citações.

Dentre as citações com maiores percentuais destacaram-se as habilidades - *Buscar, localizar e acessar informações em variados canais e fontes informacionais*, com 65,7% (46) apontamentos; *Reconhecer onde e quais fontes de informação são potenciais para atender determinada necessidade de informação* com 62,9% (44); *Selecionar livros, periódicos e demais recursos físicos na biblioteca utilizando o catálogo* com 62,9% (44); *Compreender a forma que a biblioteca funciona e é organizada* com 60% (42); *Selecionar e utilizar os recursos digitais de informação oferecidos pela biblioteca* com 57,1% (40) menções e por último - *Encontrar livros nas prateleiras* com 52,9% (37). Verificou-se a partir desta questão a predominância de ações que visam desenvolver habilidades, conhecimentos e valores, cujas características permitiram inferir que as bibliotecas multiníveis têm trabalhado mais sob os pressupostos da educação de usuários que os da ColInfo.

A partir disso, notou-se também, a existência de um padrão de correspondência nas respostas com maiores índices de citação (percentual igual ou maior que 50%), em que os elementos muito frequente dizem respeito à internalização de procedimentos e atitudes imbricadas ao uso da biblioteca e dos seus recursos, dando maior confiabilidade a este entendimento.

Em relação às habilidades, conhecimentos e atitudes que obtiveram os maiores índices de repetição e que se aproximam mais dos pressupostos da ColInfo, identificou-se que estão relacionadas apenas à dimensão técnica. Nelas observou-se a preocupação com os procedimentos de busca, acesso, seleção e avaliação de fontes e canais de informação.

Ao apontarem apenas estas habilidades como as mais desenvolvidas no âmbito das bibliotecas multiníveis, nota-se uma ação até certo ponto controversa, principalmente quando se leva em conta a conjuntura educacional brasileira e os pressupostos teórico-práticos mais tradicionais no desenvolvimento da ColInfo. Sob este aspecto, a literatura científica da Biblioteconomia e Ciência da Informação enfatiza que para reconhecer quais são os melhores e mais adequados canais e fontes de informações de forma eficaz e eficiente, os usuários necessitam *a priori* saber como reconhecer e determinar suas necessidades informativas, para só então comunicá-las, a partir de operações e estratégias, aos sistemas informativos, seja ele digital ou analógico. Todavia este tipo de habilidade requer do sujeito conhecimentos e atitudes que o levem a articular de modo crítico, reflexivo e autônomo o que se sabe e o que se é necessário aprender para lidar com a

dinâmica da vida social. Ao ser citada por apenas 32,9% (23) das indicações, reforçou mais uma vez o caráter instrucional e instrumental das ações praticadas pela maioria das bibliotecas multiníveis.

Ao tomar-se o conjunto desses dados, notou-se divergência entre as ações (produtos e serviços) nominalmente desenvolvidas e as habilidades, atitudes e conhecimentos apontados pelos bibliotecários. Curiosamente, ao sinalizarem no início da categoria **Produtos e Serviços** as ações empreendidas pelas bibliotecas multiníveis em prol da ColInfo, os bibliotecários indicaram que a atuação orbitava apenas em torno das dimensões técnica e ética. Não obstante ao apresentarem, na subcategoria **Delineamentos Pedagógicos**, as habilidades, conhecimentos e atitudes que buscavam desenvolver junto a comunidade, indicou-se que o enfoque predominante estava na dimensão técnica da ColInfo, mas sem deixar de apontar habilidades, mesmo que em número infinitamente menor, que indicassem a presença de características das dimensões estética, ética e política, conforme a classificação de Vitorino e Piantola (2009).

Tal contexto, sugeriu que entre os bibliotecários atuantes nos Institutos Federais, existem um número relativamente alto dos que ainda não compreendem bem a ColInfo a ponto de distingui-la da Educação de Usuários. Também indica que eles não reconhecem com facilidade como as habilidades, atitudes e conhecimentos articulam-se a cada um destes processos.

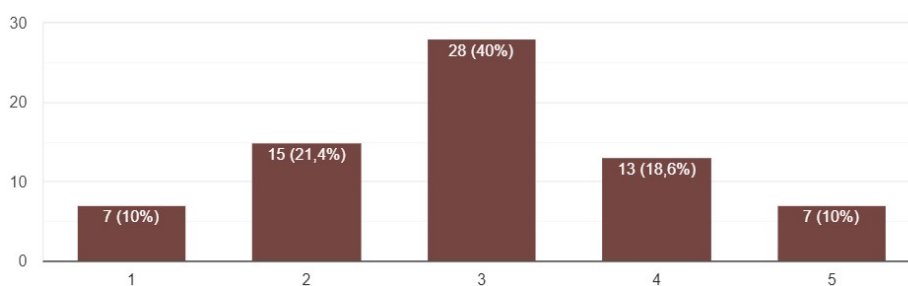
Os resultados desta questão coadunam com os achados de Mata e Alcará (2016) que ao empreenderam uma pesquisa bibliográfica junto aos anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBDD), de 2011, 2012 e 2015, e do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU), de 2010, 2012 e 2014, identificaram que entre os bibliotecários existia uma confusão terminológica e prática no tratamento que davam a temas relacionados às práticas educativas em bibliotecas, a exemplo da Educação de Usuário e da ColInfo.

Quanto às respostas com menor frequência de menções, identificou-se que 7,1% (5) das afirmativas foram de que *não desenvolvem* habilidades, atitudes e conhecimentos relacionados à ColInfo. Constatou-se a repetição do padrão apurado em resultados de questões anteriores, em que o percentual de participantes que responderam não promover quaisquer ações voltadas ao desenvolvimento dessa competência foi bem próximo a esse. Resguardou-se ainda relação direta com a

pergunta presente na categoria **Compreensões sobre ColInfo**, que inquiriu aos bibliotecários a respeito da frequência que liam/assistiam ou ouviam conteúdos relacionados ao tema.

A respeito do desenvolvimento do pensamento crítico e da reflexão mediante a aprendizagem recursiva, apurou-se ainda, mediante escala *Likert* de frequência (onde 1 significava *nunca*, 2 - *raramente*, 3 - *ocasionalmente*, 4 - *frequentemente* e 5 - *muito frequente*) conforme disposto no gráfico 14, se as bibliotecas os promoviam entre a sua comunidade de usuários.

**Gráfico 14** - Frequência que as ações de ColInfo promovem o pensamento crítico, a reflexão e a aprendizagem recursiva.



Fonte: Dados de pesquisa, 2022

Ao exprimirem suas impressões a respeito do desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo e da aprendizagem recursiva mediante as ações que entendiam ser de ColInfo, os bibliotecários sinalizaram que das 70 unidades informacionais investigadas, 10% (7) *nunca* trabalharam esses elementos, 21,4% (15) *raramente*, 40% (28) *ocasionalmente*, 18,6% (13) *frequentemente* e somente 10% (7) *muito frequente*. Desta forma, depreendeu-se que as bibliotecas multiníveis ainda não estão totalmente comprometidas de forma equânime com as questões intrínsecas à ColInfo, já que apenas 28,6% (20) delas nominalmente desenvolveram essas habilidades junto aos usuários que atendem, enquanto 71,4% (50) desconsideram esses elementos como essenciais à uma pedagogia emancipatória e comprometida com os ideais de desenvolvimento da ColInfo conforme propõe Belluzzo (2018).

Outro dado relevante a ser considerado é que ao identificar números como este, deduziu-se que a maioria dos bibliotecários dos IFs, não trabalharam no desenvolvimento de habilidades, atitudes e conhecimentos para lidar com a complexidade do universo informacional. Ao ignorarem o pensamento crítico, reflexivo e a aprendizagem recursiva como fundamentos do processo de

ensino-aprendizagem das iniciativas info educacionais, as ações empreendidas pelas bibliotecas aqui investigadas alinharam-se, no âmbito das Ciências da Educação, ao modelo pedagógico tradicional e/ou tecnicista. Estas por sua vez possuem abordagem pautada em práticas relacionadas ao adestramento e a recepção e internalização passiva de conteúdos e atitudes. Desta maneira verificou-se uma contraposição às premissas, diretrizes e melhores práticas para a promoção da Colnfo, amplamente disseminada na literatura da Biblioteconomia e Ciência da Informação por autores e instituições como a ACRL (2019), Belluzzo (2018), Bruce (2003, 2008), Dudziak (2003) e Santos (2022) que enfatizam a autonomia e pensamento crítico-reflexivo como essenciais atuação competente frente a dinâmica do universo informacional.

Com um olhar epistemológico a partir da Ciência da Informação, afirma-se que as características identificadas nas ações são predominantemente típicas do paradigma físico. Sob esse viés há um alinhamento mais próximo da subárea Educação de Usuários do que da Colnfo já que o enfoque é na modelagem e adequação do usuário a um comportamento tido como “ideal” diante da biblioteca e seus recursos informacionais (MATA, 2022).

Destaca-se que embora a Colnfo também envolva a internalização de procedimentos e atitudes relacionadas ao uso de uma biblioteca, seus pressupostos sempre indicam um caminho além. Para Kuhlthau (1991, 1993, 1996), Behrens (1992) e Doyle (1994) as ações de desenvolvimento da Colnfo devem priorizar que os sujeitos sejam autônomos, críticos e reflexivos no reconhecimento de suas necessidades informativas incluindo sendo capaz de identificar as causas geradoras de tais necessidades. Para as autoras é imprescindível que os sujeitos compreendam e saibam como e onde saná-las de modo concreto e contextualizado aos problemas informacionais que lhe interpelam cotidianamente, tanto em âmbito pessoal como profissional.

A ACRL (2019) defende que o desenvolvimento da Colnfo perpassa por ações que vislumbram a aprendizagem recursiva e o pensamento crítico. A não trabalharem sob essa perspectiva as bibliotecas multiníveis educam a partir do modelo instrucional em que a vivência de determinado conteúdo não está relacionado às diversas nuances da vida que ensejam em sua aplicação em contextos concretos. A não buscar desenvolver o pensamento crítico-reflexivo as ações denominadas de Colnfo são esvaziadas tornando-se estéreis, pois os sujeitos

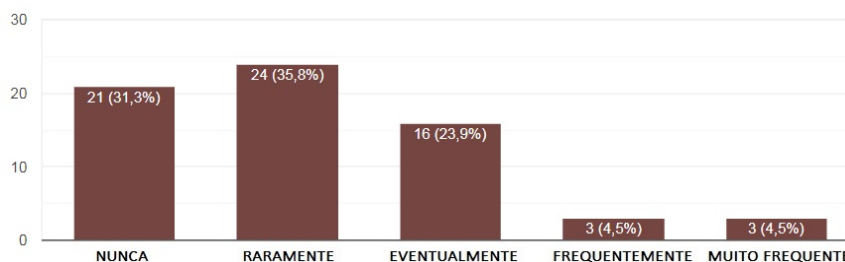
saberão realizar operações mecânicas de busca, de acesso e uso da informação, mas não aplicarão com eficiência e eficácia a informação recuperada na resolução de problemas de modo ético, criativo e político, como defendem Doherty (2007), Elmborg (2006), Jacobs (2008), Johnston e Webber (2006).

### c) Subcategoria: Planejamento

A respeito do tema **Planejamento** reuniu-se às questões que apresentavam características essenciais e inequívocas de ligação a ele. Neste sentido, a pesquisa avaliou duas questões que visavam compreender se as ações de ColInfo enunciadas na categoria **Produtos e Serviços** compreendia os elementos básicos para o planejamento deste tipo de proposta.

Deste modo, considerando a contribuição que os estudos de usuários podem fornecer ao planejamento dos serviços e produtos de informação relacionados aos processos de educação para a ColInfo, no gráfico 15, sistematizou-se a frequência que as bibliotecas multiníveis utilizaram deste instrumento com a finalidade de embasar as suas ações.

**Gráfico 15** - Frequência que os estudos de usuários são realizados para embasamento das ações de ColInfo



Fonte: Dados de pesquisa, 2022

Em uma população de 70 participantes, apenas 9% (6) afirmaram utilizar os estudos de usuários *frequentemente* e 4,5% (3) *muito frequente* como ferramenta diagnóstica para a concepção, modelagem e oferta das ações de ColInfo. Enquanto 91% indicaram não fazê-lo com recorrência, sendo 23,9% (16) *eventualmente*, 35,8% (24) *raramente* e 31,3% (21) *nunca*.

Os resultados aqui apurados indicaram contrariedade ao entendimento de que o processo de ensino-aprendizagem de habilidades, conhecimentos e atitudes relacionadas ao desenvolvimento da ColInfo devem ser pautados em ações

planejadas a partir de “evidências e teorias, constando de atividades sistemáticas ou sequenciais” (CAMPELLO, 2009, p. 82) que considerem a identificação das “[...] necessidades informacionais e contextuais da instituição, em nível micro e macro [...]” (MATA, 2022, p. 47).

Para Cunha, Amaral e Dantas (2015, p. 38) os estudos de usuários da informação dentre suas múltiplas finalidades são relevantes para diagnosticar a viabilidade de implementação de determinada ação, para identificar as necessidades dos usuários e auxiliar no planejamento de serviços e produtos de informação. Para os autores estes tipos de estudos, subsidiam a definição das prioridades e os campos de atuação, sempre a partir dos tipos de usuários que atende e busca alcançar, além propiciar a possibilidade de avaliar o sucesso das iniciativas da biblioteca a partir do grau de satisfação do público alvo.

Nessa direção, ao recomendar a identificação da metodologia, da didática, das estratégias e técnicas de ensino-aprendizado e dos conteúdos relevantes a serem trabalhados junto aos aprendizes, a ACRL (2019) indica que os estudos de usuários é uma das ferramentas para o planejamento das ações educativas de uma biblioteca. Neste caso, por meio das diferentes abordagens de estudos de usuários é possível identificar alguns dos elementos relevantes para elucidar o modo e o que será desenvolvimento no contexto institucional em relação a Colnfo.

Nesse sentido, ao se identificar que 91% (61) das bibliotecas multiníveis não realizam o estudo de usuários para embasamento das ações de Colnfo, inferi-se incompreensão da relevância das diversas abordagens desses estudos para a concepção e planejamento de ações educativas em prol do desenvolvimento de habilidades, atitudes e conhecimentos relacionados ao universo informacional.

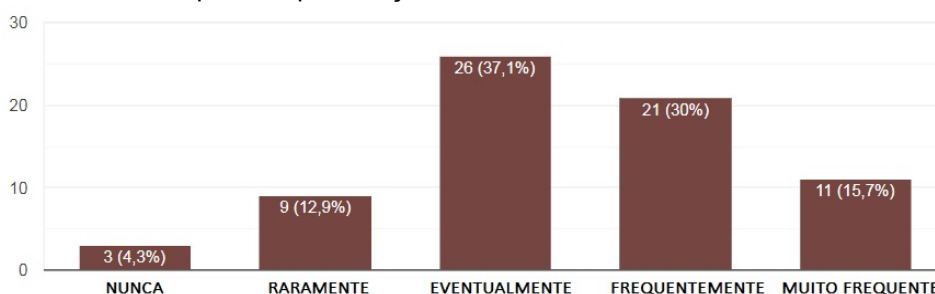
Ao rejeitarem a realização de estudos de usuários como parte do planejamento, indicou-se que as ações realizadas por essas unidades de informação e entendidas como de Colnfo por seus profissionais não podem ser enquadradas em sua plenitude como tal, uma vez que as propostas surgem não da identificação das necessidades formativas dos sujeitos. Esse contexto leva a inferir que a preocupação das iniciativas estão na necessidade da biblioteca ser melhor utilizada e seus recursos aproveitados em toda sua potencialidade pela comunidade. Assim, mais uma vez, surgem indícios de que as atividades empreendidas no âmbito das bibliotecas multiníveis posicionam-se mais próximas à educação de usuários, a partir de uma fundamentação teórica atrelada ao modelo tradicional ou clássico,

enquadrada na Ciência da Informação no que foi definido por Capurro (2003) como paradigma físico.

Sob a perspectiva neoliberal, esse panorama redundava em bibliotecas multiníveis menos eficazes e eficientes, por oferecerem produtos e serviços com alto potencial de descontextualização às necessidades e interesses do público alvo. Já sob o viés crítico e pós-crítico, para quem a biblioteca é considerada um instrumento para a garantia de direitos, mediante a possibilidade de acesso, uso e produção de informação de modo igualitário, inferir-se que as ações são reducionistas, pois apenas buscam “moldar” os sujeitos a determinado sistema de informação. Esse posicionamento intencional ou acrítico neutraliza as forças da ColInfo em possibilitar rupturas a partir da superação de pelo menos parte das contradições inerentes ao modo de produção característico da Sociedade da Informação.

Do ponto de vista do alinhamento do planejamento de ações a missão institucional o gráfico 16 apresentou os resultados obtidos mediante a verificação da frequência que as ocorrências eram citadas.

**Gráfico 16** - Frequência que as ações de ColInfo alinham-se a missão institucional



Fonte: Dados de pesquisa, 2022

A partir desses resultados constatou-se que 45,7% (32) de bibliotecas multiníveis alinharam a oferta de produtos e serviços de ColInfo à missão institucional de suas mantenedoras, sendo 30% (21) *frequentemente* e 15,7% (11) *muito frequente*. Em oposição, observou-se que 54,3% (38) das bibliotecas não internalizaram esta prática basilar na concepção e planejamento de ações informacionais, uma vez que 37,1% (26) só o fizeram *eventualmente*, 12,9% (9) *raramente* e 4,3% (3) *nunca*.

Embora o grupo dos que fundamentam as ações de informação na missão institucional ainda não seja um número majoritário, seu índice de frequência foi diametralmente oposto ao apurado na variável “estudos de usuários”. Esses resultados, de modo geral, apontaram que entre os bibliotecários há compreensão

parcial sobre a temática planejamento, tanto em seu espectro mais amplo, quanto na sua aplicação em situações específicas, como no caso da concepção de serviços e produtos de ColInfo.

A respeito desta questão, o *Institute for Information Literacy da Association of College and Research Libraries* (ACRL) nos documentos *Standards for Libraries in Higher Education*<sup>11</sup> e *Characteristics of Programs of Information Literacy that Illustrate Best Practices: A Guideline*<sup>12</sup>, recomendou que os programas de desenvolvimento da ColInfo articulem seus objetivos, finalidades e metas à missão educativa institucional (ACRL, 2011, 2019).

Em mesma direção a IFLA propôs no documento *Diretrizes sobre desenvolvimento de Habilidades em Informação para a aprendizagem permanente* (LAU, 2007) que as ações em prol da ColInfo sejam estruturadas a partir da identificação da cultura organizacional, de modo que leve em conta o estilo de trabalho da própria organização, a “dinâmica das políticas, o pessoal, o pressuposto da instituição e as comunidades de aprendizagem”. Para além disso, essa instituição, assim como a ACRL (2019), recomendou que seja apresentada à comunidade uma declaração de missão e visão que contenha uma clara definição a respeito da ColInfo e esteja alinhada às finalidades institucionais e da própria biblioteca.

Na mesma direção, Santos (2017, p. 185 e 212) defendeu que a promoção da ColInfo deve ser “integrada à missão, aos valores, ao planejamento educacional” para que desta maneira ela possa “ser institucionalizada”.

Assim, visualiza-se que mais de 50% das bibliotecas multiníveis não tem adotado essas práticas como basilares ao planejamento e execução de ações de ColInfo podemos afirmar a variável alinhamento à “Missão Institucional” ainda apresenta percentuais insuficientes para que possa-se considerar que o desenvolvimento da ColInfo mediante as bibliotecas multiníveis esteja internalizado como prática educativa na Educação Profissional e Tecnológica de modo adequado e satisfatório.

---

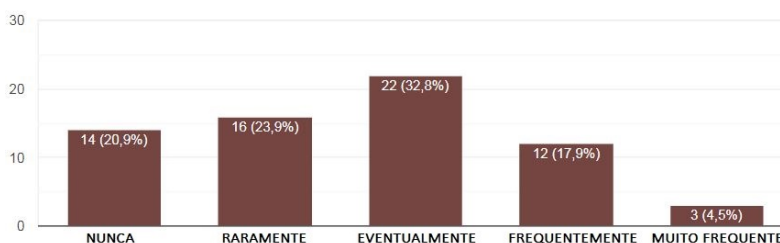
<sup>11</sup> A primeira versão foi aprovada no ano de 2003 pelo Conselho de Administração da ACRL e revisada em outubro de 2011.

<sup>12</sup> Aprovado pelo Conselho de Administração da ACRL em junho de 2003; revisado em janeiro de 2012 e em janeiro de 2019.

### c) Subcategoria: Avaliação

Em relação a subcategoria avaliação, o gráfico 17 demonstrou a frequência que as ações de ColInfo indicadas pelos bibliotecários das bibliotecas multiníveis consideraram a avaliação do serviço sob a perspectiva do usuário e da equipe executora, a fim de identificar oportunidades de melhoria nos processos e a progressão da aprendizagem.

**Gráfico 17** - Frequência que ações de ColInfo são avaliadas pela equipe executora e os usuários



Fonte: Dados de pesquisa, 2022

Identificou-se que 74,3% (52) das bibliotecas não costumam avaliar a aprendizagem dos participantes e a adequabilidade das atividades de promoção da ColInfo às necessidades do público alvo e alcance dos objetivos e metas. Neste contexto, 20,9% (14) afirmaram *nunca* considerar o elemento avaliação, 23,9% (16) *raramente* e 32,8% (22) *eventualmente* alegaram avaliar de algum modo os serviços e produtos de ColInfo. Já entre os que declaram promover pelo menos um dos tipos de avaliação, 17,9% (12) afirmaram fazer a avaliação das atividades e da aprendizagem *frequentemente* e apenas 4,5% (2) *muito frequente* (3).

Esses resultados apontaram para existência de correlação entre o formato da execução dos serviços de ColInfo e os elementos que foram considerados para concebê-los. No primeiro caso, esta pesquisa identificou que 64,3% (45) das 70 unidades de informação praticavam apenas atividades pontuais, ações que costumam ser pautadas na espontaneidade e com baixos índices de formalização. Neste contexto, o estabelecimento de critérios, diretrizes e objetivos a curto, médio e longo prazo não costumam ser considerados, implicando geralmente em não avaliação.

No segundo caso, a ausência de aderência aos elementos imprescindíveis da categoria **Planejamento** possui correlação com o resultado da subcategoria **Delineamento pedagógico** em que a maioria (75,7%) das bibliotecas multiníveis

declararam não definir o *escopo, os objetivos, as metas e os métodos* que são adotados no desenvolvimento da ColInfo.

Sobre essa questão, a ACRL (2019) e LAU (2007), propõem que a avaliação seja executada a partir das metas e objetivos que tiveram por base resultados esperados mensuráveis, tanto do ponto de vista da aprendizagem como da implementação, desenvolvimento e atuação dos envolvidos na execução das ações.

Ao não estabelecerem os resultados desejáveis de modo mensurável, tanto em relação a evolução da aprendizagem, quanto ao alcance geral das ações acarreta-se automaticamente em um nível maior de dificuldade para avaliar adequadamente o que foi projetado, o que está em concretização e o que tem potencial para não se concretizar (PERRENOUD, THURLER, MACEDO, MACHADO, ALLESANDRINI, 2002) no contexto destas ações. Desta forma o resultado verificado nesta questão é perfeitamente justificado pela ausência do estabelecimento a priori dos elementos que permitem realizar esse processo.

A ACRL (2019) ainda recomenda que a avaliação seja encarada como mecanismo de aprimoramento das ações de ColInfo, a partir de uma variação das estratégias de aferição de resultados e envolvendo elementos como alcance do nível de aprendizagem ideal, nível de integração das ações ao currículo, utilização de métodos e técnicas de ensino-aprendizado relevantes e etc. Sob mesma perspectiva, Santos (2017) em na tese *Competência em Informação na formação básica dos estudantes da Educação Profissional e Tecnológica*, argumentou que para o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos e atitudes é imprescindível que sejam realizadas avaliações antes, durante e depois do processo, de modo que sejam diagnósticas, formativas e somativas.

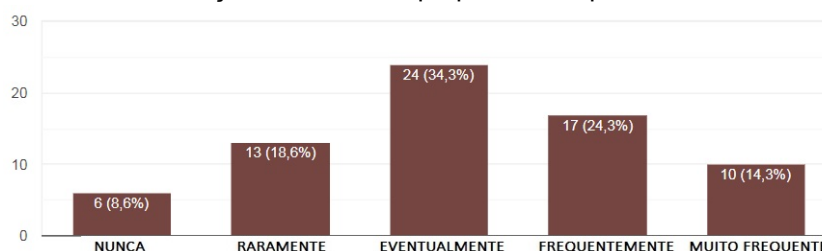
Portanto, em um cenário que apenas 22,4% (15) das bibliotecas multiníveis investigadas adotaram a categoria **Avaliação** de modo habitual, concluiu-se que não há internalização equânime nos Institutos Federais dos preceitos para a promoção da ColInfo em conformidade com as melhores práticas apontadas na literatura da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

### **c) Subcategoria: Recursos tecnológicos de comunicação e mídia**

Os resultados reunidos sob a subcategoria **Recursos tecnológicos de comunicação e mídia** focaram na compreensão de como os produtos e serviços de

ColInfo faziam uso deles para apoiar a aprendizagem e comunicar a comunidade a sob oferta das ações. Para tal, questionou-se inicialmente com que frequência as ações de ColInfo utilizavam recursos de mídia e tecnologia da informação relevante e apropriada ao aprendizado, conforme sistematizado no gráfico 18.

**Gráfico 18** - Frequência que as ações de ColInfo utilizam recursos de mídia e tecnologia da informação relevante e apropriada ao aprendizado



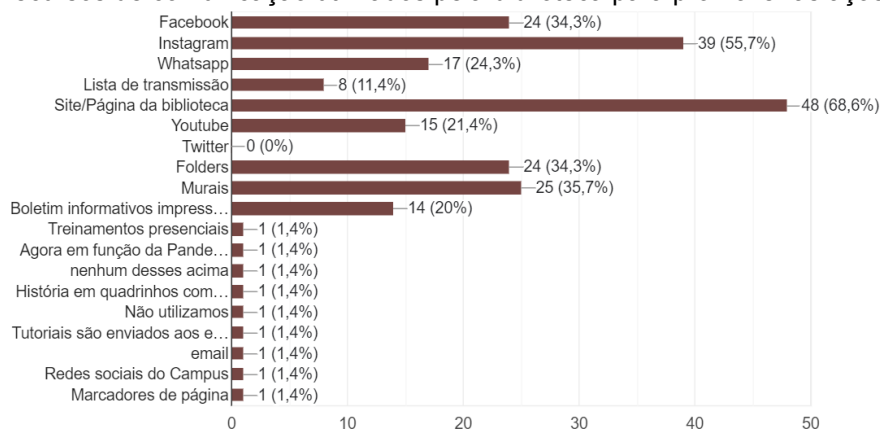
Fonte: Dados de pesquisa, 2022

Dos 70 bibliotecários que responderam a essa questão, 38,6% (27) afirmaram utilizar os recursos de mídia e tecnologia de informação, sendo 24,3% (17) *frequentemente* e apenas 10 (14,3%) *muito frequente*. Em oposição, 61,5% (43) indicaram que praticamente não utilizam, sendo 34,3% (24) os que alegaram utilizar *eventualmente*, 18,6% (13) *raramente* e 8,6% (6) *nunca*.

Nota-se a partir desta questão que as ações das bibliotecas multiníveis em sua maioria estão na contramão do que propõe a ACRL (2019) no documento “*Características dos Programas de Competência em Informação que Ilustram as Melhores Práticas: Uma Diretriz*”. Nesse documento a entidade enfatiza que a utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e recursos midiáticos relevantes são imprescindíveis para apoiar o desenvolvimento e a promoção da ColInfo. A Unesco (2013, p. 29), enquanto organismo internacional, tem defendido que saber “criar e compartilhar informações e conteúdo de mídia em todos os formatos, usando várias ferramentas de forma crítica, ética e eficaz” são habilidades essenciais da ColInfo. Assim, ao não adotarem as TICs e os recursos midiáticos apropriados essas bibliotecas diminuem as possibilidades de obterem êxito em suas iniciativas infoeducacionais junto a comunidade acadêmica e escolar. Nesta ambiência “as tecnologias devem promover a aprendizagem para que os sujeitos possam saber lidar com a **hipertextualidade** e **mídias** e criar produtos que expressem novos entendimentos e percepções” (SANTOS, 2017, p. 129, *grifo nosso*).

Complementando essa questão, solicitou-se aos bibliotecários atuantes em bibliotecas multiníveis que indicassem quais recursos de comunicação e mídia, incluindo os formais e informais, eram utilizados para apoiar a promoção dos produtos e serviços de ColInfo. O gráfico 19 apresenta os resultados obtidos mediante uma lista com nove opções, além de uma opção “outros”, onde o respondente poderia indicar algum recurso utilizado não constante entre as opções.

**Gráfico 19** - Recursos de comunicação utilizados pela biblioteca para promover as ações de ColInfo.



Fonte: Dados de pesquisa, 2022

Os dados recuperados nessa questão indicaram que os recursos mais utilizados pelas bibliotecas multiníveis para promover as ações de ColInfo, são o site ou página da biblioteca com 68,6% (48) das citações, o Instagram com 55,7% (39) apontamentos; os murais com 35,7% (25); o Facebook e os Folders com 34,3% (24) indicações cada; o Youtube com 21,4% (15); o Whatsapp com 24,3% (17); o Boletim Informativo impresso / digital com 20% (14) e por último a lista de transmissão com 11,4% (8).

Na opção “outros” identificou-se ainda nove relatos livres que continham o seguinte conteúdo: 1 - “*Treinamentos presenciais*”; 2 - “*Agora em função da pandemia temos utilizado muito o atendimento individual por e-mail na tentativa manter minimamente um contato entre a biblioteca e estudantes*”; 3 - “*Nenhum desses acima*”; 4 - “*história em quadrinhos com dicas de pesquisa e uso da informação disponibilizada na página da biblioteca*”; 5 - “*Não utilizamos*”; 6 - “*Tutoriais são enviados aos e-mails da turma*”; 7 - “*Redes sociais do campus*”; 8 - “*Marcadores de páginas*”; todos com apenas uma citação cada, equivalente a 1,4%.

A partir destes dados notou-se a predominância de indicações de uso de estratégias, canais e mídias de comunicação tradicionais, como os sites e páginas

das próprias bibliotecas na *World Wide Web*; os boletins informativos digitais e impressos, os folders, os marcadores de página e etc. Todavia, verificou-se que os recursos midiáticos que caracterizam a formação de redes sociais alcançaram números expressivos de menções e demonstram uma tendência dessas bibliotecas usarem concomitantemente os canais formais e informais de comunicação na interação com os usuários.

Do ponto de vista numérico, foi possível visualizar que os recursos com maiores índices de uso são os que apresentam características mais formais de apresentação e comunicação como o site e páginas das bibliotecas, o e-mail institucional, os boletins informativos e murais e etc. com aproximadamente 122 menções em contraponto a 105 indicações de uso das redes sociais. Não obstante, foi possível observar que 55,7% (39) das bibliotecas multiníveis utilizam pelo menos um tipo de mídia social para interagir e comunicar-se com os usuários. Estes números demonstram que metade dessas unidades de informação nutrem alguma preocupação em se manter relevantes por meio da criação de redes de relacionamento junto aos seus usuários. Nesse sentido, Araújo, Pinho Neto e Freire (2016) ao discorrerem a respeito do uso de mídias sociais em bibliotecas universitárias afirmam que “na contemporaneidade, a interação com os usuários por meios das mídias sociais é imprescindível, devendo se constituir num processo contínuo [...]”. Ao adotarem e utilizarem os recursos midiáticos como instrumentos de interação com seu público, essas bibliotecas demonstraram “[...] ter claros os elementos que compõem a Sociedade da Informação, do Conhecimento, da Aprendizagem e do Mundo do Trabalho” (SANTOS, 2017, p. 249) e conhecer as implicações da Sociedade em Rede, a qual se referiu Castell (2005).

Como a questão também permitia que os bibliotecários indicassem mais de uma opção dentre as disponíveis, além de poder acrescentar novas informações no campo “outros”, notou-se o aparecimento de algumas indicações confusas, em que os recursos e mídias apontados diziam respeito ao que fora utilizado para apoiar a aprendizado da ColInfo e não a divulgação destas ações. Entretanto, a identificação de proposições comunicativas, a exemplo do uso de estratégias criativas como a “história em quadrinhos com dicas de pesquisa e uso da informação disponibilizada na página da biblioteca”, sinalizaram a existência de esforço por parte de alguns bibliotecários em melhorar a comunicação com seus usuários, seja em um contexto

de instrução e ensino ou de simples comunicação cotidiana que vise o marketing da biblioteca.

Assim, observou-se que o uso de recursos e mídias de comunicação não ocorre de forma homogênea e equânime em todas as bibliotecas de Institutos Federais. Nelas verificou-se a adoção e utilização de práticas tradicionais e contemporâneas de comunicação. Deste modo, de forma geral nota-se a necessidade de maior investimento por parte dos Institutos Federais nas bibliotecas multiníveis para que incluam as TICs e os recursos midiáticos tanto para apoiar os processos de ensino-aprendizagem da ColInfo e demais iniciativas infoeducacionais, como para promovê-las perante a sociedade.

### **5.3 Desafios, limitações e dificuldades**

Esta categoria reuniu, analisou e interpretou os resultados relativos às principais limitações, dificuldades e desafios para concepção, execução e promoção da ColInfo no âmbito dos Institutos Federais. Os apontamentos agrupados sob essa categoria foram realizados por bibliotecários atuantes em bibliotecas multiníveis e por gestores de coordenadorias, diretorias, redes e sistemas de bibliotecas dos IFs.

Para tanto, foram formuladas cinco questões, sendo uma direcionada aos bibliotecários por meio do questionário 1 e quatro aos gestores através do questionário 2, conforme consta nos apêndices.

Aos bibliotecários a questão apresentada os estimulava a expressarem os desafios, as dificuldades e as limitações para o desenvolvimento da ColInfo vivenciadas no cotidiano das bibliotecas multiníveis. As respostas poderiam ser dadas livremente por meio da opção “outros” ou mediante a múltipla escolha de uma ou mais opções exemplificativas relativas ao tema presentes na questão. Assim, no gráfico 20, pode-se visualizar os dados consolidados a respeito desta problemática.

**Gráfico 20** - Desafios, dificuldades e limitações a promoção da ColInfo nos Institutos Federais - Bibliotecários



Fonte: Dados de pesquisa, 2022

Entre os indicadores mapeados nessa questão, identificou-se que 4 (quatro) obtiveram índices superiores a 50%, sendo o indicador *B - Recursos humanos insuficientes*, o mais citado pelos bibliotecários com 81,4% (57) das menções. Após gap de aproximadamente 27,1% entre a primeira e a segunda mais mencionada, identificou-se com 54,3% (38) dos apontamentos a opção *C - Recursos financeiros insuficientes*, seguida bem de perto, em terceiro lugar, por *H - Necessidades de conhecimentos pedagógicos (teorias da aprendizagem, didática, metodologias de ensino e etc.)* com 51,4% (36) e por *A - Pouco conhecimento teórico-metodológico e prático a respeito da Competência em Informação* com 50% (35) das citações.

No conjunto que apresentou índices inferiores a 50%, verificou-se dois grupos, o primeiro com percentuais de citações oscilando entre 22,9% a 44,3%, e o segundo com quatro indicações diferentes oriundas da opção “outro” com percentual de 1,4% cada.

No primeiro grupo foram indicados *F - Pouca colaboração da gestão, da equipe técnico-pedagógica e multiprofissional*, com 44,3% (31) citações; *D - recursos materiais insuficientes* com 35,7% (25) dos apontamentos, *I - Pouco conhecimento teórico do bibliotecário sobre a temática* com 34,3% (24); *G - Infraestrutura tecnológica insuficiente/inadequada* com 32,9% (23) e *E - Recursos físicos inadequados* com 22,9% (16) das menções.

No grupo dois, em que observou-se respostas livres oriundas da opção

“outros”, apareceram como desafios, dificuldades e limitações: *J - Equipe pouco colaborativa e resistente a novos métodos*; *L - A maioria dos usuários são alunos do ensino médio integrado com pouca receptividade ou interesse ao tema (geração google)*; *M - Muitos projetos estão em planejamento mais a execução é demorada* e *N - Baixa participação dos alunos nas programações oferecidas*; todas com apenas um 1,4% (1) apontamento cada.

A partir da análise desses dados, percebeu-se que as 13 dificuldades, limitações e desafios apontados pelos bibliotecários podiam ser sintetizadas em seis subtemas ou subcategorias, como observa-se no tabela 7 :

**Tabela 7** - Subcategorias de Desafios, dificuldades e limitações

CATEGORIA			
DIFICULDADES, LIMITAÇÕES E DESAFIOS			
Subcategorias / variáveis	Apontamentos	Freq. (%)	Freq. Total
Conhecimento Pedagógico e sobre a ColInfo	<i>A - Pouco conhecimento teórico-metodológico e prático a respeito da Competência em Informação</i>	50%	90
	<i>I - Pouco conhecimento teórico do bibliotecário sobre a temática</i>	34,3%	
	<i>H - Necessidades de conhecimentos pedagógicos (teorias da aprendizagem, didática, metodologias de ensino e etc.)</i>	51,4%	
Infraestrutura	<i>B - Recursos humanos insuficientes</i>	81,4%	159
	<i>C - Recursos financeiros insuficientes</i>	54,3%	
	<i>D - recursos materiais insuficientes</i>	35,7%	
	<i>E - Recursos físicos inadequados</i>	22,9%	
	<i>G - Infraestrutura tecnológica insuficiente/inadequada</i>	32,9%	
Colaboração	<i>F - Pouca colaboração da gestão, da equipe técnico-pedagógica e multiprofissional</i>	44,3%	32
	<i>J - Equipe pouco colaborativa e resistente a novos métodos</i>	1,4%	
Público alvo	<i>L - A maioria dos usuários são alunos do ensino médio integrado com pouca receptividade ou interesse ao tema (geração google)</i>	1,4%	2
	<i>N - Baixa participação dos alunos nas programações oferecidas</i>	1,4%	
Burocracia Administrativa	<i>M - Muitos projetos estão em planejamento mais a execução é demorada</i>	1,4%	1

Fonte: Dados de pesquisa, 2022

Desta maneira, apurou-se que as dificuldades, as limitações e os desafios mais relevantes à concepção e execução de produtos e serviços de ColInfo pelas bibliotecas multiníveis, predominantemente orbitam em torno das variáveis *Infraestrutura*, *Colaboração* e *Conhecimento Pedagógico e sobre a ColInfo*.

Por conseguinte, para apurar as principais limitações, dificuldades e desafios para a promoção da ColInfo no âmbito dos Institutos Federais, a partir da visão dos gestores de coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas, foram feitas quatro perguntas com finalidades similares, mas formuladas de modos diferentes.

A primeira, identificou oito necessidades principais, como podemos verificar na tabela 8, após questionar aos gestores sobre o que acreditavam faltar para que a ColInfo fosse uma realidade em todas as bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional Tecnológica.

**Tabela 8** - Necessidades para o desenvolvimento da ColInfo em todas as bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional Tecnológica segundo os gestores

Dimensões	Necessidades para o desenvolvimento da ColInfo ser uma realidade	Freq.	%
Infraestrutura	Recursos humanos suficientes	15	71,4%
Interesse	Interesse institucional (reconhecimento da ColInfo como ação transformadora na mobilização e articulação da informação)	15	71,4%
Conhecimento Pedagógico e sobre a ColInfo	Conhecimento teórico e prático sobre a temática	14	66,7%
Interesse	Interesse da gestão dos sistemas, coordenadorias, redes e diretorias de bibliotecas (reconhecimento da ColInfo como ação transformadora na mobilização e articulação da informação)	13	61,9%
Interesse	Interesse dos gestores das bibliotecas (reconhecimento da ColInfo como ação transformadora na mobilização e articulação da informação)	11	52,4%
Infraestrutura	Recursos tecnológicos	9	42,9%
Infraestrutura	Recursos financeiros	8	38,1%
Infraestrutura	Recursos midiáticos	6	28,6%
<b>Total</b>		-	<b>100%</b>

Fonte: Dados de Pesquisa, 2022

Assim, entre os dados que obtiveram registro de frequência superior a 50% identificou-se as necessidades: *Recursos humanos* e *interesse institucional (reconhecimento da ColInfo como ação transformadora na mobilização e articulação da informação)*, ambas com 71,4% (15) das indicações; *Conhecimento teórico e prático sobre a temática* com 66,7% (14) das menções; *Interesse da gestão dos sistemas, coordenadorias, redes e diretorias de bibliotecas (reconhecimento da ColInfo como ação transformadora na mobilização e articulação da informação)* com 61,9% (13) e *Interesse dos gestores das bibliotecas (reconhecimento da ColInfo como ação transformadora na mobilização e articulação da informação)* com 52,4% (11);

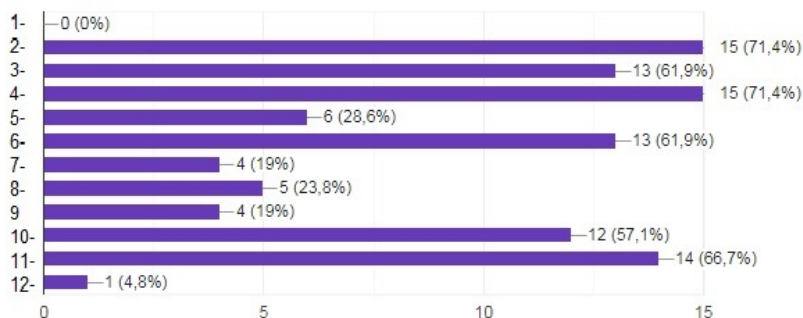
Já entre os apontamentos que obtiveram índice inferior a 50% identificou-se com 42,9% (9) das menções - *Recursos tecnológicos*; com 38,1% (8) citações - *Recursos Financeiros*, e com 28,6% (6) referências - *Recursos midiáticos*.

No que diz respeito ao volume de ocorrências por dimensões, verificou-se que 42,85% (39) delas diziam respeito ao *Interesse* dos envolvidos, 41,75% (38) a *Infraestrutura* e 15,38% (14) relacionavam-se a dimensão *conhecimento pedagógico*

e sobre a ColInfo.

Semelhantemente perguntou-se o que poderia ser feito, do ponto de vista da gestão, para que o desenvolvimento da ColInfo se tornasse realidade em todas as bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional Tecnológica, conforme pode-se visualizar no gráfico 21.

**Gráfico 21** - Ações para que o desenvolvimento da ColInfo seja “realidade” na comunidade escolar e acadêmica - Gestores



- 1- Nada
- 2- Capacitar as equipes das bibliotecas do Sistema / Diretoria / Coordenadoria
- 3- Criar um Programa de Competência em Informação no âmbito do Sistema / Diretoria / Coordenadoria
- 4- Criar Projetos diversificados de Competência em Informação no âmbito do Sistema / Diretoria / Coordenadoria
- 5- Destinação pela gestão de recursos financeiros para a biblioteca
- 6- Aumentar os recursos humanos
- 7- Mudar a biblioteca para espaço adequado
- 8- Ampliar e melhorar o acesso aos recursos tecnológicos
- 9- Ampliar e melhorar os recursos midiáticos
- 10- Desenvolver ações motivacionais com os colaboradores das bibliotecas para que assumam o compromisso de desenvolver a Competência em Informação na comunidade
- 11- Os profissionais de bibliotecas (bibliotecários, auxiliares, assistente e etc) conhecerem a Competência em Informação e se mobilizarem para desenvolvê-la junto a comunidade
- 12- Mudança de Cultura Organizacional

Fonte: Dados de pesquisa, 2022

A partir dos indicadores mapeados nessa questão, identificou-se que 6 (seis) deles obtiveram índices superiores a 50%. Em primeiro lugar com 71,4% (15) das menções apareceram as opções 2 - *Capacitar as equipes de bibliotecas do sistema/ Diretoria / Coordenadoria* e 4 - *Criar projetos diversificados de Competência em Informação no âmbito do Sistema / Diretoria / Coordenadoria*. Em segundo, com 66,7% (14) a opção 11 - *Os profissionais de bibliotecas (bibliotecários, auxiliares, assistente e etc) conhecerem a Competência em informação*; Em terceiro, com 61,9% (13) cada, foram citados as opções 3 - *Criar um programa de Competência em Informação no âmbito do Sistema / Diretoria / Coordenadoria* e 6 - *Aumentar os recursos humanos* e por último com 57,1% (12) das ocorrências apareceu a opção 10 - *Desenvolver ações motivacionais com os colaboradores das bibliotecas para que assumam o compromisso de desenvolver a Competência em Informação na comunidades*.

Verificou-se que dentre as opções mais escolhidas estavam as que diziam respeito a: necessidade de investir nas equipes de biblioteca com formação continuada e ações motivacionais com o objetivo de ampliar o nível de conhecimento teórico e prático em torno da Coinfo para aumentar o engajamento em atividades infoeducacionais; criação de programas e projetos institucionais de ColInfo no âmbito dos coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas dos Institutos Federais e aumento de recursos humanos nas bibliotecas.

Em relação ao conjunto dos indicadores que apresentaram índices inferiores a 50%, identificou-se que os desafios a serem superados para que o desenvolvimento da Coinfo seja contínuo dizem respeito a: 5 - *Destinação pela gestão de recursos financeiros para a biblioteca* com 28,6% (6) das menções; 8 - *Ampliar e melhorar o acesso aos recursos tecnológicos* com 23% (5) das indicações; 7 - *mudar a biblioteca para espaço adequado* e 9 - *ampliar e melhorar os recursos midiáticos* com 19% (4) das ocorrências cada um e 12 - *Mudança de Cultura organizacional* com apenas 4,8%(1) das citações.

A partir disso, notou-se que os 12 desafios presentes no gráfico 18 representavam necessidades relacionadas aos seguintes eixos temáticos: **Infraestrutura**: diz respeito às questões que envolvem a mudança de espaço, aporte de recursos financeiros, humanos, tecnológicos e midiáticos; **Delineamento Pedagógico**: trata de questões relacionadas ao formato e a proposta de oferta, se por projeto, programa ou ações pontuais e **Conhecimento Pedagógico e sobre a ColInfo**: refere-se às ações necessárias à preparação teórica e prática da equipe da biblioteca com vista a mudança da cultura organizacional e da mobilização de conhecimentos, atitudes e habilidades relacionados a promoção de ações de ColInfo nas bibliotecas.

Sob este prisma visualizou-se também que a soma dos *Ações para que o desenvolvimento da ColInfo seja “realidade” na comunidade escolar e acadêmica* dizem respeito respectivamente às variáveis **Conhecimento Pedagógico e sobre a ColInfo** com um total de 39 ocorrências, **Infraestrutura** com 32 e **Delineamento Pedagógico** com 28.

Por último, com o objetivo de complementar as questões anteriores, perguntou-se aos gestores quais eram as maiores dificuldades e limitações a serem superadas para a concepção, a implementação e a institucionalização de um programa de ColInfo em todas as bibliotecas de sua instituição. Como resultados

foram identificados 17 desafios e dificuldades, como pode-se verificar no tabela 9.

**Tabela 9** - Limitações e dificuldades para o desenvolvimento da ColInfo sob o ponto de vista do gestores

Dimensões	Limitações e dificuldades para o desenvolvimento da ColInfo	Freq.	%
Infraestrutura	Recursos humanos insuficientes	16	76,2%
Infraestrutura	Recursos financeiros insuficientes	10	47,6%
Infraestrutura	Recursos materiais insuficientes	9	42,9%
Interesse	Falta de interesse dos bibliotecários das coordenadorias, diretorias, sistema e redes de bibliotecas	8	38,1%
Gestão	Ausência de parâmetros e diretrizes específicas para bibliotecas da Rede Profissional e Tecnológica	8	38,1%
Conhecimento Pedagógico e sobre a ColInfo	Necessidades de conhecimentos pedagógicos (teorias de aprendizagem, didática, metodologias de ensino, e etc) não fornecidos na graduação.	7	33,3%
Conhecimento Pedagógico e sobre a ColInfo	Pouco conhecimento teórico e prático do bibliotecário sobre a temática	7	33,3%
Colaboração	Falta de cooperação entre os bibliotecários e as equipes de bibliotecas com a gestão das coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas	7	33,3%
Infraestrutura	Recursos físicos inadequados	6	28,6%
Colaboração	Pouca colaboração da gestão, da equipe técnica pedagógica e multiprofissional	6	28,6%
Infraestrutura	Infraestrutura tecnológica insuficiente / inadequada	6	28,6%
Colaboração	Ausência de consenso entre os bibliotecários das coordenadoria/diretoria sistema e redes quanto às finalidades e missão da biblioteca	5	23,8%
Colaboração	Pouco diálogo com os docentes da instituição	5	23,8%
Infraestrutura	Infraestrutura midiática insuficiente e inadequada	4	19%
Gestão	Falta de uma gestão de sistema de bibliotecas	1	1,4%
-	Não existe dificuldades, limitações e desafios	1	1,4%

Fonte: Dados de Pesquisa, 2022

Os resultados organizados na tabela 9, apresentaram um total de 16 dificuldades e limitações para a concepção e execução de programas de ColInfo. Dentre essas, *recursos humanos insuficiente*, foi a que mais apareceu nas indicações dos gestores, sendo mencionada 16 vezes e alcançado percentual de frequência de 76,2%. Já a variável com frequência oposta a essa foram *Falta de gestão de sistema de biblioteca* e *Não existe dificuldades, limitações e desafios*, ambas com apenas 1,4% (1) das menções.

A despeito dessas extremidades, as demais variáveis apresentaram índices mais estáveis e distância menores de uma para outra. Deste modo, *Recursos financeiros insuficientes* é a segunda variável mais repetida com 47,6% (10), seguida de perto por *Recursos materiais insuficientes*, com 42,9% (8), *Falta de interesse dos bibliotecários das coordenadorias, diretorias, sistema e redes de bibliotecas* e *Ausência de parâmetros e diretrizes específicas para bibliotecas da Rede Profissional e Tecnológica*, ambas com 38,1% (8) das menções.

Já às sextas, sétimas e oitavas corresponderam a: *Necessidades de conhecimentos pedagógicos (teorias de aprendizagem, didática, metodologias de ensino, e etc) não fornecidos na graduação; Pouco conhecimento teórico e prático do bibliotecário sobre a temática e Falta de cooperação entre os bibliotecários e as equipes de bibliotecas com a gestão das coordenadorias, diretorias, sistemas e redes*, todas com 33,3% (7) das ocorrências. Entre a nona e a décima primeira posição notou-se as variáveis: *Recursos físicos inadequados; Pouca colaboração da gestão, da equipe técnica pedagógica e multiprofissional e infraestrutura tecnológica insuficiente / inadequada*, com 28,6% (6) das menções cada.

Por fim, visualizou-se que da décima segunda à décima quarta as variáveis apresentadas foram: *Ausência de consenso entre os bibliotecários das coordenadorias, diretorias, sistema e rede quanto às finalidades e missão da biblioteca e Pouco diálogo com os docentes da instituição* com 23,8% (5) das indicações e *Infraestrutura midiática insuficiente e inadequada* com apenas 19% (4) de ocorrências.

Esses resultados demonstraram que as dificuldades e limitações apresentadas pelos gestores perpassam por temas como Infraestrutura humana, financeira, tecnológica e midiática das bibliotecas; Interesse/Motivação dos profissionais de biblioteca em torno da ColInfo, Gestão Institucional, Conhecimentos Pedagógicos, Conhecimento acerca da ColInfo e Cooperação/Colaboração entre bibliotecários, docentes, pedagogos, equipe multiprofissional e a gestão.

Nessa conjunção, observou-se que a subcategoria **Infraestrutura** é a que contém o maior número de variáveis de dificuldades e limitações totalizando 37,5% (6), seguida da subcategoria **Colaboração** com 25% (4), **Gestão**, com 12,5% (2), **Conhecimento Pedagógico e sobre a ColInfo**, com 13% (2) e **Interesse** comportando apenas 6,5% (1).

Do ponto de vista da frequência que as variáveis apareceram nas indicações dos gestores, o quadro permanece praticamente inalterado, já que a subcategoria **Infraestrutura** acumulou 48,57% (51) das menções; **Colaboração**, 21,9% (23); **Conhecimento Pedagógico e sobre a ColInfo**, 13,32% (14); **Gestão**, 8,5% (9) e **Interesse**, 7,61% (8). Portanto, visualizou-se nesta questão que os gestores de coordenadorias, sistemas e redes de bibliotecas enxergam a variável infraestrutura como a que produz o maior impacto negativo ao desenvolvimento da ColInfo nessas instituições.

Esses resultados corroboram com os achados de Silva, A. (2014) em sua dissertação de mestrado. Ao pesquisar o desenvolvimento da ColInfo mediante a atuação das bibliotecas do Instituto Federal da Bahia (IFBA) a autora identificou que naquele contexto, as necessidades, desafios e limitações que mais impactavam a atuação dessas unidades de informação na promoção da ColInfo eram a ausência de colaboração entre bibliotecários e docentes e a insuficiência de conhecimentos teóricos, didáticos e metodológicos de ambos em relação a essa competência, imprescindível a educação do século XXI.

Não obstante, Silva, A. (2014) indicou que as condições infraestruturais das bibliotecas também afetavam a sua atuação em prol do desenvolvimento da competência em informação ao retirar do escopo de sua pesquisa àquelas que não atendiam aos parâmetros infraestruturais para bibliotecas escolares defendidas por Campello *et al* (2011). Silva, A. (2014) ainda afirmou que a insuficiência de recursos humanos nas bibliotecas investigadas era uma das possíveis causas para que o bibliotecário não abraçasse sua função educativa e atuasse colaborativamente junto aos docentes. Ao dedicar-se quase exclusivamente aos serviços de circulação e tratamento técnico do acervo, esse profissional distanciava-se dos docentes e estudantes e pouco interferia nas suas relações com o universo informacional.

A partir disto, verifica-se que, para além das múltiplas dificuldades, limitações e desafios enfrentados pelas bibliotecas multiníveis, a infraestrutura, a colaboração incipiente entre bibliotecários e demais educadores e a insuficiência de conhecimentos pedagógicos e sobre a ColInfo formam o tripé principal a serem superados para uma atuação programática em prol do desenvolvimento da ColInfo no âmbito da educação profissional e tecnológica.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bibliotecas cumprem papel fundamental na formação cidadã, integral e humanizada, enquanto potência de amplificação de repertórios culturais que emana sob a perspectiva de uma existência dialógica entre indivíduo, espécie e sociedade. Seja pela possibilidade de acesso democrático a bens culturais ou mediante ações que viabilizem o desenvolvimento de atitudes, valores e habilidades informacionais necessárias para atuar na e sobre a sociedade, as bibliotecas longe de serem inércia se constituem em conjuntos de manifestações humanas representadas a partir do dialogismo cíclico entre individual e social que permitem constante regeneração. Para tanto, é necessário a tomada de consciência quanto ao seu papel político e social tanto por seus profissionais, quanto pela comunidade que a constitui. Nesse sentido, bibliotecários e demais membros da equipe devem comprometer-se com os princípios de uma educação integral que possibilita a aprendizagem ao longo da vida, a autonomia do aprender e do pensar racional e crítico.

No contexto da Sociedade da Informação, o trabalho e a educação entrelaçam-se simbioticamente ao modo de produção capitalista, de modo que mudanças tanto estruturais como atitudinais passaram a ser requeridas e as bibliotecas a ganharem novos sentidos. No Brasil, esse fenômeno pode ser percebido a partir das múltiplas mudanças estruturais na proposta educacional, principalmente a voltada à educação profissional e tecnológica que foi totalmente reestruturada a partir de 2008 com a criação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Nesses novos espaços, as bibliotecas, enquanto potência, podem amplificar sua colaboração com e na construção de profissionais mais éticos, reflexivos e críticos. Sob a égide do sistema neoliberal, compreender as relações de poder que sustentam essa sociedade é condição *sine qua non* para que os sujeitos tenham plenas condições de se posicionarem politicamente nela e sobre ela. Assim, umas das dimensões que refletem a potencialidade regeneradora das bibliotecas é o seu trabalho em prol do desenvolvimento da ColInfo sob uma perspectiva “sociocultural e interacionista” como meio para se tornar integradora das múltiplas manifestações humanas que caracterizam as diferentes culturas, produzidas em diversas sociedades e civilizações.

Partindo desses pressupostos esta pesquisa analisou as ações das bibliotecas do Instituto Federais de Educação, Ciência e Tecnologia quanto à oferta de recursos/produtos/serviços orientados ao desenvolvimento da Competência em Informação. Explorando o universo das bibliotecas multiníveis, mediante o envio de um questionário aos bibliotecários e um aos gestores de diretorias, sistemas e redes de bibliotecas existentes nos Institutos Federais, foi possível vislumbrar variáveis que responderam aos questionamentos que originaram essa investigação. Assim, quanto à problemática desta investigação que inquiriu se *as bibliotecas dos Institutos Federais trabalham com ações, projetos ou programas orientados ao desenvolvimento da ColInfo em seus usuários e em quais bases conceituais, formatos e ou configurações essas iniciativas se consolidam*, verificou-se que embora a pesquisa tenha apontado para a predominância de iniciativas voltadas apenas à Educação de Usuários, de forma geral, os bibliotecários e gestores deram indícios de que também coexistem ações alinhadas aos pressupostos da ColInfo em variados Institutos Federais, mesmo que estas globalmente ainda sejam rudimentares, de modo que carecem de aprofundamento e sistematização.

Em relação aos formatos e configurações, observou-se que preponderantemente as ações das bibliotecas não se apresentavam como projetos e/ou programas, mas em iniciativas pontuais. Coerentemente a isso, as atividades identificadas sinalizavam que à luz das teorias educacionais as bases conceituais possivelmente adotadas pelos bibliotecários alinhavam-se melhor as premissas das teorias comportamentais de aprendizagem relacionadas ao Behaviorismo, instrumentalizadas quase sempre a partir do treinamento e das estratégias de transmissão de informação massiva. Sob o arcabouço teórico-metodológico da Biblioteconomia e Ciência da informação apresentavam um misto de características que oscilavam entre a abordagem tradicional e alternativa e um alinhamento mais ao centro em relação aos paradigmas físico e cognitivo.

Seguindo a trilha apontada pelos objetivos específicos foi possível afirmar que o objetivo *Investigar as concepções teórico-práticas corrente nas Bibliotecas Multiníveis sobre a Competência em Informação* foi alcançado. A respeito dele a pesquisa demonstrou que embora muitos bibliotecários e gestores acreditam que suas bibliotecas estão desenvolvendo ações de ColInfo, na realidade o que se identifica é a predominância de ações de Educação de Usuários, com forte apelo a adoção do “método bancário” e da instrução e do treinamento como estratégias para

conduzir os usuários a um comportamento tido como adequado para lidar com as bibliotecas e seus recursos, visando um melhor aproveitando destes.

Notou-se ainda que embora existam nos Institutos Federais ações de ColInfo sendo desenvolvidas em formatos de projetos e programas sob uma perspectiva sociocultural, com métodos e estratégias compatíveis ao construtivismo e sociointeracionismo, elas ainda são incipientes quando comparados os resultados com o potencial realizador das bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Sob este aspecto observou-se uma atuação mais ancorada no paradigma cognitivo e na abordagem alternativa com enfoque predominantemente nas dimensões técnica e ética da ColInfo.

Neste sentido, identificou-se que entre os bibliotecários e gestores de coordenadorias, diretorias, departamentos, sistemas e redes de bibliotecas dos Institutos Federais a dimensão educativa da biblioteca é insuficientemente compreendida pela maioria dos profissionais e pouco trabalhada. Do ponto de vista teórico-conceitual, a maioria dos bibliotecários e gestores conhecem a ColInfo e acreditam que o seu desenvolvimento é importante, não obstante, os que não a compreendem e a confundem frequentemente com a Educação de Usuários ainda é alto e o comprometimento das bibliotecas com a promoção da ColInfo é considerado baixo.

Quanto ao objetivo *“Mapear os serviços, produtos, ações e/ou programas voltados ao desenvolvimento da Competência em Informação oferecidos por essas bibliotecas”*, percebeu-se que dentre as iniciativas mais pontuadas predominaram as capacitações e treinamentos que objetivavam o uso da biblioteca e seus recursos para a recuperação de informação relevante nestes espaços. Deste modo, as ações mais citadas, predominantemente aproximaram-se da Educação de Usuários. Não obstante, verificou-se também a existência de processos ancorados em treinamentos, oficinas, cursos e tutoriais voltados à aquisição de conhecimentos, atitudes e valores relacionados à busca, recuperação, organização, seleção, formatação e representação de informações, principalmente mediadas pelos suportes tecnológicos como as bases de dados. Portanto, as iniciativas de promoção da ColInfo implementadas nas bibliotecas multiníveis indicam que há uma abordagem fundamentada na transmissão de conhecimento com a prevalência de elementos da dimensão técnica da ColInfo, de modo que o enfoque situou-se na destreza para operacionalizar e dominar as estratégias de busca, organização e

representação das informações recuperadas nos variados sistemas informativos, em especial os tecnológicos.

Em relação ao objetivo *“Compreender como as bibliotecas multiníveis promovem serviços, produtos, ações e/ou programas voltados ao desenvolvimento da Competência em Informação”*, verificou-se que de modo geral o delineamento pedagógico adotado na oferta de produtos e serviços de ColInfo tem se configurado a partir de ações pontuais com poucas práticas pautadas na contextualização, na aprendizagem recursiva e no pensamento crítico. A formatação em programas e/ou projetos, assim como a integração ao currículo tem baixa adesão e o número de ações que contam com apoio pedagógico, administrativo e institucional é ínfimo. A construção e execução de iniciativas de desenvolvimento da ColInfo nas bibliotecas multiníveis predominantemente ainda não adotam a definição do escopo, dos objetivos, das metas, dos métodos e das diretrizes de aprendizagem. Os estudos de usuários e a avaliação das atividades das aprendizagens são empregados por um número diminuto de bibliotecários e gestores como instrumentos para concepção de propostas infoeducacionais e acompanhamento das ações, dos resultados e da necessidade de intervenções no próprio modo de atuação das bibliotecas.

Após a consecução do último objetivo específico que dizia respeito a: *Sistematizar as principais barreiras, dificuldades e desafios que os bibliotecários gestores dos sistemas, redes, coordenadorias e diretorias de bibliotecas dos Institutos Federais enfrentam para a concepção e execução de serviços, produtos, ações e/ou programas voltados ao desenvolvimento da Competência em Informação em âmbito institucional*, determinou-se que os desafios, dificuldades e limitações que mais impactam a promoção da ColInfo nos Institutos Federais são: a insuficiência de recursos humanos, financeiros e tecnológicos, a pouca colaboração da gestão, das equipes técnico-pedagógica e multiprofissional, o pouco conhecimento pedagógico, teórico e prático necessários aos profissionais bibliotecários e gestores que estejam comprometidos com a função educativa das bibliotecas e em especial com a promoção da ColInfo.

Do ponto de vista geral essa investigação apontou que é indispensável a oferta de formação contínua a respeito do tema, com a finalidade de que no âmbito das bibliotecas dos Institutos Federais se alcance patamares satisfatórios de compreensão conceitual e prático em torno da ColInfo, tanto por parte dos profissionais que estão na linha de frente das bibliotecas multiníveis, como dos que

estão na gestão das coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas de Institutos Federais. Nesse encadeamento a formação continuada, em um primeiro momento deve focar preferencialmente nos temas relacionados ao papel educativo do bibliotecário e da biblioteca na Sociedade da Informação, na Sociedade do Conhecimento e na Sociedade da Aprendizagem. Por conseguinte, prepará-los no campo teórico e prático da Competência em Informação, da Educação de Usuários e das práticas Infoeducacionais em bibliotecas, a fim de que possa-se avançar em direção a sua internalização na comunidade escolar e acadêmica dessas instituições como uma das competências essenciais ao pleno exercício da cidadania no século XXI.

Tomados de modo conjunto, pode-se verificar que os bibliotecários que atuam nos campi estão mais conectados às discussões teóricas e práticas da ColInfo que os gestores das coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas dos Institutos Federais, mesmo, estes afirmando em sua maioria que leem, ouvem ou assistem algum tipo de conteúdo relacionado a ColInfo. Não obstante, do ponto de vista estratégico, pode-se afirmar que os gestores possuem um discurso mais alinhado às proposições da ACRL e da IFLA para o desenvolvimento de habilidades informacionais do que os bibliotecários dos campi, mesmo tendo apresentado menores evidências de compreensão conceitual e prática.

Inferiu-se que a ausência da ColInfo nas proposições das coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas, refletem de modo sistemático, na desarticulação entre o que pensa os gestores desses órgãos/setores e os bibliotecários das bibliotecas dos campi. Tal cenário pode ser explicado pelo baixo índice de inclusão do tema nas discussões e no planejamento dos sistemas, coordenadorias, diretorias e redes de bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

Quanto aos estágios de desenvolvimento que se encontram o conhecimento teórico-prático sob ColInfo no âmbito dos Institutos Federais, a pesquisa apontou que não é possível generalizar os resultados, uma vez que, a maturação, a penetração e a cristalização da adoção da ColInfo, enquanto campo de atuação das bibliotecas multiníveis encontram-se em cenários heterogêneos tanto em sua compreensão conceitual como prática.

Embora, o tema receba impactos de ordens sociais, econômicas, políticas e, inclusive, geográficas, uma vez que o campo de atuação destas instituições cobre

todos os estados brasileiros e as cinco regiões do país, diante do panorama verificado nesta investigação, acredita-se que a ColInfo vem ganhando espaço nos Institutos Federais, mesmo diante da falta de um alinhamento macro institucional, no âmbito da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

Por fim, esta pesquisa não esgota as interpretações da realidade aqui delineada, mas abre caminhos para que outras investigações, preferencialmente de abordagem qualitativa possam aprofundar a temática e jogar luz sobre os diversos fenômenos que no escopo desta pesquisa não puderam ser tratados, tais como as múltiplas questões que intervêm no processo identitário dessas bibliotecas.

Recomenda-se ainda que novas pesquisas sejam realizadas no sentido de verificar documentalmente os programas e projetos que foram e estão em desenvolvimento nos Institutos Federais, com vistas a identificar parâmetros comuns à estruturação de propostas infoeducacionais em bibliotecas multiníveis, considerando inclusive as possibilidades de superação das limitações, dificuldades e desafios comuns a elas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. L. S. de. **A Biblioteca como Organização Aprendiz: o desenvolvimento de competências em informação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba**. 2015. 123 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Organizações Aprendentes) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7671>. Acesso em: 15 nov. 2021.

ALMEIDA, M. G. G. **La integración de la alfabetización informacional (alfin) en la formación del estudiante universitario: análisis de iniciativas en Brasil y España**. 2014. 441 f. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) – Departamento de Biblioteconomía y Documentación. Universidad Carlos III de Madrid. Getafe, 2014. Disponível em: <http://e-archivo.uc3m.es/handle/10016/18885>. Acesso em: 30. set. 2021

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Report of the Presidential Committee on information literacy: Final Report**. [S. l.], 1989. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/nili/il1st.html> . Acesso em: mar. 2021.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Manifestações (e ausências) de pensamento crítico na ciência da informação. **Biblos**: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, v. 27, n. 2, p. 9-29, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/biblos/article/view/3364> . Acesso em: 14 nov. 2021.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1999.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Information literacy competence standards for higher education**, 2000. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/standards/informationliteracycompetency>. Acesso em: 30 nov. 2021.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Standards for Libraries in Higher Education**. Chicago, 2011. Disponível em: <https://www.ala.org/acrl/sites/ala.org.acrl/files/content/standards/slhe.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2021.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Framework for information literacy for higher education**. Chicago: ALA, 2016. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/standards/ilframework>. Acesso em: 11 mar. 2021.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Characteristics of Programs of Information Literacy that Illustrate Best Practices: A Guideline**. Chicago: ALA, 2019. Disponível em: <https://www.ala.org/acrl/standards/characteristics>. Acesso em: 11 mar. 2021.

BABBIE, E. **Métodos de pesquisa de survey**. 1 ed. Belo Horizonte: Edições UFMG, 1999.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 5. ed. rev. atual. Lisboa: Edições 70, 2021.

BARROS, M. H. T. C. **Presença de elementos pedagógicos nos serviços biblioteconômicos**. 1987. 243 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1987.

BEHRENS, S. J. Librarians and information Literacy. **Mousaion**, Pretoria, v. 10, n. 1, 1992.

BELL, D. **O Advento da Sociedade Pós-Industrial**. São Paulo. Cultrix, 1974.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **Educação de usuários de bibliotecas universitárias**: da conceituação e sistematização ao estabelecimento de diretrizes. 1989. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

BELLUZZO, R.C.B. A information literacy como competência necessária à fluência científica e tecnológica na sociedade da informação: uma questão de educação. In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO-SIMPEP, 7, 2001. **Anais...**, Bauru-SP: UNESP, 2001. Disponível em: <https://simpep.feb.unesp.br/anais.php>. Acesso em: 12 mai. 2021.

BELLUZZO, R. C. B. **O uso de mapas conceituais para o desenvolvimento da competência em informação**. In: PASSOS, R.; SANTOS, G. C. (orgs.). **Competência em informação na sociedade da aprendizagem**. Bauru: Kayrós, 2005. p. 29-49.

BELLUZZO, R. C. B. O conhecimento, as redes e a competência em informação (coinfo) na sociedade contemporânea: uma proposta de articulação conceitual. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 4, p. 48-63, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/52019>. Acesso em: 27 jul. 2021.

BELLUZZO, R. C. B. O estado da arte da competência em informação (CoInfo) no Brasil: das reflexões iniciais à apresentação e descrição de indicadores de análise. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [S. l.], v. 13, p. 47–76, 2017. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/648>. Acesso em: 26 jan. 2023.. Acesso em: 26 jan. 2021.

BELLUZZO, R. C. B. **A competência em informação no Brasil**: cenários e espectros. São Paulo: Abecin, 2018. 217 p. Disponível em: [http://abecin.org.br/ebooks/competencia\\_informacao/E-Book\\_Belluzzo.pdf](http://abecin.org.br/ebooks/competencia_informacao/E-Book_Belluzzo.pdf). Acesso em: 20 jul. 2021.

BERELSON, B. **Content analysis in communication research**. New York: Hafner, 1971.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 33. ed. Petrópolis, 2015.

BRASIL. **Decreto nº 7.556 de 23 de setembro de 1909**. Cria nas capitais dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Rio de Janeiro, DF, 23 set. 1909. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900-1909/decreto-7556-16-setembro-1909-526984-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 19.402 de 14 de novembro de 1930**. Cria uma Secretaria de Estado com a denominação de Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Rio de Janeiro, DF, 14 nov. 1930. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19402-14-novembro-1930-515729-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 10 jul. 2021.

BRASIL. **Decreto nº 378 de 13 de janeiro de 1937**. Dá nova organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. Rio de Janeiro, DF, 13 jan. 1937. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1930-1939/lei-378-13-janeiro-1937-398059-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 10 jul. 2021.

BRASIL. **Decreto-Lei Nº 4.127, de 25 de fevereiro de 1942**. Estabelece as bases de organização da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial. Rio de Janeiro, DF, 25 fev. 1942. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-4127-25-fevereiro-1942-414123-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 10 jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº 3552, 16 de fevereiro de 1959**. Dispõe sobre nova organização escolar e administrativa dos estabelecimentos de ensino industrial do Ministério da Educação e Cultura, e dá outras providências. Rio de Janeiro, DF, 16 fev. 1959. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l3552.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3552.htm). Acesso em 10 jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF, 29 dez. 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm). Acesso em: 15 dez. 2021.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ministério da Educação. **Portal de Periódicos**. 2021. Disponível em: <http://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações**. 2021. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BRASIL. Setec. Ministério da Educação. **Plataforma Nilo Peçanha**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pnp>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Ministério da Educação. **Portal de Periódicos**. 2021. Disponível em: <http://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações**. 2021. Disponível em: <http://btdt.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BREIVIK, P. S. Putting libraries back in the information society. **American Libraries**, v. 16, n. 1, 1985.

BRISOLA, A. C.; ROMEIRO, N. L. A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 68-87, 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1054>. Acesso em: 02 jul. 2022.

BRUCE, C. S. **Seven faces of information literacy**. Adelaide : Aslib, 1997. Disponível em: <https://catalogue.nla.gov.au/Record/1604833>. Acesso em: 02 jul. 2022.

BRUCE, C. S. Las siete caras de la alfabetización en información en la enseñanza superior. **Anales de Documentación**, Murcia, Espanha, n. 6, p. 289-294, 2003. Disponível em: <https://revistas.um.es/analesdoc/article/view/3761>. Acesso em: 02 jul. 2022.

BRUCE, C. S. **Informed learning**. Chicago: ALA/ACRL, 2008. Disponível em: <https://www.aab.es/publicaciones/bolet%C3%ADn-aab/bolet%C3%ADn-105>. Acesso em: 05 jul. 2022.

BRUCE, C. S. Information literacy research and practice: An experiential perspective. In: KURBANOGU, S.; GRASSIAN, E.; MIZRACHI, D.; CATTS, R.; AKÇA, S.; SPIRANEC, S. (Eds.) **Worldwide commonalities and challenges in information literacy research and practice**. Istanbul: Springer Turkey, p. 11-30, 2013. Disponível em: [https://doi.org/10.1007/978-3-319-03919-0\\_2](https://doi.org/10.1007/978-3-319-03919-0_2). Acesso em: 10 jul. 2022.

BUFREM, L. S.; COSTA, F. D. O.; GABRIEL JUNIOR, R. F.; PINTO, J. S. P. Modelizando práticas para a socialização de informações: a construção de saberes no ensino superior. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/DHV9RQMtPKMrRRrdDMzMVvh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25 jun. 2021.

CAMPELLO, B. D. S. A competência informacional na educação para o século XXI. In: **BIBLIOTECA escolar: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte : Autêntica, 2002. p. 9-11.

CAMPELLO, B. D. S. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 3, 2003. DOI: 10.18225/ci.inf.v32i3.986. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/17773>. Acesso em: 29 set. 2021.

CAMPELLO, B. S. C. **Letramento Informacional**. In: CAMPELLO, B. S. C. (Org.) *Letramento Informacional: Função educativa do bibliotecário na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 11-20.

CAMPELLO, B. et al. Parâmetros para bibliotecas escolares brasileiras: fundamentos de sua elaboração I. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 21, n. 2, p.105-120, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/10451/5965>. Acesso em: 29 set. 2021.

CAMPOS, C. J. G. Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, n. 5, p. 611-614, 2004. Disponível: <https://www.scielo.br/j/reben/a/wBbjs9fZBDrM3c3x4bDd3rc/?lang=pt>. Acesso em: 05 jun. 2021

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003. CD-ROM.

CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidades informacionais: papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 47-55, jan./dez. 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/99818>. Acesso em: 30 jul. 2021.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. In: *A Sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. v. 1.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. In: CARDOSO, Gustavo; COSTA, António Firmino da; CONCEIÇÃO, Cristina Palma; GOMES, Maria do Carmo. *A Sociedade em Rede em Portugal*. Porto: Campo das Letras, 2005. p. 19-30. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/275953002\\_A\\_Sociedade\\_em\\_Rede\\_em\\_Portugal\\_Uma\\_Decada\\_de\\_Transicao](https://www.researchgate.net/publication/275953002_A_Sociedade_em_Rede_em_Portugal_Uma_Decada_de_Transicao). Acesso em: 30 nov. 2020.

CASTELLS, M.; HIMANEN, P. **The Finnish model of the information society**. Helsinki: Sitra, 2001.

CATTS, R. **UNESCO information literacy indicators: validation report**. 2010. Disponível em: [http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/information\\_literacy\\_indicators\\_validation\\_report\\_ralph\\_catts\\_en.pdf](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/information_literacy_indicators_validation_report_ralph_catts_en.pdf). Acesso em: 12 abr. 2022.

CAVALCANTE, L. F. B.; BONALUMI, M. C. Educação de usuários e o

desenvolvimento da competência informacional em escolas públicas. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 3, n. 1-2, p. 93-114, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/78788>. Acesso em: 07 fev. 2022.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CONEGLIAN, A. L. O.; SANTOS, C. A. dos; CASARIN, Helen de Castro Silva. **Competência em informação e sua avaliação**. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). Gestão, mediação e uso da informação. Marília: Cultura Acadêmica, 2010. p. 256. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/j4gkh>. pdf. Acesso em: 05 jan. 2021.

CONSELHO NACIONAL DAS INSTITUIÇÕES DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA (CONIF). **Rede Federal: histórico**. Brasília, DF. 2021. Disponível em: <https://portal.conif.org.br/br/rede-federal/historico-do-conif>. htm. Acesso em: 15 mai. 2021.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, M. B. da; AMARAL, S. A. do; DANTAS, E. B. **Manual de estudos de usuários da informação**. São Paulo: Atlas, 2015.

DE LUCCA, D. M.; PINTO, M. D. S.; VITORINO, E. V. Educação de usuários e competência em Informação: interlocuções teóricas e práticas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 170-193, 2019. Disponível em: Acesso em: 05 jul. 2022.

DOHERTY, J.J. Giving voice to the silenced: an essay in support of information literacy. **Library Philosophy and Practice**, p. 1-8, Jun. 2007. Disponível em: [https://www.google.com/search?sxsrf=ALeKk00Mj37qGSFwCxawF3mTwcLFd3aWJA:1627436021977&q=%3Chttp://vnweb.hwwilsonweb.com/hww/+results/get+Results.jhtml?\\_DARGS%3D/hww/results/results\\_common.jhtml.21%3E&spell=1&sa=X&ved=2ahUKEwj-x-\\_Pz4TyAhWyr5UCHQJMCBUQBSgAegQIARA1](https://www.google.com/search?sxsrf=ALeKk00Mj37qGSFwCxawF3mTwcLFd3aWJA:1627436021977&q=%3Chttp://vnweb.hwwilsonweb.com/hww/+results/get+Results.jhtml?_DARGS%3D/hww/results/results_common.jhtml.21%3E&spell=1&sa=X&ved=2ahUKEwj-x-_Pz4TyAhWyr5UCHQJMCBUQBSgAegQIARA1). Acesso em: 3 jun. 2021.

DOYLE, C. S. **Information Literacy in an information Society: a concept for the information age**. New York: Siracuse University, 1994.

DUDZIAK, E. A. **A Information Literacy e o papel educacional das bibliotecas** 2001. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) -Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Orientadora: Sueli Mara S. P. Ferreira. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/publico/Dudziak2.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

DUDZIAK, E. A. **Information literacy: princípios, filosofia e prática**. Ciência da Informação, v. 32, n. 1, 2003. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1016>. Acesso em: 08 dez. 2020.

DUDZIAK, E. A. **Os faróis da sociedade de informação**: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 18, n. 2, p. 41-53, maio/ago. 2008. Disponível em: [/periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/1704](http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/1704). Acesso em: 08 dez. 2020.

DUDZIAK, E. A. Bibliotecário como agente multiplicador da competência informacional e midiática. In: BELLUZZO, R. C. B.; FERES, G. G. (Org). **Competência em informação**: de reflexões às lições aprendidas. São Paulo: FEBAB, 2013.

DUDZIAK; E. A.; GABRIEL, M. A.; VILELLA, M. C. O. A educação de usuários em bibliotecas universitárias frente à sociedade do conhecimento e sua inserção nos novos paradigmas educacionais. In.: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, XI, Florianópolis, 2000. **Anais...** Florianópolis, FEBAB, 2000. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/3799/> . Acesso em: 14 nov. 2021.

DUPIN, A. A. S. Q. **Competência em informação para pesquisa científica de estudantes de cursos tecnológicos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP**. 2018. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) – Universidade Federal de São Carlos - UFScar, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9540>. Acesso em: 10 ago. 2022.

EISENBERG, M. B. BERKOWITZ, R. E. (1988) Library and information skills curriculum scope and sequence: the big six skills. **School Library Media Activities Monthly**, v. 5, n.1, p. 26-28, p. 50-51. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ380405>. Acesso em: 05 apr. 2021.

ELMBORG, J. Critical information literacy: implications for instructional practice. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 32, n. 2, p. 192-199, Mar. 2006. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ737617>. Acesso em: 6 apr. 2021.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Atlas, 1993.

FARIAS, G. B.; MATA, M. L.; ALVES, A. P. M.; SANTOS, C. A. D. 20 anos de pesquisa sobre information literacy no brasil: análise temática das teses e dissertações do catálogo da capes. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 14, p. 289-301, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/35349>. Acesso em: 30 jul. 2021.

FAZZIONI, D. P. M.; VIANNA, W. B.; VITORINO, E. V. O atual estágio conceitual da competência em informação em publicações de língua portuguesa. **Ciência da Informação**, v. 47, n. 3, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/108215>. Acesso em: 30 jul. 2021.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES, **Grupo de trabalho de Competência em Informação**. São Paulo: FEBAB, 2020. Disponível em: <https://www.acoesfebab.com/competenciainfo>. Acesso em: 05 mai. 2021.

FIGUEIREDO, F. C.; ALMEIDA, F. G. Ontologias em ciência da informação: um estudo bibliométrico no brasil. **Ciência da Informação**, v. 46, n. 1, 2017. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4011> . Acesso em: 10 jun. 2021

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. São Paulo: Artmed, 2009.

FRAGOSO, G. M. Biblioteca na escola: uma relação a ser construída. **Revista ACB**, vol. 10, no. 2, 2005, pp. 169-173, Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/430>. Acesso em: 10 set. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

FURTADO, R. L. ALCARÁ, A. R. Desenvolvimento e formação de Competência em Informação: um mapeamento de modelos, padrões e documentos . **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XVI ENANCIB, 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/view/2918>. Acesso em: 09 jun. 2021.

GASQUE, K. C. G. D. **Letramento Informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem**. Brasília: FCI/UNB, 2012. 175 p. Disponível em: [http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13025/1/LIVRO\\_Letramento\\_Informacional.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13025/1/LIVRO_Letramento_Informacional.pdf). Acesso em: 05 jun. 2021.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GOMES, M. A. **Da educação de usuários à construção de competência em informação no contexto das bibliotecas das universidades federais: um estudo a partir da universidade federal de alagoas e universidade federal de minas gerais**. 2016. 324 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciência da Informação, Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: [https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AE7G9N/1/tese\\_ppgci\\_eci\\_ufmg.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AE7G9N/1/tese_ppgci_eci_ufmg.pdf). Acesso em: 10 set. 2022.

GONÇALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Metodologia de Pesquisa no campo da Ciência em Informação. **Datagramazero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, dez. 2000. Disponível em: <https://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/127/1/GomesDataGramaZero2000.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2020.

HATSCHBACH, M. H. L. **Information literacy**: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) -. IBICT, UFRJ, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/722/1/mariahelenas2002.pdf>. Acesso em: 20 apr. 2021.

HATSCHBACH, M. H. L.; OLINTO, G. Competência em informação: caminhos percorridos e novas trilhas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 4, n. 1, p. 20-34, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/5274>. Acesso em: 28 jun. 2021.

HENRY, P.; MOSCOVICI, S.. Problèmes de l'analyse de contenu. **Langages**, v. 2, n.11, p. 36-60, 1968. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_1968\\_num\\_3\\_11\\_2900](https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1968_num_3_11_2900). Acesso em: 25 ago. 2021.

HESSEN, J. **Teoria do Conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HORTON, Jr. F. W. **Overview of Information Literacy Resources Worldwide**. 2. ed. Paris: Unesco, 2015. Disponível em: [https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/information-literacy/publications/unesco\\_composite\\_document\\_-\\_final\\_-\\_2.pdf](https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/information-literacy/publications/unesco_composite_document_-_final_-_2.pdf). Acesso em: 10 nov. 2022.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. Associação Internacional de Bibliotecários Escolares. **Declaração política IASL sobre as bibliotecas escolares**. 1993, p. 1-4. Disponível em: [https://www.academia.edu/4323106/DECLARA%C3%87%C3%83O\\_POLITICA\\_DA\\_IASL\\_SOBRE\\_BIBLIOTECAS\\_ESCOLARES](https://www.academia.edu/4323106/DECLARA%C3%87%C3%83O_POLITICA_DA_IASL_SOBRE_BIBLIOTECAS_ESCOLARES). Acesso em: 20 jun. 2021.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Declaração de Alexandria sobre competência Informacional e aprendizado ao longo da vida**. IFLA, 2005. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/wsis/Documents/beaconinfsoc-pt.pdf> . Acesso em: 10 mai. 2021.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Directrizes da IFLA para bibliotecas escolares**. 2. ed. rev. Tradução: Rede de Bibliotecas Escolares (Portugal). Ifla, [S.l.], 2015. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 05 maio 2022.

JACOBS, H. L. M. Information literacy and reflective pedagogical praxis. **The Journal of Academic Librarianship**, v. 34, n. 3, p. 256-262, Abr. 2008. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ794708>. Acesso em: 15 apr. 2022.

JACOBSEN, P. S. **Pesquisa científica na pós-graduação: uma proposta tecnológica para a competência informacional**. 2018. 131 f. Dissertação (Mestrado em Informática na Educação) - Programa de Mestrado Profissional em Informática na Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – campus Porto Alegre, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://dspace.ifrs.edu.br/xmlui/handle/123456789/118>. Acesso em: 15 apr. 2022

JARVINEN, P. **On Research Methods**. Tampereen: Yliopistopaino Oy. 2004. 203 p.

JOHNSTON, B.; WEBBER, S. As we may think: information literacy as a discipline for the information age. **Research Strategies**, v. 20, n. 3, p. 108-121, 2006. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=EJ744963>. Acesso em: 22 mai. 2022.

KUHLTHAU, C. C. **Information Skills for an Information society**: a review of research. New York, Siracuse: Clearinghouse On Information Resources, 1987. 34 p. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED297740>. Acesso em: 02 dez. 2021.

KUHLTHAU, C. C. Inside the search process: information seeking from the user's perspective. **Journal of the American Society for information Science**, v; 42, n. 5, 1991, p. 361-371. Disponível em: [https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199106\)42:5%3C361::AID-ASI6%3E3.0.CO;2-%23](https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/(SICI)1097-4571(199106)42:5%3C361::AID-ASI6%3E3.0.CO;2-%23). Acesso em: 02 mai. 2022.

KUHLTHAU, C. C. **Seeking Meaning**. Norwood: Abex, 1993.

KUHLTHAU, C. C. The process of learning from information. In: **The Virtual School Library**: Gateway to the information superhighway, Englewood: Libraries, 1996. p. 95-104. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED394529>. Acesso em: 02 mai. 2022.

KUHLTHAU, C. C. **Seeking Meaning: A Process Approach to Library and Information Services**. 2. ed. Santa Bárbara, EUA: Libraries Unlimited, 2004. Disponível em: <http://wp.comminfo.rutgers.edu/ckuhlthau/guided-inquiry-design/>. Acesso em: 5 jul. 2022.

LAU, J. **Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente**. Veracruz: IFLA, 2007. Tradução de Regina Célia Baptista Belluzzo. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/information-literacy/publications/ifla-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 24 maio 2021.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999

LEVY, P. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LLOYD, A. Information literacy landscapes: an emerging picture. **Journal of Documentation**, v. 62, n. 5, 2006. Disponível em: <http://www.emeraldinsight.com/Insight/viewContentItem.do;jsessionid=0EFCE9F66518FD6EE8826F5252FE2D77?contentType=Article&contentId=1571837>. Acesso em: 20 fev. 2021.

MAIA, C. M.; SANTOS, C. A. dos. Programa de Formação de Competência em Informação para bibliotecários do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal de São Carlos, Brasil. **Palavra chave**, Ensenada , v. 12, n. 1, e166, oct. 2022 . Disponível em:

[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1853-99122022000200166&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-99122022000200166&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 26 jan. 2022.

MANHIQUE, I. L. E. **Concepções de competência informacional dos graduandos de Biblioteconomia e Documentação** : Uma abordagem fenomenográfica. 2020.

208 f. Tese. (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2020.

Orientadora: Helen de Castro Silva Casarin. Disponível em:

[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/202622/manhique\\_ile\\_dr\\_mar.pdf?sequence=5&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/202622/manhique_ile_dr_mar.pdf?sequence=5&isAllowed=y) . Acesso em: 20 apr. 2021.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATA, M. L. **Inserção da Competência Informacional nos currículos dos cursos de biblioteconomia no Brasil e de informação e documentação na Espanha**.

Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Faculdade de Filosofia e de Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, 2014. Disponível em:

[https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/mata\\_ml\\_do\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/mata_ml_do_mar.pdf) . Acesso em: 14 nov. 2022

MATA, M. L. Contribuições dos estudos acerca da competência em informação para a ciência da informação: uma análise a partir da produção científica do enancib entre 2015 a 2019. **Informação & Informação**, v. 26, n. 1, p. 232-263, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/158642>. Acesso em: 27 jul. 2021.

MATA, M. L. Estudos de comportamento informacional e de práticas informacionais para o desenvolvimento da competência em informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 27, n. 2, p. 37-57, abr/jun 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/pci/a/Rw6SwH7zdr5ngCzWB34JcMc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 ago. 2022.

MATA, M. L.; ALCARÁ, A. R. Análise das práticas educacionais dos bibliotecários em bibliotecas universitárias com enfoque na educação de usuários e na competência em informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2016, Salvador. **Anais** [...]. Salvador, BA: UFBA, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/191003>. Acesso em: 26 jan. 2022.

MATA, M. L.; CASSARO, F.; CASARIN, H. C. S. A aplicação de programas de competência informacional em bibliotecas escolares: um relato a partir do olhar dos bibliotecários. **Informação@Profissões**, v. 3, n. 1-2, p. 173-196, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/80999>. Acesso em: 27 jul. 2021.

MATA, M. L.; GERLIN, M. N. M. Programa para a formação em competência em informação visando uma educação que auxilie no combate à desinformação: enfoque nos critérios de avaliação da informação e de fake news. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, n. XX ENANCIB, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123315>. Acesso em: 09 jun. 2021.

MAY, T. **Pesquisa Social: questões, métodos e processos**. Trad. Carlos A. S. Netto Soares. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MATTELART, A. **História da sociedade da informação**. São Paulo, Edições Loyola, 2002.

MINAYO, M. C. de S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MINAYO, M. C. de S. (org.) **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2010.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2018. 104 p.

MOUTINHO, S. O. M. **Práticas de leitura na cultura digital de alunos do ensino médio técnico integrado do IFPI-Campus Teresina Zona Sul**. 2014. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Vale dos Rios do Sino, São Leopoldo, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3075>. Acesso em: 05 apr. 2021.

OTTONICAR, S. L. C.; SILVA, R. C.; BELLUZZO, R. C. B. A competência em informação (coinfo) como um fator fundamental para a educação no Brasil. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, v. 11 No 1, n. 1, p. 23-41, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/8427>. Acesso em: 27 jul. 2021.

PACHECO, E. M.; PEREIRA, L. A. C.; SOBRINHO, M. D. Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: limites e possibilidades. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 16, n. 30, p. 71–88, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3568>. Acesso em: 30 jul. 2021.

PEREIRA, G., et al. O lugar da biblioteca e do bibliotecário na base nacional comum curricular. **Brazilian Journal of Information Science: Research trends**, vol.15, publicação contínua, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1981-1640.2021.v15.e02110>. Acesso em: 20 set 2022.

PERRENOUD, et al. **Competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PERROTTI, E. Infoeducação: um passo além científico-profissional. **Informação@Profissões**, v. 5, n. 2, p. 5-31, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/62985> DOI: 10.5433/2317-4390.2016v5n2p05 Acesso em: 12 ago. 2022.

PORTUGAL. MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA. (Ed.). **Livro verde para a Sociedade da Informação em Portugal**. Lisboa: Ministério da Ciência e da Tecnologia, 1997. (Missão para a Sociedade da Informação). Disponível em: <http://purl.pt/239>. Acesso em: 15 jun. 2019. 119 p. Disponível em: <http://purl.pt/239>. Acesso em: 05 dez. 2021.

SALES, F. O bibliotecário escolar na rede municipal de ensino de Florianópolis (SC). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Associação Bibliotecária do Paraná, 2005. 1 CD-ROM.

SANTIAGO, S. M. N.; AZEVEDO NETTO, C. X. Educação de usuários: um estudo junto ao sistema integrado de bibliotecas da UFPE. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 246-268, set. 2012. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/835>. Acesso em: 12 set. 2022

SANTOS, C. A. dos. **Competência em Informação na formação básica dos estudantes da Educação Profissional e Tecnológica**. 2017. 286 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília, 2017. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/santos\\_ca\\_do.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/santos_ca_do.pdf). Acesso em: 10 mai. 2022.

SANTOS, C. A. dos, et. al. Grupo de Trabalho de Competência em Informação (ColInfo) da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB): ações empreendidas e caminhos a trilhar. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 17, n. esp. V Seminário de Competência em Informação, p. 01-19, 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/164091>. Acesso em: 10 mai. 2022

SIQUEIRA, I.; SIQUEIRA, J. C. Information Literacy: uma abordagem terminológica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13. Rio de Janeiro, 28 a 31 out. 2012. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: ANCIB, 2012. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xiiienancib/schedConf/presentations>. Acesso em: 7 jul 2022.

SILVA, A. S. R. **Pesquisa e competência em informação no âmbito da biblioteca escolar: um estudo nas bibliotecas do Instituto Federal da Bahia**. 2014. 137 f. Tese (Doutorado) - Curso de Mestrado em Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/18064/1/Andreia%20Santos%20Ribeiro%20Silva.pdf>. Acesso em: 05 set. 2022.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Autêntica, 2010.

TAKAHASHI, T. (org.). **Sociedade da Informação no Brasil**: Livro Verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. 195 p. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cidadania/wp-content/uploads/2014/04/Livro-verde.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

TANUS, G. F. Enlace entre os estudos de usuários e os paradigmas da ciência da informação: de usuário a sujeitos pós-modernos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 10, n. 2, p. 144-173, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/206>. Acesso em: 01 jul. 2021.

TAUILE, J. R. ; FARIA, L. A. E. . As Transformações do Capitalismo Contemporâneo e sua Natureza na Análise de Marx. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 19, p. 158-181, 1999. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/24342>. Acesso em: 05 dez. 2021.

UNESCO. **Global media and information literacy assessment framework: country readiness and competencies**. Paris: UNESCO, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000224655>. Acesso em: 05 dez. 2021.

URIBE TIRADO, A. Interrelaciones entre veinte definiciones-descripciones del concepto de alfabetización en información: propuesta de macro-definición. **ACIMED**, v. 20, n. 4, p. 1-22, 2009. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/handle/10760/14145%23.TrBGI5tcmW4>. Acesso em: 29 mai. 2021.

VARGAS, F.; CASANOVA, F.; MONTANARO, L. **El enfoque de competencia laboral**: manual de formación. Montevideo: Cinterfor, 2001. Disponível em: <https://www.oitcinterfor.org/en/node/6119>. Acesso em: 06 jun. 2021.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. **Competência informacional**: bases históricas e conceituais: construindo significados. *Ciência da Informação*, v. 38, n. 3, 2009. Disponível: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1236>. Acesso em: 29 jan. 2022.

VITORINO, E. V.; PIANTOLA, D. Dimensões da Competência Informacional. **Ciência da Informação**, [S. l.], v. 40, n. 1, 2011. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1328>. Acesso em: 26 jan. 2022.

VOLPATO, G. L. **Ciência**: da filosofia à publicação. 4. ed. Botucatu: Tipomic, 2004.

WEINER, S. A., "Information Literacy and the Workforce: A Review". **Libraries Faculty and Staff Scholarship and Research**. Paper 86, 2011. Disponível em: [https://docs.lib.purdue.edu/lib\\_fsdocs/86](https://docs.lib.purdue.edu/lib_fsdocs/86). Acesso em: 26 jan. 2022.

WERTHEIN, J. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, v. 29, n. 2, p. 71–77, ago. 2000. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/889>. Acesso em: 15 out. 2021.

ZABALA, A.; ARNAU, L. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ZURKOWSKI, P. **The Information Service Environment Relationships and Priorities**: report 5. Washington, D.C., National Commission on Libraries and Information Science, Nov 1974. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED100391>. Acesso em: 26 apr. 2022

## APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido

Declaro, por meio deste termo, que concordei em participar da pesquisa de campo referente a investigação intitulada **A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO EM INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIA E TECNOLOGIA**: sentidos, práticas e desafios a partir das bibliotecas multiníveis, desenvolvido por Ronald Tavares Leão Moret. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada pela Dr<sup>a</sup> Marta Leandro da Mata, a quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail [marta.mata@ufes.br](mailto:marta.mata@ufes.br). Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é Conhecer as ações das bibliotecas do Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia quanto à oferta de recursos / produtos / serviços orientados ao desenvolvimento da Competência em Informação. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de questionário semi-estruturado a ser respondido eletronicamente via utilização da plataforma *google forms* a partir desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo pesquisador e sua orientadora. Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

## APÊNDICE B - Questionário encaminhado aos bibliotecários de bibliotecas multiníveis

### Texto Introdutório:

Este questionário faz parte de uma pesquisa de mestrado intitulada “A Competência em Informação nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: sentidos, práticas e desafios” que está sendo realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Espírito Santo e desejamos a sua participação. O objetivo dela é investigar as ações das bibliotecas do Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia quanto à oferta de recursos/produtos/serviços orientados ao desenvolvimento da Competência em Informação. Sua colaboração é fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, assim como poderá gerar subsídios para a atuação dos (as) profissionais bibliotecários (as) que atuam na rede federal de educação profissional e tecnológica.

Participar desta pesquisa é opcional, ficando assegurado o seu direito de não participação. Caso você aceite contribuir respondendo a este questionário, esclarecemos que:

- a) Nossa intenção não é avaliá-lo. Estamos interessados nas ações desenvolvidas pela biblioteca que você atua em prol da Competência em Informação e na conduta perante elas.
- b) É necessário o preenchimento do questionário até o final, você levará apenas uma média de 4 minutos;
- c) Você não precisará se identificar. Garantindo o seu anonimato.

E-mail: \_\_\_\_\_

Você aceita participar desta pesquisa?

Sim<sup>13</sup>

Não<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup>Ao selecionar essa opção o (a) participante indicava ciência e concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e era direcionado (a) para a seção seguinte que dava início as perguntas

<sup>14</sup>Ao selecionar essa opção o (a) participante indicava não concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e indicava não ter interesse em participar encerrando o formulário sem respondê-lo.

1. Indique a qual instituição está vinculado o Sistema / Rede / Diretoria / Coordenadoria de Bibliotecas que você atua como gestor.

- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rondônia
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Roraima
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Goiano
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Goiás
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Brasília
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso do Sul
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Baiano
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pernambucano
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Alagoas
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraíba
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
- Outra. Qual? \_\_\_\_\_

2. Indique o campus / unidade da biblioteca que você atua<sup>15</sup>

3. Indique a tipologia de usuários que sua biblioteca

- Estudantes de graduação
- Estudantes de pós-graduação
- Estudantes de nível técnico
- Estudantes de qualificação profissional
- Especialistas (professores, pesquisadores, categorias profissionais específicas e etc.)
- Comunidade externa em geral (sociedade civil do entorno da unidade de informação)
- Outros. Quais? \_\_\_\_\_

4. Como você classifica a biblioteca onde atua, segundo a finalidade e o público que atende?

- Escolar
- Universitária
- Acadêmica
- Híbrida
- Mista
- Multinível
- Especializada
- Pública
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

---

<sup>15</sup> Questão de múltipla escolha composta por opções personalizadas à resposta dada à questão n°1, de sorte que só eram apresentadas os campi/unidades pertencentes à instituição escolhida pelo (a) participante na pergunta anterior .

5. Em uma escala, onde 1 significa NUNCA e 5 SEMPRE, indique com que frequência você leu, assistiu ou ouviu sobre a Competência em informação (information Literacy, alfabetização informacional, letramento informacional, competência informacional etc.) ao longo da sua vida acadêmica e profissional.

	1	2	3	4	5	
NUNCA	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	SEMPRE

6. Com base na sua resposta anterior, como você entende e descreve a Competência em Informação?

- Processo que tem por objetivo a interiorização de comportamentos adequados e aquisição de habilidades pelos usuários com relação para uso eficaz e eficiente da biblioteca e demais sistemas de informação.
- Conjunto de ações e / ou estratégias para desenvolver determinadas habilidades no usuário por desconhecer situações específicas de uso da biblioteca e de seus recursos informacionais, envolvendo o conjunto e meios necessários para tal.
- Ação de esclarecer ao usuário sobre a organização da biblioteca, “layout” e serviços oferecidos.
- Processo formal e intencional voltado para o usuário cujo objetivo é propiciar condições para seu desempenho efetivo em relação ao uso da biblioteca e dos recursos informacionais.
- Descrição rigorosa de procedimentos acompanhada de pormenores, para que o usuário consiga manejar eficientemente os recursos informacionais da biblioteca.
- Aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de atitudes e habilidades de acordo com o tipo de usuário da biblioteca.
- Prática voltada para o desenvolvimento de habilidades referentes ao uso da biblioteca e seus recursos informacionais, que mediante orientação e instrução, ensina o usuário a pesquisar no catálogo da biblioteca, a encontrar livros nas prateleiras, a compreender a forma que a biblioteca funciona e é organizada e quais serviços ela oferece.
- Ação transformadora na mobilização e articulação da informação para a geração de conhecimento significativo pelos sujeitos.

- Prática transdisciplinar com ênfase e abrangência em fontes de informação disponíveis em diversos suportes e armazenadas em ambientes de natureza vária, com foco em conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e entorno que as pessoas adquirem para usar a informação de modo inteligente e construir conhecimento aplicável à realidade onde se inserem.
- Desenvolver pessoas capazes de encontrar, avaliar e usar a informação de forma eficiente e eficaz para resolver problemas ou tomar decisões, usando ou não uma biblioteca.
- É um movimento social e uma disciplina científica.
- Conjunto de três grandes classes de habilidades relacionadas à informação: acessar, avaliar e sintetizar informação.
- Capacidade de reconhecer quando uma informação é necessária e habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente a informação de que necessita.
- Habilidades em lidar com as tecnologias de informação.
- Habilidade de definir, localizar, acessar, avaliar e usar a informação de forma ética e socialmente responsável como parte de uma estratégia de aprendizado ao longo da vida.
- Processo holístico influenciado por relações sociais, físicas e textuais com a informação, as quais demandam uma série de práticas e atestam a complexidade e a variedade das fontes de informação dentro de um contexto.
- Desenvolvimento da habilidade de construir sentido, cujo resultado seria o aprendizado independente e o pensamento autônomo.
- Adoção de um comportamento informacional apropriado para identificar, mediante qualquer canal ou meio, informação adequada às necessidades, levando ao uso correto e ético da informação na sociedade.
- Arte neoliberal, que vai desde saber como usar os computadores e acessar a informação até a reflexão crítica sobre a natureza da informação em si, sua infraestrutura técnica, e o seu contexto e impacto social, cultural e mesmo filosófico.
- Conceito amplo que abrange habilidades em informação, habilidades em tecnologias de informação, habilidades em bibliotecas, habilidades em resolução de problemas e habilidades cognitivas, além de atitudes e valores que possibilitam ao estudante atuar efetivamente no contexto da informação.

Outros. Qual? \_\_\_\_\_

7. Dentre as ações (produtos/serviços) que a sua biblioteca realiza indique as que você entende contribuir especificamente para desenvolver a Competência em Informação

- Visita Guiada à biblioteca para conhecer como funciona e está organizada
- Instrução a respeito do funcionamento da biblioteca (regras, serviços e etc)
- Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para uso de gestores de referências - *Mendeley, Zotero, End Not* e etc.
- Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) no preenchimento do Currículo Lattes.
- Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) de iniciação à pesquisa em bases de dados em geral - criação de estratégia de busca, uso de operadores booleanos, critérios para avaliação dos resultados de pesquisa, e outros recursos).
- Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para o uso do portal de periódicos da Capes - formas de acesso, cobertura, estratégias e tipos de busca, recursos e ferramentas.
- Treinamento para uso do catálogo.
- Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para identificação e uso de canais e fontes de informação.
- Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) no uso de normas para formatação de trabalhos acadêmicos.
- Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para o uso ético da informação.
- Folders, Cards e/ou manuais auto instrucionais sobre o uso ético da informação.
- Orientação individual para uso das normas para formatação de trabalhos acadêmicos.
- Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para o uso do catálogo da biblioteca.
- Folders, Cards e/ou manuais auto instrucionais sobre a seleção de fontes de informação.

- Folders, Cards e/ou manuais auto instrucionais para uso do catálogo da biblioteca.
  - Emissão de Nada Consta.
  - Emissão de ficha catalográfica.
  - Não realizamos ações de desenvolvimento da Competência em informação.
  - Outros. Quais? \_\_\_\_\_
8. A partir do que você respondeu na questão anterior indique em que formato são organizadas as ações que englobam a Competência em Informação.
- Projetos (empenho temporário empreendido para criar e oferecer produtos e serviços para alcançar resultado exclusivo”)
  - Programas (conjunto de projetos coordenados entre si de forma articulada e dinâmica e que visam objetivos comuns)
  - Ações Pontuais (ações variadas desenvolvidas no cotidiano, sem que necessariamente sejam planejadas, estruturadas e coordenadas em torno de um objetivo, com determinação a priori do tempo de duração (início, meio e fim).
  - Não realizamos ações de desenvolvimento da Competência em informação
9. Indique qual ou quais habilidades, atitudes e conhecimentos a biblioteca, onde você atua, busca desenvolver nos usuários através dos produtos e serviços voltados a Competência em Informação.
- Selecionar livros, periódicos e demais recursos físicos na biblioteca utilizando o catálogo.
  - Selecionar e utilizar os recursos digitais de informação oferecidos pela biblioteca.
  - Encontrar livros nas prateleiras.
  - Compreender a forma que a biblioteca funciona e é organizada.
  - Determinar e articular necessidades de informação.
  - Reconhecer onde e quais canais e fontes de informação são potenciais para atender determinada necessidade de informação.
  - Expressar as necessidades de informação por meio da elaboração de estratégias de busca.

- Buscar, localizar e acessar informações em variados canais e fontes informacionais.
  - Analisar, examinar e extrair a informação.
  - Generalizar e interpretar a informação.
  - Avaliar a exatidão, fidedignidade, confiabilidade e relevância da informação recuperada.
  - Fazer sínteses das informações recuperadas.
  - Utilizar softwares para gerir referências bibliográficas.
  - Ordenar e categorizar a informação.
  - Determinar qual a melhor e de maior utilidade.
  - Apreender ou internalizar a informação como conhecimento pessoal.
  - Utilizar adequadamente as normas apropriadas a cada área do conhecimento (ABNT, Vancouver, APA, entre outras).
  - Diferenciar e utilizar adequadamente as citações diretas/indiretas.
  - Buscar novas formas de comunicar, apresentar e usar a informação.
  - Aplicar a informação recuperada.
  - Compreender as implicações éticas, políticas e econômicas no uso da informação.
  - Respeitar o uso legal da informação.
  - Comunicar o produto da informação com reconhecimento da propriedade intelectual.
  - Não desenvolvemos ações voltadas ao desenvolvimento de habilidades, atitudes e conhecimentos na biblioteca.
10. Quais recursos e métodos de comunicação, incluindo redes formais e informais e canais de mídia são utilizados pela biblioteca para promover as ações (serviços /produtos) voltados ao desenvolvimento da Competência em Informação?
- Facebook
  - Instagram
  - Whatsapp
  - Lista de transmissão

- Site/Página da biblioteca
- Youtube
- Twitter
- Folders
- Murais
- Boletim informativos impressos / digital

11. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa NADA IMPORTANTE e 5 EXTREMAMENTE IMPORTANTE, indique o grau de necessidade da biblioteca onde você atua desenvolver ações (produtos e serviços) que visem promover a Competência em Informação na comunidade de usuários?

	1	2	3	4	5	
NADA IMPORTANTE	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	EXTREMAMENTE IMPORTANTE

12. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa NUNCA e 5 SEMPRE, indique a frequência que a biblioteca onde você atua oferece à comunidade produtos e serviços que englobam ações de Competência em Informação.

	1	2	3	4	5	
NUNCA	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	SEMPRE

13. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa NUNCA e 5 SEMPRE, indique com que frequência são realizados estudos de usuários para embasar a concepção, planejamento e implementação de serviços, produtos, projetos e programas de desenvolvimento da Competência em Informação.

	1	2	3	4	5	
NUNCA	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	SEMPRE



18. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa NUNCA e 5 SEMPRE, indique com que frequência as ações da biblioteca voltadas ao desenvolvimento da Competência em informação identificam o escopo, objetivos, metas, métodos e diretrizes gerais e específicas para a apreensão, internalização e validação de determinada habilidade, atitude e conhecimento.

	1	2	3	4	5	
NUNCA	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	SEMPRE

19. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa NUNCA e 5 SEMPRE, indique com que frequência as ações de sua biblioteca em prol do desenvolvimento da Competência em Informação usam recursos de mídia e tecnologia da informação relevante e apropriada para apoiar o aprendizado.

	1	2	3	4	5	
NUNCA	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	SEMPRE

20. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa NUNCA e 5 SEMPRE, indique com que frequência os serviços e produtos voltados ao desenvolvimento da Competência em informação oferecidos pela biblioteca promovem o pensamento crítico, a reflexão e a aprendizagem recursiva.

	1	2	3	4	5	
NUNCA	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	SEMPRE

21. Em uma escala de 1 a 5, onde 1 significa NUNCA e 5 SEMPRE, indique com que frequência as ações voltadas ao desenvolvimento da Competência em Informação costumam ser avaliadas pelos participantes e equipe executora com o objetivo de identificar oportunidades de melhoria nos processos e a progressão da aprendizagem.

	1	2	3	4	5	
NUNCA	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	SEMPRE

22. Na sua opinião qual ou quais as principais limitações e dificuldades para a concepção e execução de ações voltadas ao desenvolvimento da Competência em Informação pela biblioteca?

- Pouco conhecimento teórico-metodológico e prático a respeito da competência em informação.
- Recursos humanos insuficientes.
- Recursos financeiros insuficientes.
- Recursos materiais insuficientes.
- Recursos físicos inadequados.
- Pouca colaboração da gestão, da equipe técnico-pedagógica e multiprofissional.
- Infraestrutura tecnológica insuficiente/inadequada.
- Necessidade de conhecimentos pedagógicos (teorias da aprendizagem, didática, metodologias de ensino e etc) não fornecidos na graduação.
- Pouca conhecimento teórico e prático do bibliotecário sobre a temática.

**APÊNDICE C - Questionário encaminhado aos gestores de coordenadorias, diretorias, sistemas e redes de bibliotecas de Institutos Federais**

**Texto Introdutório:**

Este questionário faz parte de uma pesquisa de mestrado intitulada “A Competência em Informação nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: sentidos, práticas e desafios” que está sendo realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Espírito Santo e desejamos a sua participação. O objetivo dela é investigar as ações das bibliotecas do Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia quanto à oferta de recursos/produtos/serviços orientados ao desenvolvimento da Competência em Informação. Sua colaboração é fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, assim como poderá gerar subsídios para a atuação dos (as) profissionais bibliotecários (as) que atuam na rede federal de educação profissional e tecnológica.

Participar desta pesquisa é opcional, ficando assegurado o seu direito de não participação. Caso você aceite contribuir respondendo a este questionário, esclarecemos que:

- d) Nossa intenção não é avaliá-lo. Estamos interessados nas ações desenvolvidas pela biblioteca que você atua em prol da Competência em Informação e na conduta perante elas.
- e) É necessário o preenchimento do questionário até o final, você levará apenas uma média de 4 minutos;
- f) Você não precisará se identificar. Garantindo o seu anonimato.

E-mail: \_\_\_\_\_

Você aceita participar desta pesquisa?

Sim<sup>16</sup>

Não<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Ao selecionar essa opção o (a) participante indicava ciência e concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e era direcionado (a) para a seção seguinte que dava início as perguntas

<sup>17</sup> Ao selecionar essa opção o (a) participante indicava não concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e indicava não ter interesse em participar encerrando o formulário sem respondê-lo.

1. Indique a qual instituição está vinculado o Sistema / Rede / Diretoria / Coordenadoria de Bibliotecas que você atua como gestor.

- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rondônia
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Roraima
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Goiano
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Goiás
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Brasília
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso do Sul
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Baiano
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pernambucano
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Alagoas
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraíba
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul

- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina
- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
- Outra.

Qual?

---

2. Qual é o seu último grau de formação

- Bacharelado
- Especialização
- Mestrado
- Doutorado
- Outros. Quais? \_\_\_\_\_

3. A quanto tempo você atua como gestor do Sistema / Rede / Diretoria / Coordenadoria de bibliotecas

- Menos de 1 ano
- 1 ano
- 2 anos
- 3 anos
- 4 anos
- 5 anos
- Mais de 5 anos

4. Em uma escala, onde 1 significa NUNCA e 5 SEMPRE, indique com que frequência você leu, assistiu ou ouviu sobre a Competência em informação (information Literacy, alfabetização informacional, letramento informacional, competência informacional etc.) ao longo da sua vida acadêmica e profissional.

1                    2                    3                    4                    5

NUNCA            ○                    ○                    ○                    ○                    ○                    SEMPRE

5. Em uma escala, onde 1 significa NUNCA e 5 SEMPRE, indique com que frequência a gestão do Sistema / Coordenadoria / Direção geral de bibliotecas, nos últimos três anos, promoveu ações (programa / projetos / ações pontuais) que englobam a Competência em Informação.

	1	2	3	4	5	
NUNCA	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	SEMPRE

6. Em uma escala, onde 1 significa NUNCA e 5 SEMPRE, indique com que frequência no âmbito do Sistema / Rede / Coordenadoria / Direção geral de bibliotecas, o tema competência em informação já foi debatido.

	1	2	3	4	5	
NUNCA	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	SEMPRE

7. Na sua opinião a Educação de Usuários e a Competência em Informação são terminologias diferentes para a mesma atividade?

- Sim  
 Não  
 Talvez

8. De acordo com a sua resposta na questão anterior, por gentileza, você poderia explicar como compreende a educação de usuários e a competência em informação? \_\_\_\_\_

9. Indique ações (produtos/serviços) que todas as bibliotecas dos Institutos Federais devem realizar para contribuir especificamente com desenvolvimento da Competência em Informação na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica

- Visita Guiada à biblioteca para conhecer como funciona e está organizada.  
 Instrução a respeito do funcionamento da biblioteca (regras, serviços e etc).  
 Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para uso de gestores de referências - *Mendeley, Zotero, End Not* e etc.  
 Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) no preenchimento do Currículo Lattes.

- Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) de iniciação à pesquisa em bases de dados em geral - criação de estratégia de busca, uso de operadores booleanos, critérios para avaliação dos resultados de pesquisa, e outros recursos).
- Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para o uso do portal de periódicos da Capes - formas de acesso, cobertura, estratégias e tipos de busca, recursos e ferramentas.
- Treinamento para uso do catálogo.
- Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para identificação e uso de canais e fontes de informação.
- Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) no uso de normas para formatação de trabalhos acadêmicos.
- Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para o uso ético da Informação.
- Folders, Cards e/ou manuais auto instrucionais sobre o uso ético da informação.
- Orientação individual para uso das normas para formatação de trabalhos acadêmicos.
- Capacitação (cursos, oficinas, treinamentos e tutoriais) para o uso do catálogo da biblioteca.
- Folders, Cards e/ou manuais auto instrucionais sobre a seleção de fontes de informação
- Folders, Cards e/ou manuais auto instrucionais para uso do catálogo da biblioteca.
- Emissão de Nada Consta.
- Emissão de ficha catalográfica.
- Não precisa realizar ações de desenvolvimento da Competência em informação
- Outros. Quais? \_\_\_\_\_

10. Para que o desenvolvimento da Competência em Informação seja contínuo na comunidade escolar e acadêmica da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, você acredita...

- Ser necessário a integração de gestores, bibliotecários, docentes, equipe técnico-pedagógica (Técnicos em Assuntos Educacionais, Pedagogos) e multiprofissional (Psicólogos, Assistentes sociais etc) mediante um PROGRAMA institucional de desenvolvimento da Competência em Informação.
- Ser necessário a atuação individual das equipes de bibliotecas (bibliotecários, auxiliares de bibliotecas, e etc) da instituição mediante AÇÕES PONTUAIS diversificadas.
- Ser necessário a integração de gestores, bibliotecários, docentes, equipe técnico-pedagógica (Técnicos em Assuntos Educacionais, Pedagogos) e multiprofissional (Psicólogos, Assistentes sociais etc) mediante diferentes PROJETOS institucionais de desenvolvimento da Competência em Informação.
- Ser necessário a integração de todas as bibliotecas da instituição e seus colaboradores em torno de um PROGRAMA institucional de desenvolvimento da competência em informação.
- Ser necessário a atuação individual das equipes de bibliotecas (bibliotecários, auxiliares de bibliotecas, e etc) da instituição mediante PROJETOS diversificados.
- Ser necessário o desenvolvimento de produtos e serviços por todas e em todas as bibliotecas, independente do formato (PROGRAMA, PROJETOS, AÇÕES PONTUAIS).
- Ser facultativo, respeitando-se o perfil e a autonomia para tomada de decisão do bibliotecário de cada unidade.
- Não ser necessário qualquer ação específica das bibliotecas e da gestão, uma vez que, a comunidade desenvolverá a competência em informação a partir das relações estabelecidas na própria comunidade acadêmica e escolar.
- Ser necessário que os profissionais da informação a reconheçam e a compreendam como uma ação transformadora na mobilização e articulação da informação para a geração de conhecimento significativo pelos sujeitos.
- Outros. Quais? \_\_\_\_\_

12. Em sua opinião, o que pode ser feito para que o desenvolvimento da competência em informação seja uma realidade em todas as bibliotecas Rede Federal de Educação Profissional Tecnológica?

- Nada.
- Capacitar as equipes das bibliotecas do Sistema / Diretoria / Coordenadoria.
- Criar um Programa de Competência em Informação no âmbito do Sistema / Diretoria / Coordenadoria.
- Criar Projetos diversificados de Competência em Informação no âmbito do Sistema / Diretoria / Coordenadoria.
- Destinação pela gestão de recursos financeiros para a biblioteca.
- Aumentar os recursos humanos.
- Mudar a biblioteca para espaço adequado.
- Ampliar e melhorar o acesso aos recursos tecnológicos.
- Ampliar e melhorar os recursos midiáticos.
- Desenvolver ações motivacionais com os colaboradores das bibliotecas para que assumam o compromisso de desenvolver a Competência em Informação na comunidade.
- Os profissionais de bibliotecas (bibliotecários, auxiliares, assistente e etc) conheceram a Competência em Informação e se mobilizarem para desenvolvê-la junto a comunidade.
- Outros. Quais? \_\_\_\_\_

13. A respeito do desenvolvimento da Competência em Informação indique como você compreende o papel dos bibliotecários que atuam em bibliotecas dos campi / unidades da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

- Agir para o desenvolvimento profissional dos demais bibliotecários.
- Compartilhar o valor da informação e do conhecimento e defender o papel da biblioteca na aprendizagem e no desenvolvimento dos estudantes e dos currículos escolares escolares.
- Promover uma cultura inclusiva no processo de ensino.
- Incentivar e capacitar outros bibliotecários educadores para seu desenvolvimento profissional.

- Colaborar no desenvolvimento de iniciativas e objetivos para a competência em informação.
  - Auxiliar no desenvolvimento de instruções apropriadas ao público.
  - Identificar necessidades de aprendizagens com base em ferramentas e teorias.
  - Auxiliar na definição de metas e resultados para os programas de ensino e desenvolver aulas criativas e atraentes.
  - Participar de discussões e debates em torno do ensino e da aprendizagem.
  - Demonstrar-se aberto para colocar em prática novas ideias e projetos pedagógicos.
  - Desenvolver modelagem de novas práticas pedagógicas.
  - Estabelecer parcerias com outros bibliotecários.
  - Captar recursos para o programa de ensino da competência em informação.
  - Orientar os usuários para o processo de busca da informação.
  - Auxiliar o usuário a determinar e articular necessidades de informação.
  - Treinar o usuário para buscar, localizar e acessar informações em variados canais e fontes.
  - Instruir o usuário na utilização de softwares para gerir referências bibliográficas.
  - Capacitar os usuários para utilizar adequadamente as normas apropriadas a cada área do conhecimento (ABNT, Vancouver, APA, entre outras).
  - Orientar a respeito das implicações éticas, políticas e econômicas no uso da informação.
  - Outros. Quais? \_\_\_\_\_
14. Em sua opinião, o que falta para que o desenvolvimento da competência em informação seja uma realidade em todas as bibliotecas da Rede Federal de Educação Profissional Tecnológica?
- Não falta nada.
  - Conhecimento teórico e prático sobre a temática.
  - Recursos financeiros.
  - Recursos humanos.

- Interesse institucional (reconheçam e a compreendam como uma ação transformadora na mobilização e articulação da informação para a geração de conhecimento significativo pelos sujeitos.).
  - Interesse dos gestores das bibliotecas (reconheçam e a compreendam como uma ação transformadora na mobilização e articulação da informação para a geração de conhecimento significativo pelos sujeitos).
  - Interesse da gestão dos sistemas / Diretorias / Coordenadoria de Bibliotecas (reconheçam e a compreendam como uma ação transformadora na mobilização e articulação da informação para a geração de conhecimento significativo pelos sujeitos.).
  - Recursos midiáticos.
  - Recursos tecnológicos.
  - Outros. Quais? \_\_\_\_\_
15. Para você qual o papel dos gestores dos sistemas / rede / diretoria / coordenadoria de bibliotecas a respeito do desenvolvimento da Competência em Informação?
- Agir para o desenvolvimento profissional dos bibliotecários e equipes de bibliotecas no que diz respeito à Competência em Informação.
  - Capacitar os usuários para utilizar adequadamente as normas apropriadas a cada área do conhecimento (ABNT, Vancouver, APA, entre outras).
  - Compartilhar o valor da informação e do conhecimento e defender o papel da biblioteca na aprendizagem e no desenvolvimento dos estudantes e dos currículos escolares escolares.
  - Orientar a respeito das implicações éticas, políticas e econômicas no uso da informação.
  - Promover uma cultura inclusiva no processo de ensino.
  - Instruir o usuário na utilização de softwares para gerir referências bibliográficas.
  - Incentivar e capacitar outros bibliotecários educadores para seu desenvolvimento profissional.
  - Colaborar no desenvolvimento de iniciativas e objetivos para a competência em informação.

- Auxiliar no desenvolvimento de instruções apropriadas ao público.
- Treinar o usuário para buscar, localizar e acessar informações em variados canais e fontes.
- Outros. Quais? \_\_\_\_\_

16. Enquanto gestor (a) de um Sistema / Rede / Coordenadoria / Direção geral de bibliotecas, quais são as maiores dificuldades, limitações e desafios para concepção, implementação e institucionalização de um programa de competência em informação em todas as bibliotecas da sua instituição?

- Recursos humanos insuficientes.
- Recursos financeiros insuficientes.
- Recursos materiais insuficientes.
- Recursos físicos inadequados.
- Pouca colaboração da gestão, da equipe técnico-pedagógica e multiprofissional.
- Infraestrutura tecnológica insuficiente/inadequada.
- Necessidade de conhecimentos pedagógicos (teorias da aprendizagem, didática, metodologias de ensino e etc) não fornecidos na graduação.
- Pouco conhecimento teórico e prático do bibliotecário sobre a temática.
- Infraestrutura midiática insuficiente/inadequada.
- Ausência de consenso entre os bibliotecários do Sistema / Rede / Coordenadoria / Diretoria das finalidades e missão das bibliotecas.
- Ausência de parâmetros e diretrizes específicas para bibliotecas da Rede Profissional e Tecnológica.
- Falta de cooperação entre os bibliotecários e as equipes das bibliotecas com a gestão do Sistema / Rede / Coordenadoria / Diretoria.
- Pouco diálogo com os docentes da instituição.
- Falta de interesse dos bibliotecários do Sistema / Rede / Coordenadoria / Diretoria das finalidades e missão das bibliotecas.
- Não existem dificuldades, limitações e desafios.
- Outros. Quais? \_\_\_\_\_